

Prof.^a Cleunice Orlandi de Lima

Depois do suicídio...

Eu fui um suicida. Fui viver na região onde as lágrimas são ferventes, onde os réprobos se mordem, se arranham, gargalham, rugem, soluçam, praguejam, maldizem. (Camilo Castelo Branco)

Na Terra acreditam que, com o suicídio, conquista-se a paz do Nada. Sono tranquilo, término das angústias, cura para as dores, libertação... E se enganam. Suicídio não é morte. Não dá libertação, não leva ao esquecimento, não faz calar a consciência, não é o sono tranquilo... (Camilo Castelo Branco)

O tempo estacionou no momento exato em que fizéramos tombar o nosso corpo para a morte. Daí para cá só assombro, confusão, lágrimas, dores, remorsos. (Camilo Castelo Branco)

Oh castigo! Nós estávamos vivos ainda, diante do corpo apodrecido e doíam em nós as picadas monstruosas dos vermes! Ficávamos como loucos sentindo, em nós mesmos, o que se passava em nosso corpo morto no túmulo! (Camilo Castelo Branco)

Os suicidas se demoram no sofrimento o tempo que lhes restava para o final de seu compromisso na Terra: dias, meses, anos... (Camilo Castelo Branco)

Peço aos que me lerem, que acreditem sem experimentar. Aceitem a vida tal como ela é. Aceitem as dores, a cegueira, as deformações, os aleijumes, o desespero, a desgraça, a fome, a desonra, a lama. Tudo, tudo de mau, de injusto que a Terra possa dar são coisas excelentes em comparação ao que terão no caminho do suicídio. (Camilo Castelo Branco)

Depois do Suicídio...
Cleunice Orlandi de Lima
© Copyright 1998

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lima, Cleunice Orlandi de
Depois do Suicídio / Cleunice de Lima
Paulo: DPL, 1998

1- Espiritismo 2. Romance Brasileiro I. Título

98-3343

CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances Espíritas: Espiritismo 133.93

Conteúdo

Apresentação

I- Depoimentos

- Camilo Castelo Branco
 - a) - *Os réprobos*
 - b) - *Os condenados*
 - c) - *O Vale dos Suicidas*
 - d) - *O socorro*

II Outros depoimentos

- Dr. Raul Martins
- Mousinho de Albuquerque
- Antero de Quental
 - a) *À Morte*
- Saturação social
- **Presídio no próprio corpo**
- Jacinto
- Sr^a F.
- Luiz Alves
- Marina
- **Presídio no local da morte**
- Uma quitandeira
- François Simon Louvet
- **Em busca do ser amado**
- Júlio César Machado
- Sr^a M. C. e seu filho Benjamim
- Negociante de Paris

III - Motivos que levam ao suicídio

- A história de Camilo
 - a) *“As causa da minha cegueira”*

IV - Outras considerações

V - Suicídios involuntários

- André Luiz

VI - Consequências do suicídio

- 1 - *Consequências imediatas*
- 2 - *Consequências a médio prazo*
- 3 - *Consequências planetárias*

VII - Preces aos suicidas

- Maura Araújo Javarini
- Camilo Castelo Branco
- Prece por um suicida
- Livros consultados

Sobre a autora

Apresentação

Esta obra foi composta com amor. É uma colcha de retalhos - um pouco deste livro, outro pouco daquele outro, um comentário aqui, outro ali... mas cada retalho é um grito de alerta; uma tentativa de fazer luz sobre um tema quase nada ventilado nos seus aspectos mais significativos: o suicídio.

O noticiários, quando se manifestam, é para noticiar mais um fato consumado. E dão as estatísticas, como se o assunto coubesse em números, como se pudesse ser resumido em tabelas e gráficos. E pronto! Está feita a obrigação da imprensa.

Há livros que desenvolvem o assunto mas, neutros, focalizam apenas a evolução histórica, maneiras de ser encarado nos diferentes povos, reflexos sociais, aspectos psicológicos predominantes que levam à morte voluntária. E só também. Nada que esclareça quanto àquilo que o futuro suicida necessita saber.

Há religiões que tentam, com maior veemência, suspender o gesto criminoso justificando que é a maior afronta a Deus, ofensa à sociedade, ingratidão para com os familiares, desprezo pelas leis cósmicas, ato de rebeldia, fuga covarde. No entanto, estes argumentos, franzinos demais, não têm conseguido deter a mão que se volta contra o próprio corpo. Por quê?

Ora, aquele que decidiu se matar bem sabe que vai ferir a outrem e este saber não tem suspenso seu braço na hora trágica porque o que ele quer é isso mesmo: ferir a outrem!

É verdade! A pessoa que se mata está sim, querendo ofender a Deus, pois Ele não lhe faz as vontades, não lhe facilita a vida, não cura sua doença, não resolve seus problemas. O futuro suicida quer afrontar a Deus e ofender a sociedade. Quer machucar os familiares. Despreza as leis cósmicas, não faz questão que o chamem de rebelde, nem de covarde ou de ingrato - afinal, ele não estará aí para ouvir!

E eu o sei, porque estive a um palmo do suicídio. Tudo o que eu disser, portanto, é aplicado a mim primeiro, depois aos outros.

O futuro suicida não liga para coisa alguma a não ser para si, para a própria dor, própria miséria, própria solidão, próprios motivos. Ele ama a si mesmo, só quer bem a si mesmo. É um egoísta que quer deixar os sofrimentos para os outros enquanto ele sai de cena, à procura da felicidade. Quer sair voando na liberdade da não preocupações, do não mais sofrer frustrações, nem desprezo ou humilhações. Dormir! Descansar! Deixar de existir! Apagar! E deixar para trás uma porção de gente se remoendo com a consciência pesada.

- *E com que prazer o futuro suicida pensa na própria morte! Com que prazer ele imagina a cena do velório! Justamente aquelas pessoas que o magoaram estarão chorosas, cheias de remorsos, pedindo-lhe perdão em altos brados. E ele ali, indiferente, podendo assistir a tudo, deliciando-se com as dores dos outros, desferrando-se, vingando-se!*

Ah, visão que envaidece qualquer tolo!

*Mas o que o futuro suicida não prevê é o **depois...***

*Na verdade, ele nem imagina que existe o **depois...***

Depois que o caixão se fecha sobre si; depois que o corpo afunda na terra; depois que as pessoas se afastam; depois que a noite desce sobre o cemitério e ele estiver a sós consigo mesmo...

*E é do “**depois...**” que este livro trata.*

Fui levada a escrever porque fui salva por um livro.

Desde criança - e até hoje, já avançada em idade - sinto desejos de morrer. É uma ansiedade, uma saudade não sei do quê, uma vontade de voltar não sei para onde. E aquela vidinha sofrida de desgostos, trabalhos, frustrações, renúncias, decepções, humilhações, lágrimas - e por fim, a morte de um filhinho... Nada de lazer, nada de descanso, nada de alegrias, nada de recompensas. Os dias se amontoando, um pior que o outro, sem nada que valesse a pena.

Busquei a morte num punhado de comprimidos para dormir. Graças a Deus, a quantidade foi insuficiente e somente senti sono além da conta. Tempos depois, outro punhado de comprimidos e, de novo, a quantidade foi pequena. Na próxima vez, eu acertaria!

*À época, eu trabalhava na biblioteca de uma escola e, frequentemente, chegavam livros por doação e foi entre uma porção de doados que chegou o “**Memórias de um suicida**”, psicografado por Yvonne Pereira de Almeida. Com que sofreguidão abri o livro! Afinal, ia saber algo sobre a morte espontânea, porquanto era um livro de memórias com quase 600 páginas.*

Lidas apenas as primeiras páginas, eu já não era mais candidata ao suicídio. Então era aquilo que acontecia aos que se matam? Aquele horror todo? Não, eu não estava mais interessada.

*E fiquei a pensar que as pessoas buscam a morte porque desconhecem o que existe **depois**; ignoram o que acontece a partir do momento em que o corpo cai sem vida. Pois eu faria com que conhecessem! Tentaria abrir os olhos dos que pensam, como eu pensava, que a morte voluntária é o mesmo que a morte natural. Comprei 14 exemplares do citado livro e passei a emprestar, a dar de presente a quem eu adivinhava motivos ou propensão para o suicídio. No entanto, as pessoas não o liam! Mesmo ganhando de presente ninguém, que eu saiba, ia além das duas primeiras páginas. Eu não entendia os motivos até que, num dia, fiquei sabendo. Foi assim:*

Alguém me falou sobre uma senhora - Iraídes - que tentara o suicídio uma dezena de vezes. Mesmo sem a conhecer, eu a procurei. Conversei sobre o assunto e ofertei um exemplar do livro, pedi que o lesse. Na segunda visita, ela confessou que havia interrompido a leitura logo nas primeiras páginas porque não entendia muitas palavras. E me perguntou: “O que quer dizer tatear?”. Expliquei o sentido da palavra e, só então, entendi a causa da não leitura: difícil demais para pessoas não muito letradas dos tempos atuais.

Seu autor espiritual, Camilo Castelo Branco, um dos maiores escritores portugueses do século XIX conservou, nas suas mensagens à Terra, o estilo de escrever da sua época: longas orações na ordem inversa, extensas descrições, palavras de difícil compreensão - muitas já fora de uso - fatos fora de ordem cronológica.

Aliás, se a palavra tatear - até não tão difícil - não pôde ser entendida, o que dizer das 568 páginas daquele livro? Foi então que surgiu a idéia de resumir o “Memórias de um suicida” para que o alerta de Camilo deixasse de ser proibitivo para a maioria maciça da nossa gente. Fiz o resumo, juntei-lhe outros depoimentos e comentários próprios, sempre visando esclarecer, de forma didática, o que vem a acontecer depois do suicídio.

E tomei a liberdade de fazer o mesmo com todos os depoimentos e comentários: resumi e fiz a troca de palavras de difícil compreensão por outras de fácil entendimento - que me perdoe o Allan Kardec, mas até mesmo os livros dele sofreram alterações quanto à forma - mas não quanto ao conteúdo. Tenho a certeza que ele não vai me condenar.

No total, deu um folheto de 20 páginas. Levei à gráfica e foram feitos mil exemplares, que seriam totalmente doados. Levei um exemplar à Iraídes, mas, dias antes, ela havia se mudado para outra cidade. Não tive mais notícias dela; não mais a vi a não ser, poucos anos depois, já num caixão! Mais uma vez ela tentou se matar e, desta vez com êxito, infelizmente. Ela conseguiu suicidar-se!

Pobrezinha! Não chegou a ver o livro que ela própria inspirou, sem o saber!

Agora, o mesmo livro está em suas mãos. Não um simples folheto, mas um livro completo, feito a partir das memórias de todos os suicidas que mandaram notícias à terra.

Leia.

Empreste.

Comente.

Faça a sua parte.

Salve vidas!

“Tudo o que está neste livro pode ser mentira... mas, e se for verdade?”

Cleunice

I- DEPOIMENTOS

Camilo Castelo Branco

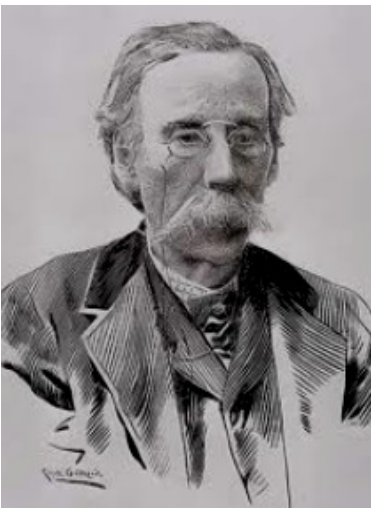
a - Os réprobos

Aquele que se atira no suicídio espera livrar-se de sofrimentos considerados insuportáveis...

Também eu pensei assim.

Enganei-me, porém - e sofrimentos milhões de vezes maiores, lutas infinitamente mais dolorosas me esperavam dentro do túmulo onde me escondi, pensando escapar às dores do corpo físico.

As primeiras horas depois do meu suicídio foram passadas como se estivesse dormindo. Fiquei como que desmaiado. Não ouvia, não sentia coisa alguma a não ser a sensação da morte que acabara de buscar. Era como se aquele tiro maldito - que até hoje ainda ecoa na minha cabeça - tivesse esparramando cada uma das células que compunham meu corpo.



Camilo Castelo Branco (1825 – 1890)

A linguagem humana ainda não inventou palavras que possam definir as impressões que sente o suicida, logo depois do desastre que ele cometeu. Para entender tudo e medir com precisão a intensidade de tão dramática surpresa, só outro espírito que houvesse cometido a mesma loucura e que houvesse se queimado nas mesmas dores!

Nas primeiras horas - que se fossem só elas, já seriam um inferno grande demais - sente-se dolorosamente machucado, nulo, arrebentado em cada uma das moléculas. Perde-se no vácuo e, apesar disso, sente-se medo, acovarda-se, sente-se a profundidade apavorante do erro cometido, na certeza de se haver ultrapassado os limites permitidos.

Pouco a pouco, fui me sentindo acordar. Sentia frio, muito frio. Tremia! Tinha a impressão de que minhas roupas eram feitas de gelo e estivessem grudadas em minha pele e esta sensação trazia-me mal-estar geral. Faltava-me o ar, faltava-me a respiração. Sentia um mau cheiro tão grande, que causava náuseas. E uma dor aguda, violenta, enlouquecedora no corpo inteiro, mais particularmente na cabeça, partindo do

ouvido. Levei a mão ao ouvido direito e percebi o sangue escorrendo do buraco feito pela bala do revólver que usei para me matar. O sangue manchou-me as mãos, a roupa, o corpo...

E eu nada enxergava. Convém esclarecer que o motivo que me levou ao suicídio foi a revolta por haver ficado cego. Pensei que o sofrimento da cegueira fosse grande demais, superior às minhas forças. Como eu estava enganado!

Ao acordar na morte, sentia-me ainda cego e agora, além de cego, estava ferido! Mas eu acreditava estar apenas machucado - e não morto! Sim, a vida continuava em mim como antes do suicídio!

Sentindo-me vivo, acreditei que o ferimento que fizera em mim não havia sido suficiente para me matar. Imaginei estar deitado em algum leito de hospital, ou em minha casa, mas nada conseguindo ver, era impossível reconhecer o lugar. As dores, a incerteza sobre onde estava e a solidão começaram a me angustiar. Chamei por meus familiares, por amigos que por certo me acompanhariam em momento tão crítico, mas o silêncio continuava. Cheio de mau humor, gritei por enfermeiros e por médicos. Bradei por qualquer pessoa que pudesse abrir as janelas daquele aposento em que me achava. Eu precisava de ar puro, de cobertores quentes que afastassem de mim aquele frio intenso. Eu precisava que fizessem um curativo na ferida do ouvido; e que me trouxessem alimento e água, pois tinha fome, sentia sede.

Silêncio! O que ouvi, horas depois, foi um vozerio que começou ao longe e foi ficando mais claro, mais próximo. Era um coro de vozes confusas e desorientadas, como uma assembléia de loucos. Estas vozes não falavam entre si, não conversavam. Gritavam, queixavam-se, lamentavam, reclamavam, uivavam, gemiam, choravam um pranto de horror, suplicavam socorro e piedade.

Aterrado, sentia-me ligado, não sei de que forma, àquelas pessoas que gritavam. Suas vozes infundiam-se tão grande pavor, que tentei levantar-me, querendo afastar-me para não ouvi-las. Procurei caminhar, mas não conseguia! Parecia-me possuir raízes que me prendiam naquele lugar úmido e gelado. Não podia soltar-me! Aliás, mesmo que o pudesse como sair dali, se estava a esvaír-me em sangue? Como andar, se estava cego, em lugar que não sabia qual era? E como apresentar-me em público, com aparência tão repugnante?

Cheio de covardia, me pus a chorar e, quando chorava, aquele som de loucos parecia fazer estranho coro

comigo, como se tivéssemos algo em comum. Insisti no desejo de fugir dali e, depois de grandes esforços, consegui me levantar. O corpo estava frio, os músculos retesados, o corpo inteiro formigando. Quando fiquei em pé, o cheiro de sangue e carne podres fez-se tão fortes, que senti náuseas - e o mau cheiro partia do ponto exato em que estivera deitado. Não entendia como cheirava tão mal a cama da qual me levantara - talvez fosse pelo sangue que continuava a correr. Realmente! Eu me encontrava empastado pelo sangue que empapava minhas roupas; eu estava inteiro coberto de sangue que, como lodo asqueroso, não parava de sair do ferimento que eu mesmo fizera.

Com surpresa percebi estar vestido com minhas melhores roupas como se fosse a uma festa, apesar de estar preso a um leito de dor. E não entendia que de um simples machucado pudesse sair tanto sangue - nem porque não havia ali alguém para fazer curativos e trocar os panos.

Inquieto, vaguei pela escuridão procurando a porta de saída. Tropecei num montão de destroços e me curvei para o chão, querendo examinar, com as mãos, quais coisas eram aquelas que estavam à minha frente.

Então, ah, Deus! Descobri que o monte de escombros era nada menos que a terra de uma sepultura, recentemente fechada!

Não sei como, se estava cego, pude ver o que existia em volta. Eu estava no cemitério!

A loucura se apoderou de mim. Comecei a gritar, a uivar como demônio enfurecido - e agora era eu quem fazia coro àquelas vozes malditas que não se calavam e pareciam se aproximar ainda mais. O que eu fazia num cemitério? Como havia ido parar ali, assim ferido, sozinho, fraco e doente? Era verdade que eu tentara o suicídio, mas não havia conseguido. Eu dera o tiro, mas estava vivo... Eu quis morrer, mas...

E, devagar, a consciência me falou coisas que eu não queria nem pensar:

- "*Não quiseste o suicídio? Pois aí o tens.*"

Como assim? Como poderia ser? Eu não havia conseguido morrer! Acaso não estava ali, vivo e andando? Como estaria morto, se podia sentir meu corpo ainda vivo?

Nem havia acabado de fazer tais perguntas, quando me vi a mim próprio! Vi-me como em frente a um espelho: *morto, deitado inerte num caixão, já com as carnes apodrecendo numa sepultura, justamente aquela sobre a qual, acabava de tropeçar!*

Fugi dali cheio de horror, desejando esconder-me de mim mesmo! E, como louco que agora estava eu corria, corria, tendo sempre à minha frente o meu corpo apodrecendo coberto por lesmas nojentas e fainhas, que brigavam entre si para devorar aquele corpo que era eu mesmo!

Ah, que vontade de morrer! Que vontade de morrer de verdade, pois, mesmo querendo me matar, continuava vivo igual antes - ou mais vivo ainda!

Na fuga desesperada, consegui chegar à cidade. Fui entrando em todas as portas abertas, a fim de me esconder. Vaguei pelas ruas tropeçando, caindo, apoiando-me nas paredes, sofrendo sozinho ali, naquela mesma cidade onde eu sempre fui respeitado, onde meu nome era conhecido, famoso, endeusado como um gênio. Consegui chegar a minha casa. Ali, percebi grande desordem. Meus objetos de uso pessoal, meus livros, manuscritos, apontamentos, nada encontrei nos seus lugares de costume. Senti-me estranho em minha casa. Nem amigos, nem parentes me dedicavam ao menos uma palavra de conforto.

Dirigi-me a consultórios médicos, tentei ser recolhido num hospital, pois sentia febre, dor, mal-estar. Em vão me apresentava; ninguém ligava importância quando eu dizia meu nome, quando dizia quem era, o que havia feito, meus títulos, minhas qualidades pessoais - orgulho tolo, pois ninguém me ouvia, ninguém me olhava, ninguém me via!

Aflito e sentindo dores, não encontrava alívio em nenhum lugar. Faltava-me algo, sentia-me incompleto. Esta coisa que eu perdera e que me fazia falta era o meu corpo morto que me atraía para o túmulo onde se encontrava, como se poderoso imã me puxasse com força. Era tão grande a atração exercida pelo meu cadáver e, não encontrando lugar algum onde pudesse descansar, voltei ao local tenebroso de onde viera: o cemitério. Debrucei-me soluçando sobre a sepultura que guardava meus restos sentindo fúria diabólica, compreendendo que me suicidara, estava sepultado, mas que, apesar disso, continuava vivo e sofrendo mais, muito mais que antes.

Durante alguns meses, vaguei sem rumo. Ligado à carne que apodrecia, não podia me ausentar dali. Apesar de cego, vi fantasmas perambulando pelo cemitério que, iguais a mim, estavam chorosos e aflitos.

Numa das vezes em que ia e vinha entre a cidade e o cemitério, me apoiando nas paredes e tropeçando pelas ruas, ao dobrar uma esquina deparei com certa multidão - cerca de duzentas pessoas, entre homens e mulheres, todos suicidas.

Era noite; ou pelo menos eu achava que era, pois estava sempre envolvido pela escuridão da cegueira (*tudo o que venho narrando, percebia mais ou menos dentro de uma escuridão, como se enxergasse mais pelos outros sentidos do que mesmo pela visão*). Essa multidão era a mesma que vinha me aterrando com seus lamentos desde que acordei na morte. Tentei recuar, fugir, ocultar-me, porém logo me vi envolvido por

aquelas pessoas que uivavam desesperadamente. Fui levado de roldão, empurrado, arrastado. Era tal a aglomeração que me perdi dentro dela. Percebi que aquele bando de suicidas era conduzido por soldados, que agora conduziam a mim também. A cada momento, juntava-se à multidão outro vagabundo como acontecera comigo que, mesmo querendo, não poderia mais se afastar da turba barulhenta. Pensei que estivéssemos sendo conduzidos à prisão. Protestei. Em altas vozes bradei que não era um criminoso. Disse meu nome, enumerei meus títulos e qualidades, mas os guardas, se me ouviam, nem tiveram o trabalho de responder. Silenciosos e eretos sobre seus cavalos, impunham temor pelas lanças afiadas que luziam na escuridão.

A caminhada foi longa. O frio era cortante, enregelava a todos. Juntei minhas lágrimas e lamentos ao coro de vozes horripilante participando, eu também, da triste sinfonia de dor.

Caminhamos muito, muito. Finalmente, começamos a andar por um vale profundo. Cavernas surgiram de ambos os lados, numa espécie de ruas que nada mais eram que estreitas gargantas entre montanhas sombrias. Não se via terra no chão; tudo eram pedras, lamaçais, pântanos, sombras, aguaceiros. Aquela era bem a habitação da desgraça. Entrávamos cada vez mais naquele abismo. Seguíamos, seguíamos, até que, no centro de grande espaço encharcado, os cavaleiros fizeram alto e, com eles, estacou toda a multidão.

Fizemos silêncio até percebermos que a soldadesca se retirava. Eles se afastavam, abandonando-nos ali! Sem saber o que significava aquilo corremos atrás deles, procurando nos retirar também. Em vão! Os pântanos, as cavernas as ruelas eram tantas, que se baralhavam à nossa frente, nos confundindo e nos perdíamos em labirintos, pois para quaisquer lados onde olhássemos, para onde nos dirigíssemos, o cenário era sempre o mesmo.

Estranho terror se apossou de todos e pusemo-nos a gritar em desespero.

b - Os Condenados

Meus companheiros eram apavorantes. Feios, magros, desalinados, irreconhecíveis até pelos que os amaram na Terra. Era uma assembleia numerosa de criaturas disformes - homens e mulheres, cujo traço comum era a alucinação. Todos trajavam roupas empastadas do lodo das sepulturas, trazendo a fisionomia alterada pelo sofrimento. Imaginai uma localidade, uma povoação envolvida eternamente por densa penumbra gelada, onde se aglomerem tetricos fantasmas suicidas erguidos do túmulo! Pois era assim a multidão de criaturas que eu tinha por companheiros e, também eu, já esquecido do meu orgulho, pertencia a tão repugnante massa; também eu era um feio, um alucinado, um pastoso como os demais!

O homem da Terra, sem haver caído nas garras da loucura e do suicídio, não será capaz de avaliar os padecimentos pelos quais passei desde que percebi que tudo aquilo não era sonho ou pesadelo. Aquilo tudo era realidade maldita e assombrosa!

E eu via - não sei por qual meio, pois estava cego; mais do que ver através dos olhos eu via através da alma e este era mais um castigo que me era imposto, pois se não visse absolutamente nada, meu sofrimento teria sido menor por não saber o que se passava ao lado. Eu via, de quando em quando, meus companheiros repetindo seu gesto suicida! As ânsias do enforcamento, os gestos desesperados por livrar o pescoço endurecido e arroxeadado dos farrapos de cordas ou tiras de panos.

Via outros enlouquecidos em correrias espantosas, bradando por socorro em gritos alucinados, julgando-se a cada momento envolvidos outra vez pelas chamas que lhes devoraram o corpo físico e que desde então, ardia sem tréguas. Estes que se mataram através do fogo eram, geralmente, mulheres.

Eis que via outros ainda, com o peito ou o ouvido ou a garganta banhados em sangue. Oh! Sangue inalterável, permanente, que nada conseguia estancar!

Havia aqueles outros na bárbara asfixia do afogamento, tentando nadar à procura de socorro. Eles se mostravam como na hora do suicídio: ingerindo água aos gorgolejos, prolongando indefinidamente as cenas da agonia!

E havia ainda mais! O leitor me perdoe estes detalhes, desinteressantes talvez ao seu bom gosto literário, mas úteis, com certeza, servindo de advertência aos de caráter impulsivo, condenados a viver nesta época em que o suicídio se tornou uma quase epidemia. Não pretendo, aliás, apresentar obra literária para deleitar temperamentos artísticos. Cumpro o dever sagrado de falar tão somente aos que sofrem e pensam, quem sabe, em procurar o descanso no suicídio. Cumpro o dever de falar a verdade sobre o abismo que espera cada um dos ingênuos que procuram se desviar dos sofrimentos terrestres pela porta da morte espontânea.

Como eu dizia, havia mais ainda. Destacavam-se pela feiúra impressionante aqueles que haviam procurado o olvido eterno sob as rodas de um trem de ferro. Estes tinham as roupas em trapos, o corpo desfigurado, moído, verdadeira massa sanguinolenta, carnes retalhadas, confusas, num emaranhado de golpe sobre golpe, tal se fossem fotografados naquele momento exato em que as rodas de ferro lhes estivessem rompendo as

carnes, os ossos, as vísceras. Enlouquecidos pelo sofrimento, estes desgraçados uivavam em lamentações tão dramáticas e impressionantes, que contagiavam quem quer que se encontrasse em seu caminho, pois o terrível gênero de suicídio - o mais deplorável que registro nestas páginas - destrói o corpo inteiro e retalha também o cérebro, deixando a mente confusa, aumentando a sensação de caos.

E, coisa incrível! Cada um de nós, recordando – sem conseguir esquecer - as cenas violentas do momento exato em que nos suicidáramos, criávamos os cenários e as cenas vividas em nossos últimos momentos na Terra. Estas cenas, criadas por cada um ao redor de si, eram vistas por todos os outros, espalhando maior tragédia e inferno por toda parte, tornando maiores as aflições dos prisioneiros.

Assim, víamos aqui, suicidas balançando em suas cordas; víamos ali, trens rápidos e barulhentos colhendo o infeliz que se atirava sob suas rodas; as carnes sendo rasgadas e trituradas; os gritos tresloucados de dor, espanto e arrependimento tardio. Com a mente sempre voltada ao momento sinistro, cada um de nós oferecia aos olhos dos demais, as cenas daquele que, lembrando o suicídio por afogamento, mostrava-se à procura de ar, numa massa imensa de água. Homens e mulheres correndo desesperados - uns ensanguentados, outros torcendo-se no meio às dores por envenenamento, deixando à mostra as carnes corroídas pela droga ingerida. Outros a gritarem por socorro em correrias desabaladas, aumentavam o pânico do lugar - eram os incendiados que, como bolas de fogo, espalhavam chamas e fumaça, fazendo os demais recuarem como se pudessem queimar-se ao seu contato.

Era a loucura coletiva! E, para coroar os sofrimentos, havia as penas morais. Ah, estas! Os remorsos, as saudades dos seres amados, a vergonha...

c - O Vale dos Suicidas

E ali me vi aprisionado em região do Mundo Invisível, de panorama desolador, somente sombras e vales profundos, gargantas tortuosas e cavernas sinistras. Dentro destas cavernas, espíritos que foram homens uivavam qual malta de demônios, enfurecidos como dementes, devido aos sofrimentos. Neste local de aflições não havia um único arvoredo nem bela paisagem que pudesse distrair a vista torturada. A visão era cansativa pelas ruelas de cavernas sinistras, onde só existia o supremo Horror! O solo, coberto por matéria negra e fétida parecendo fuligem era imundo, pastoso, escorregadio. O ar era pesado, asfixiante, gelado, escurecido por nevoeiro espesso e ameaçador, como se tempestades eternas rugissem em torno. Os espíritos ali aprisionados sufocavam ao respirar, como se aquele ar cheio de matérias iguais a cinza lhes invadissem as vias respiratórias. Era um martírio, um suplício que o cérebro humano, habituado às claridades do sol, jamais poderá entender.

Na antiga Jerusalém havia o Retiro dos Leprosos, lugar repulsivo, sempre mencionado pelos homens da terra como o último grau de sofrimentos e misérias humanas.

Mas este Retiro dos Leprosos seria para nós, um estágio de repouso, comparado ao Vale dos Suicidas.

No Retiro dos Leprosos existia, pelo menos, a solidariedade entre os renegados. Faziam amizade entre si e irmanavam-se na dor, procurando suavizá-la. Criavam sua sociedade, divertiam-se, prestavam favores, podiam dormir e sonhar que eram felizes.

No Retiro dos Leprosos havia o sol para esquentar os corações. Existia o ar fresco da madrugada, o orvalho da manhã. Poderia o infeliz contemplar o azul do céu. Sonhar olhando as estrelas. Seguir com o olhar, bandos de andorinhas em revoada. E depois, na primavera, as plantas renasciam, as flores se abriam. Tudo isso eram presentes do céu fornecendo tréguas aos desgraçados.

Mas nas cavernas onde padeci o martírio que me surpreendeu além túmulo, nada disso havia. Nada disso era possível porque as lágrimas que ali se choravam eram ardentes demais, não permitiam que se voltasse a atenção para quem estivesse ao lado. Era a dor que nada consola, a desgraça que nada ameniza, a tragédia sem fim! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas! O que há é o choro convulsivo e inconsolável dos condenados! O que há é o assombroso ranger de dentes! O que há é a blasfêmia do miserável, a se acusar por cada uma das dolorosas recordações. Há a loucura das consciências chicoteadas pelo remorso! O que há é a raiva envenenada daquele que já não pode chorar, cansado do excesso de lágrimas! O que há é o desapontamento, a surpresa aterradora de quem se sente vivo, apesar de estar morto! É a revolta, a praga, o insulto, os corações que o monstruoso castigo transformou em feras! O que há é a alma ofendida, tudo envolvido em trevas! O que há é a dor sem descanso, sem poder dormir, sem sonho, sem esperança! Nunca o ar fresco da madrugada! Nunca o azul do céu! Nunca a claridade do sol! Nem andorinhas, nem cintilações de estrelas! Nunca o amanhecer! Nunca a primavera! Não havia ali, nem haverá jamais nem paz,

nem consolo, nem esperança. Tudo é marcado pela desgraça, miséria, assombro, desespero, horror! É o inferno na mais horrenda exposição porque, além de tudo, existem cenas de animalidade, prática dos mais sórdidos instintos, as quais me envergonharia de contar aos meus irmãos, os homens!

Quem estaciona ali, como eu estacionei, são personalidades do crime. É a escória do mundo espiritual - apenas grupos de suicidas que chegam todos os dias. São almas que chegam da Espanha, do Brasil, de Portugal e colônias portuguesas da África, infelizes necessitados do auxílio da prece. São os levianos e irresponsáveis que, fartos da vida, se aventuram ao Desconhecido, à procura de alívio através do suicídio!

É bem possível que haja quem duvide da verdade que vai escrita nestas páginas. Dirão que é fantasia. Não os convidarei a crer. Não é assunto que se imponha à crença. Mas se souberem raciocinar, que o façam! Eu os convido desejando, ardentemente, que não queiram conhecer esta realidade através dos canais do suicídio - canais cheios de trevas, aos quais me impus eu mesmo...

O mundo espiritual está longe de ser o nada que na Terra se supõe; não é uma região fácil de ser conquistada com algumas práticas religiosas e orações decoradas. A morte é, antes de tudo, a Vida Real e o que se encontra quando aqui se entra é Vida! Em nenhuma parte se encontra o Nada! Dizer que não existe o que se desconhece é uma tolice dos ingênuos homens da Terra que preferem fechar os olhos, por ser mais fácil manter-se na ignorância.

Não sei como são os lugares de correção para suicidas nos outros núcleos destinados ao mesmo fim. Sei apenas que fiz parte da sinistra falange aprisionada nesse local pavoroso, cuja lembrança, até hoje, me faz sentir náuseas.

Era eu, pois, presidiário dessa cova detestável do Horror!

Então ainda me sentia cego. Pelo menos achava que estava cego, mas na verdade minha cegueira era a inferioridade moral do espírito distanciado da Luz. Mas, apesar de cego, percebia o que apresentasse de mau, feio, sinistro, imoral e obscuro, pois meus olhos conservavam visão suficiente para contemplar toda essa escória. E eu, tendo bastante sensibilidade, sentia-me pior que os outros porque experimentava também os sofrimentos dos companheiros de aflições, desde que tudo o que um sentisse, se esparramava em cima dos demais.

Às vezes, aconteciam brigas brutais naqueles becos cheios de lama onde se enfileiravam as cavernas que usávamos como moradia. Sempre irritados por quaisquer motivos, nos atirávamos uns contra os outros, em lutas violentas. Muitas vezes, ridicularizado e humilhado, me atirava como um selvagem contra o agressor e, com ele, rolava na lama que nos servia de ceva espiritual. A fome, a sede, o frio, a fadiga, a insônia nos martirizavam, como se ainda estivéssemos em nosso corpo de carne. A promiscuidade vergonhosa de espíritos que foram gente; tempestades constantes e inundações, mau cheiro, sombras eternas, ansiedade de nos ver livres de tantos martírios, assim era o panorama que acompanhava os nossos mais dolorosos padecimentos morais. Não se podia ao menos sonhar com coisas bonitas, nem pensar coisas diferentes; nem mesmo recordar o passado era permitido aos que gostariam de assim fazer. Naquele ambiente superlotado de males, o pensamento estava prisioneiro em torno de nós, só emitindo e recebendo vibrações tão negativas quanto o local onde nos encontrávamos. Envolvidos em tão enlouquecedora situação moral e espiritual, não havia quem pudesse atingir um único instante de serenidade para se lembrar de Deus e chamar por Sua Misericórdia. Não se podia orar, porque a oração é um descanso, uma esperança, um bem - e aos desgraçados suicidas, impossível tão grande benefício: o benefício da prece!

Não sabíamos quando era dia ou quando era noite, porque sombras eternas rodeavam as horas em que vivíamos. Perdemos a noção do tempo. Sentíamos apenas uma triste sensação de distância do nosso passado, como se fizesse séculos que ali nos encontrávamos, e dali não esperávamos sair. O mesmo desânimo que armou nossa mão para o gesto suicida nos dava a certeza que ali estávamos para toda a Eternidade! O tempo estacionou no momento exato em que fizéramos tombar o nosso corpo para a morte. Daí para cá só existiam assombro, confusão, lágrimas, dores, remorsos. Às vezes, tentávamos fugir e saíamos a correr, feito loucos furiosos! Dementes malditos, sem consolo, sem paz, sem descanso em parte alguma, em correria sem saber para onde; para depois sermos atraídos de volta, ao mesmo lugar, como se estivéssemos ligados a ímãs gigantes que nos levavam sempre ao ponto de partida, naquela confusão de nuvens sufocantes.

Outras vezes, vagorosamente entre as sombras lá íamos, em meio a velas e becos, sem descobrirmos sinais de saída... Cavernas, sempre cavernas. Ou trechos encharcados lagos cheios de lodo, tendo em volta altas muralhas, que mais pareciam erguidas em pedra e ferro, como se estivéssemos sepultados vivos nas profundezas de um vulcão! Era um labirinto onde nos perdíamos, sem jamais alcançar o fim. Nossa impressão era que estivéssemos prisioneiros no subsolo, em cárcere cavado dentro de uma cordilheira com vulcões extintos; se não fosse assim, de onde viriam aqueles poços de lama e lodo, com paredes tão altas?

Aterrados, nos púnhamos a gritar em coro, como se fôssemos malta de lobos danados; pedíamos que nos

retirassem dali, devolvendo-nos a liberdade! Depois, aconteciam violentas manifestações de terror. Tudo quanto o leitor possa imaginar de confusão, cenas tristes, aterradoras e horrorosas, ficaria longe daquela verdade por nós vivida nessas horas criadas pelo nosso pensamento distanciado da Luz e do Amor de Deus.

E havia outro detalhe que eu diria ser ainda pior, se isso fosse possível: Como se enormes espelhos nos perseguissem, dentro de nós víamos sempre aquela cena macabra: o nosso próprio corpo na sepultura a se decompor sob o ataque dos vermes esfomeados; o trabalho detestável da podridão a seguir seu curso natural de destruição, levando junto nossas carnes, nossas vísceras, nosso sangue fétido, nosso corpo inteiro sendo consumido num banquete de milhões de vermes famintos. Nosso corpo era comido devagar, sob nossos olhares esbugalhados pelo terror! O físico morria enquanto nós, seus donos, continuávamos vivos, sem poder morrer também! E... oh castigo punindo o desgraçado que decidiu insultar a Deus, fazendo antes da hora o que só a Ele cabe decidir e realizar! Nós estávamos vivos ainda, diante do corpo apodrecido e doíam em nós, as picadas monstruosas dos vermes! Ficávamos como loucos sentindo, em nós mesmos, o que se passava em nosso corpo morto no túmulo!

E os nossos gritos infernais se reproduziam em ecos ao longo de todo o vale, o tempo todo, o tempo todo...

O suicídio é uma teia envolvente em que a vítima se debate para embaraçar-se ainda mais. E todas as histórias medonhas sobre o inferno ouvidas na infância vinham à nossa mente e se materializavam em visões reais. Pensávamos estar diante do tribunal do Inferno! Sim, aqueles mesmos obsessores que alimentaram em nós as sugestões para o suicídio, divertiam-se com nossas angústias, fazendo-nos acreditar que eles eram os juízes que nos deveriam julgar e castigar. Apresentavam-se como fantasmas impressionantes. Inventavam cenas satânicas, com as quais nos castigavam. Submetiam-nos a vexames difíceis de descrever. Obrigavam-nos a torpezas e deboches, fazendo-nos cúmplices de suas infames obscenidades! Donzelas que praticaram o suicídio por motivos de amor eram insultadas no coração e no pudor por entidades animalizadas que as faziam crer serem obrigadas a se escravizarem e a servi-los sob todas as formas possíveis por serem eles, donos do Império das Trevas que elas escolheram por moradia quando procuraram o suicídio. Estes seres satânicos não passavam de espíritos que foram homens também, mas que viveram no crime: sensuais, hipócritas, traidores, sedutores, assassinos, perversos, caluniadores que, na Terra, tiveram funerais pomposos, mas que, na vida espiritual, se resumem na corja que mencionamos...

Além destas cenas aconteciam-nos outras não menos dramáticas: atos incorretos que fizemos durante a vida na Terra: os crimes que praticamos, nossas quedas pecaminosas eram colocadas à nossa frente como visão acusadora. As vítimas que fizemos enquanto vivos reapreciam agora, em lembranças vergonhosas, nos desequilibrando pelo remorso!

Enfim, cada um de nós era um morto-vivo, em toda a extensão da palavra.

E este estado de coisas só poderia ser atenuado quando se acabassem as forças vitais de éramos portadores.

Os suicidas se demoram no sofrimento o tempo que lhes restava para o final de seu compromisso na Terra: dias, meses, anos...

d - O Socorro

Veza ou outra, uma caravana desconhecida visitava nosso buraco de sombras. Era como uma inspeção de alguma associação caridosa. Vinha à procura daqueles que já estavam com seus fluidos vitais enfraquecidos pela desintegração total do corpo físico, aqueles que já haviam cumprido, no Vale dos Suicidas, o tempo que deveria ter sido vivido na Terra. Estes eram removidos para outras regiões intermediárias do Invisível.

A caravana era composta por Espíritos Superiores. Trajados de branco, caminhavam pelas ruas lamacentas do Vale, em coluna rigorosamente disciplinada. Levavam à altura do peito pequena cruz azul celeste que parecia um emblema, um distintivo. Um deles carregava uma bandeira, também azul celeste, onde estava escrito: "*Legião Dos Servos De Maria*". Tais servos eram chefiados por um espírito de aparência respeitável vestido de branco, tendo na cabeça um turbante hindu, preso à frente por uma esmeralda, símbolo dos médicos.

Eles entravam nas cavernas e examinavam seus moradores. Curvavam-se cheios de piedade junto à lama, levantando alguns dos desgraçados tombados. Os que já estavam em condições de serem socorridos eram colocados em macas e levados dali. Uma voz, que não sabíamos de onde vinha, guiava os socorristas para este ou aquele lugar, esta ou aquela caverna onde havia um de nós em condições de ser socorrido.

As macas eram levadas para dentro de veículos que acompanhavam a expedição. Estes veículos se pare-

ciam a pequenas diligências brancas, atadas umas às outras lembrando vagões de trem e eram puxadas por cavalos, também brancos, tão belos que despertariam nossa atenção, caso estivéssemos em condições de notar alguma coisa além de nossas desgraças. Em cada carro estava escrita legenda igual à bandeira azul.

Depois de busca cuidadosa por todo o Vale, os estranhos visitantes marchavam em retirada. Silenciosamente, cortavam becos e vielas afastando-se, enquanto gritávamos por socorro nos sentindo desprezados sem entender o motivo pelo qual deveríamos permanecer mais tempo naquelas regiões infernais. Suplicávamos compaixão; ficávamos revoltados, exigindo que nos deixassem seguir com os demais. Os caravaneiros não respondiam, nem faziam qualquer gesto para nos atender. Então, um coro hediondo de uivos e choro sinistro de pragas e gargalhadas satânicas entre gritos de revolta, vibrava dolorosamente pelas ruas lamacentas, parecendo que a loucura coletiva havia atacado os presos miseráveis!

E assim ficávamos. Por quanto tempo? Oh, Deus piedoso, por quanto tempo ainda?

Num dia, sentia-me cansado pelos sofrimentos; tão fraco, como que desmaiado. Eu e outros estávamos em situação idêntica, incapazes de resistir por mais tempo àquela tortura. Necessitávamos descansar e esta urgência nos obrigou a ficar amontoados em cavernas úmidas e escuras. Ali nos achávamos quando ouvimos o rumor das carruagens de socorro. Apesar do cansaço saímos para a rua. As vielas já estavam superlotadas pelos condenados que, como das outras vezes, punham-se a bradar mais alto, procurando despertar a atenção dos socorristas.

A caravana estacionou na praça lamacenta. Desceu o pelotão com enfermeiros e mais o chefe de avental branco, turbante com esmeralda. Começaram o reconhecimento dos que seriam levados dali. No ar, aquela voz que não se sabia de onde vinha chamava os suicidas pelo nome, ou indicava o lugar onde se encontravam os que já haviam cumprido seu tão tenebroso castigo.

De súbito, ouvi meu nome! Eu seria libertado!

Fui conduzido pelos legionários até a porta daquele veículo. Entre lágrimas, subi os degraus. Entrei na carruagem confortável, onde se lia o mesmo lema que se via na bandeira: "*Legião dos Servos de Maria*".

Depois, o comboio se pôs a caminho e me pus a chorar ouvindo as blasfêmias, a gritaria dos infelizes que ficavam. A cerração cinzenta que contemplei durante dezesseis anos foi ficando para trás, como pesadelo maldito do qual se começa a acordar.

Deus misericordioso! Eu estava saindo do Vale dos Suicidas!"

NOTAS:

Os sofrimentos do romancista português **Camilo Castelo Branco** não terminam aí. Nem seu relato, que usam 568 páginas. O que você leu é um resumo das primeiras 56 destas páginas. É um apanhado muito sucinto, somente o começo de tudo. Aqui, as sentenças estão na ordem direta, fatos na ordem cronológica, palavras de fácil entendimento, apenas uma adaptação resumida dos fatos principais. O relato completo, sem cortes, com palavras do próprio Camilo está no livro "*Memórias de Um suicida*", psicografado por *Yvonne A. Pereira*.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, famoso escritor, nasceu em Lisboa, em 16 de março de 1825 e morreu em São Miguel de Seide, com 65 anos de idade.

Obsedado, pessimista, médium que não deu valor às faculdades mediúnicas, dono de grande inteligência e cultura, um dos maiores escritores portugueses, foi acometido por uma doença nos olhos que o levou a cegueira completa. Consultou vários médicos e, no dia 1º de junho de 1890 foi consultado, em sua própria residência, por renomado especialista. Sem poder arrancar do médico a verdade sobre a doença, Camilo andou macio e ficou à escuta enquanto a esposa, Ana Plácido, acompanhava o médico à porta de saída. Foi aí que o oculista deu sua opinião: era mal sem cura, caso perdido, irremediável cegueira. Ouvindo tal revelação, o escritor voltou ao quarto e deu um tiro no ouvido.

A idéia de suicídio o perseguia fazia muito tempo e, prova disso, é a carta de adeus que deixou datada de quatro anos antes. Eis parte dela:

Em 26 de novembro de 1886 (10 horas da noite)

Meus padecimentos estão se complicando e levando-me ao suicídio. Rodeado de infelicidades por causa de meus filhos Jorge e Nuno, já nada tenho que me ampare, pois a mãe destes dois não promete longa vida - e se eu pudesse levar minha existência até ver Ana Plácido morta, com certeza me suicidaria, pois não suportaria tão enorme desventura.

Esta vontade de me matar vem de longe. Receio que, no momento supremo, não terei firmeza suficiente

para escrever estas linhas. Escrevo-as hoje, antecipando-me à hora final.

Minha vida foi infeliz e não poderia acabar como acaba a maioria. Quem conhece minhas dores não deve me lastimar.

Quando se ler este papel, estarei gozando a minha primeira hora de repouso.

Este abismo onde me atirei é o término do caminho vicioso para onde as fatalidades me encaminharam.

Seja bom e virtuoso, quem o puder ser.

Camilo Castelo Branco

São Miguel de Seide

Mas, longe de encontrar o repouso que a si mesmo prometera, o escritor encontrou remorsos, sofrimentos, dores, visões aterradoras, cenário infernal em região de expiações dolorosas, sem o mínimo descanso. Depois de haver saído do local onde padeceu as mais negras misérias, passou a mandar mensagens psicografadas para a Terra, alertando aos que aqui ficaram sobre os sofrimentos de um suicida. Eis uns trechos de uma de suas primeiras mensagens ao mundo dos vivos:

Pedir que eu escreva sobre o que encontrei depois da morte equivale a pedirem-me sinistra sinfonia para o ópera do Horrível.

Não sei dizer tudo o que é preciso e tudo o que eu disser não será suficiente. Mas não me recuso, pois não quero perder a ocasião de bradar aos homens que se defendam de cair no erro em que me atirei.

Na Terra acreditam que o suicídio seja a morte. Acreditam que, ao mandar o corpo à podridão do túmulo, está acabada a vida e o sofrimento. Acreditam que, com o suicídio, conquista-se a paz do Nada. Sono tranquilo, término das angústias, cura para as dores, esquecimento, esmagamento de remorsos, libertação, entrada para o céu... E todos se enganam. Suicídio não é morte. Não dá libertação, não constitui remédio, não leva ao esquecimento, não faz calar a consciência, não leva às portas do céu, não é o sono tranquilo...

Não sei de nada que lhe seja comparável.

O fratricídio é a suprema ofensa à humanidade. O matricídio é a suprema ofensa à natureza Mas o suicídio é a suprema ofensa a Deus! No suicídio, as dores redobram de intensidade e se cristalizam na dentada triturante dos remorsos perenes...

Eu fui um suicida. E fui morar na caverna do sofrimento, da qual Dante só viu a porta. Fui viver na região onde as lágrimas são ferventes, onde os réprobos se mordem, se arranham, gargalham, rugem, soluçam, praguejam, maldizem.

Peço aos que me lerem, que acreditem no que digo, sem experimentar. O desastre será irremediável, se fizerem o mesmo que fiz. Aceitem a vida tal como ela é. Aceitem as dores, a cegueira, as deformações, os aleijumes, o desespero, a desgraça, a fome, a desonra, a lama. Tudo, tudo de mau, de injusto que a Terra possa dar são coisas excelentes em comparação ao que terão no caminho do suicídio.

Deixando o Vale dos Suicidas, Camilo começou a escrever aos amigos, tentando abrir-lhes os olhos para o drama do suicídio. Em 28 de outubro de 1906, passou a escrever a Silva Pinto, ainda encarnado, também escritor, também português. Silva Pinto foi dos mais vigorosos e inconfundíveis escritores portugueses. Pouco conhecido no Brasil, sua pena corria mordaz e até violenta, revelando seu espírito de justiça e amor aos miseráveis abandonados pela sorte. Era um ateu que se desencantou da vida e já estava se enamorando da idéia do suicídio quando, do além, veio a salvação através das palavras de Camilo Castelo Branco:

“Silva Pinto:Minha vida após a morte (que estranha heresia parece isto!) tem sido a coroação dos sofrimentos e de martírios que nesse mundo de lama e pus eu vivi!

Tu tens levado todo o teu tempo a protestar e a maldizer.

Meu amigo, meu irmão, deves levar teu pensamento ao Alto e, quando o fizeres verás que tudo o que te tortura é tão insignificante, que não merece teus aborrecimentos. Eleva-te acima do charco e ficarás surpreso contigo próprio, por indignar-te com coisinhas tão sem valor.

Pensa! Reflete! Experimenta! Coloca uma planta num vaso limpo, com terra perfumada - e esta planta nem chegará a lançar raízes. E coloca planta idêntica em vaso com excremento imundo, terra apodrecida - e ela vegetará, elevará seus ramos para o céu!

Que grande lição nos dão as flores! Se a matéria do adubo é a podridão, como queres impedir que Deus use processo semelhante para avaliar o mérito da mais perfeita de todas as criaturas que fabricou?

O meu mal foi não ter visto a vida por este prisma! Quando a vi assim, era tarde; e então sofri pelo mal que fiz; e então encontrei o horror que nem em teus piores pesadelos poderás ver igual...

Tu não és um resignado. Nunca o foste.

Pois se basta que se use lente amarelas para ver tudo dourado; lentes rosadas para ver tudo cor de rosa, por que é que a tua vida não há de ser negra, se somente usas lentes pretas? Se quiseres ver a vida pela faceta má, tudo será mau, por mais santo, por mais belo e grandioso que seja.

Eu passei a vida terrena a ver tudo por óculos pretos - e tão negro via, que Deus me deu a escuridão da cegueira. E a cegueira me acompanhou aqui do outro lado onde, até hoje, pouquíssimas nesgas de luz me aliviam o escuro que me cerca.

Havia um sentimento que poderia ter iluminado a negrura da minha vida: a religião de Cristo, mas este sentimento era suplantado pela dúvida, orgulho, revolta. Conheci a dor, ela não me conduziu à tolerância. Servia-me dela para agredir os outros, para torturá-los como me torturava a mim.

Pensa, Silva Pinto! As tuas dores hão de servir para algo melhor que passar a vida a maldizê-las!

Eu aí, jamais pensei assim e, por desgraça, nunca tive quem me dissesse o que estou tentando te contar.

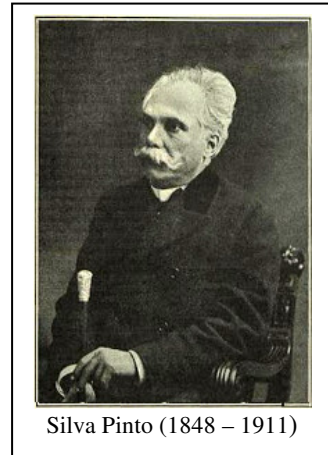
Meu amigo, ouve-me! - e voltarei a falar quantas vezes forem necessárias, até que me atendas ao pedido.

Em 18 de novembro do mesmo ano, 22 dias depois da primeira carta, Camilo escreveu novamente ao amigo Silva Pinto. Eis breve trecho:

Amigo Silva Pinto, afasta a horrorosa idéia de suicídio!

Sou eu, Camilo, o mesmo que entrou na morte envolvido nesta mesma tortura que queres para ti! Recua! Recua! Salva-te! O que está a teus pés é um abismo pavoroso onde o teu corpo, ao cair, pode quebrar-se em milhões de pedacinhos e, em cada pedacinho se condensa uma dor!

Recua! Volta, que Deus te estenderá a mão! Recuar será avançar para a Luz; avançar será cair nas trevas. E que trevas, meu Deus! Que trevas!



Silva Pinto (1848 – 1911)

E graças a Deus, graças a Camilo, Silva Pinto foi salvo do suicídio! E mais que isso: renegou as teorias materialistas e se fez cristão! Eis algumas palavras dele próprio, após sua morte, em novembro de 1911:

Sem surpresa, encontro-me vivo depois de ter morrido.

Na minha triste travessia por este mundo eu seguia azedo, a dizer palavras de vingança contra minha miséria e o meu sofrimento, contra os que me chamavam de mau e guloso.

Lá ia eu caminhando. A meus pés abriu-se o abismo que me libertaria da patifaria da vida, onde raramente encontrei algum afeto. Por vezes, o abismo do suicídio me sorria - e eu, que não encontrei muitos sorrisos na vida, não sabia distinguir direito, por falta de experiência.

Esse sorriso deixava-me na esperança de poder voltar as costas às coisas daí e ficava encantado com a idéia de encontrar coisa melhor que a Terra. Pensava que, na minha qualidade de vítima, tinha o direito de vir embora quando me desse vontade.

Mas enganei-me. E quando ia me lançar à podridão das carnes por conta própria, surge da região do Pavor, o meu Camilo! Surgiu ele a gritar-me que parasse!

E parei.

Isto de saber parar não é para todos - mas eu soube parar. Estaquei atônito. Refleti e disse:- Alto, seu Silva Pinto! O que vai fazer? Diabo! E se for verdade que o Camilo vive? E se eu, que fui juguete da sorte, ainda tiver de apanhar do lado de lá?

Pode não ser verdade o que está escrito nestas páginas, com o nome do Camilo. Mas... E se for?

Silva Pinto”

Bravo, Camilo!

Esta foi a primeira pessoa que você salvou do suicídio!

II - OUTROS DEPOIMENTOS

Eu, que me matei porque não podia viver sem ele, tenho de viver sem ele, porque me matei!

Júlio César Machado

Sejam forte, vocês, que estão lendo estas páginas! Quando forem vítimas do sofrimento, procurem afugentar a idéia de suicídio porque, se nele caírem, aí sim, será aberto, diante de seus pés, o mais tenebroso inferno!

Dr. Raul Martins

Eu fui um destes. Cada desilusão me fazia alimentar, com maior carinho, a idéia do suicídio. Por fim, já nem precisava de novos motivos. Eu mesmo os inventava, naquela vontade de me torturar...

E escondia de todos o meu desejo louco de morrer, com receio que convencessem do contrário.

Ah, se soubessem o preço que se paga por esta covardia, ninguém se suicidaria. Os maiores martírios da Terra são doces consolações, quando comparados aos mais suaves sofrimentos de um suicida!

Antero de Quental

Eu não acreditava que a alma pudesse continuar viva, depois que o corpo estivesse morto. Matéria, só matéria, supunha eu - e eu voltaria a ser matéria com um pouco de chumbo através do cérebro.

Que grande engano!

Mousinho de Albuquerque

Continuei paralisado no corpo morto, sem poder me separar do cadáver até a hora do enterro. Assim, assisti aos funerais, ouvi os lamentos e as recriminações dos presentes, pelo meu ato. Horrorizado, vi fecharem o caixão sobre mim. Carregaram-me ao cemitério, enterraram-me e me deixaram sozinho. Senti a sufocação da cova, mas não podia fazer o mais leve movimento. Estava colado ao corpo morto!

Jacinto

Ninguém da Terra pode calcular o martírio de um espírito preso ao corpo, sendo indefinidamente molestado como eu o fui por aqueles estudiosos de Anatomia. Fui aberto, cortado, retalhado em todos os órgãos, em cada centímetro de pele. Gritava de dor, chorava, reclamava, mas ninguém me via, ninguém sabia que eu estava aí. E eu ouvia o que diziam a meu respeito - alguns tinham palavras de carinho para comigo, mas outros me sacudiam de vergonha e sofrimento, com pensamentos e palavras que me ofendiam e feriam minha triste nudez.

Luiz Alves

Pensando escapar às misérias do presente, o suicida, mergulha em desgraças maiores. O suicida é qual prisioneiro que foge da prisão; quando preso de novo, é mais severamente tratado.

O Evangelho segundo o espiritismo Cap. V, nº. 14 e segs, Allan Karde.

COMENTÁRIO:

Ao nascer uma criança, já está decidido, no Além, o número de anos que ela deverá cumprir na Terra. Está decidido não apenas a época em que esta pessoa deverá desencarnar como também o tipo de morte que terá, as doenças graves que a atingirão, os acontecimentos principais que terá pela frente e os sofrimentos mais significativos que deverá suportar.

Isto tudo quase sempre é fruto da escolha que o próprio espírito fez; e ele se prepara ainda no Espaço, para enfrentar as ocorrências que os vivos consideram desagradáveis, mas que, na verdade, são *oportunidades* que a cada alma são oferecidas para seu próprio progresso.

No entanto, o homem possui seu livre arbítrio - tanto para o bem, quanto para o mal - isto é, ele poderá, por si mesmo, modificar algo *que já estava escrito*, de acordo com as opções que vier a fazer depois de nascido.

Assim, tanto ele poderá, à força de disciplina, aceitação, amor e oração livrar-se de algum sofrimento que está por vir, quanto poderá deixar-se arrastar pelos vícios e maus pendores que ainda traz dentro de si.

O suicídio é uma das escolhas mal feitas que o homem possa fazer.

A morte, quando ocorre normalmente, sem que o indivíduo a procure - seja por doença, assassinato ou acidente - quando chega no prazo fixado por Deus, nada tem de aterrador se a pessoa cumpriu bem a sua estada na Terra. Neste caso, poderá ser recebida, no portal lado de lá, por familiares, amigos e conhecidos desencarnados. Recebe o carinho e as manifestações de alegria, próprios do soldado que se saiu bem numa missão perigosa.

A seguir, o espírito poderá ser conduzido a um hospital do Espaço, onde receberá ajuda e tratamento para recompor-se da doença ou acidente que o retirou da forma física. Após tratamento adequado, ele poderá ser levado às escolas ou outras instituições apropriadas que lhe fornecem elementos para o progresso. Ao mesmo tempo em que recebe noções básicas necessárias, o espírito já pode começar a colaborar nos muitos trabalhos do Além, na ajuda a espíritos necessitados ou mesmo no auxílio aos encarnados.

Não acontece o mesmo com os que se matam - não importa quem hajam sido; não importam os diplomas, os títulos, a religião a que tenham pertencido. O suicídio é sempre cobrado de maneira muito amarga.

Nunca se ouviu falar de um suicida que tenha *virado santo*, ou que haja *ganhado o céu*. As notícias que nos chegam dos que se matam é sempre um rosário de dores, lamentações e remorsos.

Vejamos mais alguns resumos simplificados e adaptados de depoimentos:

Dr. Raul Martins

Juiz íntegro, inteligente, católico fervoroso. Suicídio em 21 de novembro de 1920. Trinta e três meses após, ele próprio conta suas experiências. Vejamos o que diz:

O suicida se engana acreditando que poderá se libertar da carga de dores e misérias que lhe envenenam a vida. Todavia, que amarga ilusão!

Eu também me enganei. Padei sob grande pressão moral e cedi à atração enganadora do suicídio, supondo livrar-me das tristezas todas. Cedi à tola vaidade da honra e do prestígio e, longe de diminuir o sofrimento, ele aumentou e se tornou muito mais profundo aqui no espaço, onde não há noite nem dia, onde não se pode dormir, pelo menos...

Aqui parece eterna a provação da alma!

O suicídio é a pior desgraça que pode acontecer a alguém. E são milhões de desgraçados que, como eu, se debatem nas trevas da amargura - amargura que, além de tudo é inútil, porque ninguém morre.

Aqui se vive mais vivo que nunca. Aqui, sim, se sofre!

No suicídio as dores são niveladas; ele impõe a todos o maior e o mais desesperado dos sofrimentos.

Sejam fortes vocês, que estão lendo estas páginas! Quando forem vítimas do sofrimento, afugentem a idéia do suicídio porque, se nele caírem, será aberto diante seus pés, o mais tenebroso inferno!

Mousinho de Albuquerque

Comandante das forças triunfantes de Chaimite. Suicida, nos conta sua experiências de além-túmulo:

Fui um dos loucos a quem a luz da ambição e da glória deslumbrou. Desorientou-me, cegou-me. Durante a vida, tudo o que eu via e ouvia, tudo o que sonhava eu tomava por verdadeiro e de valor real e, quando acordei, senti-me pequeno e perdido. Então todo o meu ser se revoltou. Percebi que era falso o riso da mulher amada; falsa a honra com que me distinguiam, falsas as amizades. Reconheci a inveja e a intriga dos que me adulavam. E senti tédio pela vida. Tédio e pavor. Vi cair tudo o que me seduziu, tudo o que supunha que me era devido por direito de conquista e de força. Eu que não tremi quando vi milhares de guerreiros prestes a precipitar sobre mim; eu que nunca soube o que era sentir medo em frente das carabinas dos guerreiros africanos, senti-me covarde e fraco para me segurar no terreno escorregadio em que pisava. Quis fugir. O meu cérebro era um inferno! Via a velhice que chegava e não sentia forças para encará-la. A bravura desaparecera, amedrontei-me como criança. Eu não acreditava que a alma continuasse viva depois que o corpo estivesse morto. Matéria, só matéria, supunha eu; e voltaria a ser matéria com um pouco de chumbo através do cérebro. Pus em prática este último plano de ataque e seria coroado de êxito mais uma vez. Bum! Um tiro e ficaria encerrada a última página do livro da vida. Que grande engano! Esta página se voltava simplesmente e, na página seguinte, encontravam-se as coisas mais pavorosas que imaginação alguma já concebeu! Eu que pensava escapar da luta, fui cair bem no meio dos inimigos; e estava cheio de dores, em sofrimentos horrorosos! Quando pensei que o descanso fosse chegar, o que veio foi tão grande martírio, que não existem palavras que o definam. Era como se a bala que perfurou o cérebro não acabasse nunca sua trajetória terrível. Tinha a impressão que o eco do tiro, aumentado muitas vezes, jamais eu fosse parar de ouvir. E os remorsos! Estes queimavam como ferro em brasa. Todos os sentimentos - absolutamente todos! - que perversamente abriguei durante a vida eu os continuava a sentir e agora, sem nenhuma esperança de perdão por parte de quem eu quis ofender! E morto, assistia aos problemas que minha morte causou. Eu me punha a correr e gritar feito louco, apresentando-me às pessoas e gritando: - Estou vivo! Perdão! Mas ninguém me via ninguém me ouvia. A aflição não poderia ser maior nem mais infernal! Eu blasfemava como louco. Maldizia a todos. Crivava de pragas horrorosas aqueles a quem, insensatamente, eu culpava pelo suicídio que me pôs a perder. Não sabia - ou fingia não saber - que o culpado havia sido eu, somente eu. Deixara-me dominar pelo orgulho e pela vaidade. Se tivesse tido fé e paciência, teria encarado os problemas que poderiam ter acontecido, mas que poderiam também não acontecer nunca. Preferi então, atirar-me para a garganta negra da morte, de modo trágico e romântico... Assim, passei eternidades, até que a Misericórdia Divina deixou entrar a luz do arrependimento e da resignação em minha alma enegrecida; e a calma foi entrando em mim. E, na altura em que te falo, o Mousinho, o grande Mousinho já não é o último dos sofredores. Estou conformado, sinceramente arrependido e quase curado dos sentimentos nocivos que me acompanhavam. Hoje eu te falo, amigo a quem nunca conheci na Terra. Falo e sabes que digo a verdade. Acautela-te contra o orgulho. Ele faz amar a vaidade, a lisonja e a maldade; faz com que tu te sintas um gigante e, depois te atira pela porta dos últimos sofrimentos - os sofrimentos mais pavorosos: o suicídio. Pior que o suicídio numa fuga covarde, só há uma coisa: o suicídio numa fuga covarde. Isto deve ser publicado. É minha vontade que seja publicado e lido por muita gente. "

Comentário:

Mousinho, quase lendário herói de tantas batalhas, achou romântica a idéia de matar-se para não ser derrotado por ninguém - nem pela Morte.

Mousinho, herói temerário, desprezou a morte entre os inimigos africanos e buscou-a, como amiga, supondo ser envolvido no orgulho de seu último ato. Não esperaria por ela; iria ele ao seu encontro, para jamais ser derrotado.

Ele não acreditava que fosse continuar vivo após a morte.

Para Mousinho, o fim do corpo era também o fim da alma.

Tudo acabava no cemitério; neste caso, por que esperar?

Que horror sentiu ao reconhecer o engano, ao sentir que o tiro que lhe arrancou a vida espantou para lon-

ge as ilusões que possuía sobre a morte!

E, enquanto entrava para a História como guerreiro lendário, como herói invencível, entrou também no Espaço no círculo trágico das dores sem fim.

Das suas falas, ressaltam dois pontos muito significativos:

1- Não é a morte voluntária a porta por onde se pode fugir aos sofrimentos. Além de não se poder fugir às dores já existentes, ainda se vai ao encontro de novas torturas; o mal se avoluma se agiganta.

2- Como soldado ele foi áspero, violento, cruel. Matou e mandou matar muita gente. Destruiu vidas que, sendo negros africanos, tinham os mesmos direitos que todos os outros homens. Semeou horrores, espalhou tristeza, miséria, lágrimas e sangue. Passou como um ciclone, como passam todos os heróis conquistadores, nada deixando em pé atrás de si.

No entanto, nas suas mensagens após a morte, não se refere a sofrimentos causados pelas maldades que praticou. Não falou uma única vez que suas angústias foram ocasionadas pelo sangue alheio que espalhou. Mas se queixa do orgulho e da vaidade. Maldiz o suicídio. Seus sofrimentos foram provocados pela morte espontânea - e não pelas mortes que causou.

Este ponto é revelador: *o suicídio é cobrado mil vezes mais que os assassinatos que se possa cometer.*

Antero de Quental

Os candidatos ao suicídio se enamoram da idéia de maneira tão apaixonada que, muito dificilmente, conseguem se afastar dela. Mas nenhum outro espírito definiu tão bem tal apego à idéia, quanto Antero de Quental. Ele conseguiu colocar em palavras o prazer que sentia em fazer-se de vítima, só para aumentar seus motivos ao suicídio. E ele conseguiu também transportar para palavras, aquela dúvida: *Quem se mata é covarde ou corajoso?*

Antero de Quental, grande poeta português, suicidou-se aos 49 de idade, em 11 de setembro de 1893.

Suas amarguras foram muitas, pois era portador de uma doença que o impedia de ter filhos e constituir família. Vivendo entre rapazes alegres e sádios que faziam planos para o futuro e os realizavam, apenas a ele era negada tal felicidade.

Antero era bom, era um justo, era um santo, como lhe dizia muita gente. E se um espírito assim, elevado e bondoso sofre tanto como ele disse ter sofrido no além-túmulo, o que sucederá a outros que não são tão puros nem virtuosos?

O que você vai ler é um resumo do que foi escrito por ele próprio, 14 anos após seu suicídio, em 25 de janeiro de 1907:

Venho cumprir a obrigação de levar aos tristes da Terra, um pouco da experiência que adquiri, depois de tanto sofrer.

Muitas vítimas de doenças incuráveis ou de desgostos passam a odiar a vida e a senti-la como um fardo pesado que as esmaga. Anseiam pelo fim.

Mesmo crendo em Deus, preferem pedir a morte, ao invés de pedir paciência para suportar a vida. Se não crêem, maldizem a fatalidade que se conserva indiferente ao seu martírio e não lhes traz a paz. Não procuram em si, o combate à apatia em que mergulham. Parece que sentem dolorosos prazeres em aumentar em si mesmos, as causas do sofrimento, inventando novos males, novos motivos de dor, agarrando-se aos que já existem, mostrando sua fraqueza com lamentos, criando uma atmosfera de tristeza que parece não acabar a não ser com a morte.

Quando o sofredor pensa em suicídio, este ato maldito fica na sua cabeça, como esperança sorridente!

Não se pensa mais com paciência, resignação e calma.

Não se pensa nas pessoas amadas.

Pensa-se logo no recurso extremo que está à mão!

A tentação do suicídio é um pesadelo que nos toma acordados. Apossa-se de nós, nos domina sem nos deixar pensamento algum de esperança. Aquele que quiser reagir acordará deste pesadelo e reagirá. Não é preciso muita energia; basta um pouco de boa vontade e confiança em Deus.

Mas, mesmo a quem já está a um pé do suicídio, Deus envia socorro na forma de pequenas esperanças, pequenos incidentes que, olhados com carinho, ver-se-ia neles, a mão do Criador, auxiliando... E a idéia do suicídio seria abandonada. A curto trecho de tempo, as dores desapareceriam - ou seriam diminuídas - e raiaria nova madrugada de paz a quem, pouco antes, supunha sem remédio seus sofrimentos.

Quantos que me lerem, não terão passado por isso? Estes nem imaginam o horror de que se livraram!

Mas nós, o suicida, despreza todos os recursos que Deus nos forneceu para sair vitorioso das amarguras. Infelizmente, quando tais ajudas divinas acontecem, nós preferimos ignorá-las, por serem pequenas demais ao nosso “tão grande” sofrimento.

E, desvairados, colocamos um ponto final na vida.

Um pouco mais de calma e a tempestade teria passado...

Eu fui um destes.

Cada nova desilusão me fazia alimentar com maior carinho, a idéia do suicídio. Por fim, já nem precisava de motivos. Eu os inventava, naquela vontade louca de me torturar.

A tristeza que me envolvia não me tornava um revoltado; fazia-me antes, um resignado à morte. E daí, por causa deste eterno aspecto melancólico e passivo, todos me consideravam um santo. Nunca soube protestar nem maldizer. Sentia-me morrer como morreram minhas esperanças e ilusões. Parecia que o destino me esmagava sem esperança de alívio, mas isso não me levava à raiva nem à blasfêmia.

Intimamente, sentia que Deus existia e esta crença mais me desorientava, por não compreender o motivo de tanto sofrimento sem justificativa. Admirava-me que Deus, sendo justo e bom, me deixasse sozinho, entregue ao meu desespero e à minha angústia, sem vir em meu socorro.

E eu me deixava arrastar para o fim, sem saber direito se era pela curiosidade de lhe conhecer o “depois”, ou se pelo anseio de que a vida que esperava ver surgir, me compensaria. À medida que ia afrouxando a resistência, eu ia me familiarizando com a idéia da morte e achava natural que, se ela não viesse me buscar, fosse eu à sua procura.

Sentia alguns alarmes da consciência - e não percebia que estes alarmes eram a grande mão de Deus afastando de mim, os planos de morte. Não percebia que era Ele, me pedindo calma e paciência. E, mal aparelhado para a resistência tinha de cair, como caí!

Por fim, consegui calar a voz da consciência. Eu escondia de todos o meu desejo louco de morrer, com receio que me convencessem do contrário.

E, vencido, tomado da máxima covardia, cedi.

E dizem que o suicídio não é covardia!

O suicida foge da vida. E quem foge é um covarde!

Não se diga também que, para o suicídio, é preciso coragem. Não! Quem se mata não busca a morte. Busca é uma libertação para o sofrimento e a fuga da luta que não somos fortes para sustentar.

O suicida não teme a morte - estima-a! É o local onde supõe esconder-se do inimigo. É o lugar oculto, sem vigilância por onde espera escapar da prisão.

No suicídio não há um átomo sequer de valor - há o egoísmo mais condenável; o abandono do seu posto; o esquecimento dos sentimentos de vergonha! O suicídio é a confissão absoluta de covardia e desrespeito a tudo!

É a suprema fraqueza, a suprema falta de coragem!

Compreendi tarde demais que a tentação do Demônio não é uma lenda.

Compreendi também que o amparo do Anjo da Guarda não é uma ficção de velhas beatas!

Ah, se soubessem o preço que se paga por esta fuga covarde, ninguém se suicidaria. Os maiores mártires da Terra são doces consolações quando comparados aos mais suaves sofrimentos de um suicida.

Ainda sobre Antero de Quental:

Ele foi filósofo e poeta. Suas poesias são inconfundíveis pela filosofia e pela dúvida que o amargurava.

Aqui vai uma das muitas poesias que enviou à Terra:

À MORTE

I

Tu não és o Ser único, absoluto / Ó Morte que eu amei em outra era,
Quando a meus olhos foste a primavera /Que encantava o meu ser irresoluto.

Eu amava o teu negro olhar de luto, /A tua estranha forma de quimera,
Deusa da liberdade então te crera, /E sorrindo, busquei-te resoluto.

Mas como me enganei! Tu não me deste
O descanso que tanto apetecia!
Do sofrer, nova forma ofereceste!

Atiraste-me em nova agonia
Onde, em lugar da luz que me acendeste,
Só a Noite encontrei, que não tem Dia!

II

Tu foste por anos minha amada, /E os sonhos que meu sono povoava;
A mais linda ilusão que me embalava, /A etérea visão da minha fada.

Tu eras para mim, moura encantada, /Que nos meus devaneios tanto amava,
Do teu mistério o fim que procurava /Quando busquei teus braços, Descarnada!

Via em ti a esperança que sorria
À minha vida triste, atribulada,
Como a um viajante o fim do dia.

Sorri, por ser termo da jornada;
E pela tua mão gelada, eu ia
Entrar na Paz, entrar no Nada.

III

Tudo foi ilusão que se esvaiu! /Nem o Nada, nem a Paz, nem Liberdade!
Em vez de repousada eternidade, /Eternidade em dor de vez se abriu!

Foi o mais belo sonho que fugiu /Pela sagrada porta da Verdade;
Voltando-se em amarga realidade /A esperança que doce me sorriu.

E agora vou vivendo aqui vergado
Ao jugo de um tormento não buscado
Que no mundo nem ao menos vislumbrei.

Arrastando o remorso deste engano
Em que por ti caí, para meu dano
Pedindo a paz ao Deus que eu neguei.

Antero de Quental

Saturação social

Até aqui, nos detivemos no suicídio de figuras proeminentes, nomes conhecidos nos círculos sociais e intelectuais. Não que eles todos mereçam o comentário seguinte feito por **Ramatis** - mas... Quem o sabe? Alguns falaram claramente sobre o orgulho, a vaidade, o nome ilustre. Vejamos, pois, o que ele, Ramatis, disse quando perguntado sobre “*saturação social*” dos suicidas:

Saturação social é termo que designa os grandes escritores, artistas, cientistas, pintores, políticos, empresários e os bem sucedidos em quaisquer atividades que dê prestígio. Eles se habituam ao sucesso e aos mimos do mundo e dão muito valor às coisas transitórias da Terra. Quando saturados ou decepciona-

dos, muitos deles encontram motivos tolos para justificarem o suicídio que, na verdade, é resultante do tédio mental.

Geralmente as pessoas bem sucedidas atribuem a si próprias - e não a Deus - o mérito de seu sucesso. Daí não precisarem de religião, descrerem da sobrevivência da alma, verem em Jesus somente uma figura folclórica já gasta - e não a personalidade máxima já encarnada neste planeta.

Aqueles que assim se acham são presas fáceis do suicídio, certos que o mundo os chorará eterna e inconsoladamente!

Em encarnação futura, porém a Lei do Carma ajusta-os de acordo com o que se fizer necessário para que não tornem a cair na mesma tentação: coloca um véu sobre seus pendores artísticos, políticos, científicos, tornando-os homens comuns não mais ofuscados pela fama, brilho e sucesso.”



Presídio no próprio corpo

Ficar ligado ao corpo sem poder se mover é tipo comum de sofrer que pode acontecer ao suicida. Sem poder se desligar, o espírito fica colado ao corpo na sepultura sentindo toda a decomposição da carne, sentindo a dor de milhões de mordidas de vermes em todas as partes do corpo; olhos, nariz, boca, ouvidos sendo comidos aos poucos, em meio a dores terríveis, sentindo as baratas andando sobre si e se aninhando na boca, nos olhos, nas fendas formadas pelo corpo, em meio ao cheiro da própria carne apodrecida até que ela se deteriore, que seja consumida completamente.

O caso abaixo foi narrado pelo próprio suicida a um amigo, pedindo-lhe que publicasse sua dramática exposição, que serviria de alerta a quem pensa em suicídio:

Jacinto

Sou Jacinto, seu amigo, morto há vinte e cinco anos.

Matei-me com um tiro nos miolos. Lembra-se de mim? Na véspera de meu suicídio estive no seu escritório, à Rua da Quitanda e contei-lhe sobre minha vontade de acabar com a vida. Você me aconselhou e, seus conselhos, tive a loucura de não seguir. No dia seguinte, matei-me.

*Venho agora dizer-lhe o que é o suicídio e **pedir-lhe que publique, para alertar aos outros loucos que têm em mente a idéia de fugir da vida.***

No dia em que me matei, estava desesperado e você sabe os motivos.

*Ajeitei o revólver no céu da boca. Dei o tiro, mas verifiquei ainda estar vivo, sentindo dores agudas e ouvindo os gritos dos meus familiares - **mas não podia me mover!***

Continuei paralisado no corpo morto, sem poder me separar do cadáver até a hora do enterro. Assisti aos funerais, ouvi os lamentos e as recriminações dos presentes, pelo meu ato.

*Horrorizado, **vi fecharem o caixão sobre mim.***

*Carregaram-me ao cemitério, enterraram-me e me deixaram sozinho. **Senti a sufocação da cova, mas não podia fazer o mais leve movimento.** Estava colado ao corpo morto!*

Sentia, porém a inteligência lúcida; lembrava de tudo, raciocinava, seguia o fio das idéias. Então, lembrei-me que um espírito me disse um dia:

*“- **Muitas vezes, o espírito do suicida fica ligado ao corpo até o dia em que deveria ocorrer a morte, porque ele alterou a ordem determinada por Deus e ninguém tem este direito.**”*

Isso aconteceu comigo.

*As dores que sentia eram fabulosamente insuportáveis. E, logo a seguir, passei a sentir o cheiro do corpo apodrecendo. **Senti a mordedura dos vermes**, milhões de mordidas ao mesmo tempo, por todo o corpo. Sofrimentos incríveis! Além das dores no corpo, a dor do ferimento da boca nunca me abandonou.*

Muito tempo depois, a carne foi se separando dos ossos; foi secando, se acabando e eu sempre ali, assistindo a tudo entre dores pavorosas, sem ao menos poder dormir. A sede, a fome e o frio me torturavam.

Um dia, meus ossos foram tirados da cova e removidos para o jazigo da família. E eu ainda ali, colado aos ossos, vi a remoção, assisti a tudo e fiquei junto aos ossos, dentro do jazigo.

Sempre lúcido, sempre raciocinando, jamais tive um único minuto de descanso, em que pudesse dormir.

O jazigo foi aberto duas ou três vezes, para a colocação de cadáveres de pessoas da família. De quem? Nunca pude saber, porque não conseguia ao menos ir olhar quem estava enterrado ao meu lado.

Nestes últimos dias, fui libertado! Vou pagar meu crime em nova e mais terrível encarnação. Antes disso, aqui estou para pedir-lhe que diga aos que sofrem o que é o suicídio.

Esta é minha contribuição ao mundo.

Jacinto - Rio de Janeiro, outubro de 1917

Sr.^a F.

Suicida no Rio de Janeiro aos trinta e dois anos de idade, deixando marido e um filho pequenino. Matou-se ingerindo formicida. Depois de catorze anos, ela conta:

Logo que a morte aconteceu, eu não podia mover um dedo, mas permaneci lúcida o tempo todo. Ouvia os lamentos do meu marido e o choro do meu filho. Os remorsos vieram logo em seguida, mas não podia mais voltar atrás.

Quando o corpo foi para o necrotério tentei ficar em casa, mas não pude. Era como se estivesse amarrada ao cadáver. Chorando igual louca, notei estar sendo levada a uma mesa, para autópsia. Vi-me sem roupa, completamente nua e tremi de vergonha. Vergonha e terror, ao ver dois homens me abrindo a barriga, sem a menor cerimônia. Não sei o que doía mais: se a vergonha por me ver sem roupas em frente a estranhos que me retalhavam, ou se a dor de cada golpe do instrumento cortante que me rasgava a carne.

Eu, que horas antes estava no conforto da minha casa, tive de suportar as duchas de água fria nos órgãos expostos, igual a um porco morto.

*Assisti ao meu próprio enterro, com um terror difícil de ser imaginado. Depois, senti-me embaixo da terra, como se estivesse **enterrada viva**. Debatia-me querendo sair daquele lugar abafado, escuro, e úmido. Gritava, mas minha voz se perdia dentro do túmulo, dentro de mim mesma.*

Não sei por quantos anos estive no sepulcro vendo, hora a hora, a decomposição dos meus restos.

Depois de muito tempo, consegui me levantar. Estava com fome, com sede, fraca e machucada. Nisso, me vi cercada por uma legião de espíritos maus que me deram voz de prisão. Disseram que o suicídio é falta grave, que eu seria julgada e deveria acompanhá-los ao tribunal. Obedeci. Logo após estava encarcerada em tenebrosa caverna, onde já se contorciam outras vítimas, em meio ao mais supremo terror.

Aqueles malfetores abusaram de mim, da minha condição de mulher, sem noção alguma de moralidade, respeito ou piedade.

Depois de muitos outros anos, depois de muitos sofrimentos e remorsos, obtive ajuda dos Espíritos Elevados que me internaram em lugar de tratamento.

Após me sentir melhor, pedi permissão para visitar minha casa, marido e filho. Mas, tremenda surpresa!

Eu, que me matei por ciúmes do meu marido, vi-o casado outra vez, justamente com a rival que eu detestava! Em nada adiantou o meu suplício! Sofri muito em meu orgulho abatido.

Hoje, porém já percebo que aquela mulher possui muitas qualidades. Eu a amo, como se ama a uma irmã e a agradeço por dar ao meu filho, os carinhos que me recusei a dar.

Luís Alves

Enfermeiro sem família. A solidão e a pobreza o levaram ao suicídio com um tiro no coração, aos trinta anos de idade. Depois de vinte e seis anos, em 1º de dezembro de 1955, ele relata seus padecimentos. Eis o que ele conta na sua segunda mensagem à Terra:

Meu nome é Luís Alves e fui trazido aqui por instrutores que recomendaram que eu falasse sobre minha própria história. Se esta mesma história partisse de outra criatura, eu não acreditaria, caso ainda estivesse no meu corpo físico.

Muitas almas nascem a fim de lutar. Outras nascem a fim de auxiliar. E há aquelas outras que se escondem no túmulo, para aprender.

Nasci na Terra para cumprir certa tarefa no socorro aos doentes e deveria sofrer a provação da solidão, para que mais eficiente se tornasse meu serviço na ajuda aos doentes necessitados.

No entanto, ao chegar aos trinta anos de idade, vindo-me pobre e sozinho apesar do trabalho na enfermagem, entreguei-me ao desespero e, com um tiro, acabei com meu corpo. Ah! Foi neste instante que começou minha triste história!

*Depois da morte, eu me vi vivo, **ligado ao corpo!***

Por não ter parentes que fizessem o enterro, meu cadáver foi entregue, como indigente, à Escola de Medicina, servindo de cobaia aos estudantes, futuros médicos.

Como já disse, minha alma estava ainda ligada ao corpo. Eu tentava me afastar, mas continuava colado ao cadáver, sentindo tudo o que se passava, como se estivesse vivo. Meu corpo levantou grande curiosidade porque meus tecidos, meus músculos, minhas vísceras, minha pele tinham aspecto diferente dos demais cadáveres. Dezenas de médicos estudavam o meu caso e se sentiam indecisos, dizendo que ele era mais consistente, mais vivo, não se deteriorava com a mesma facilidade com que estavam acostumados a ver.

Mal sabiam eles que a minha presença constante era quem mantinha o corpo com aquele aspecto!

Ninguém da Terra pode calcular o martírio de um espírito preso ao corpo, sendo indefinidamente molestado como eu o fui, por aqueles estudiosos de Anatomia que procuravam em mim, o auxílio indireto para a solução de problemas médicos em favor de muitos doentes. Fui aberto, cortado, retalhado em todos os órgãos, em cada centímetro de pele. Gritava de dor, chorava, reclamava, mas ninguém me via, nem sabiam que eu estava aí. E eu ouvia o que diziam a meu respeito - alguns tinham palavras de carinho para comigo, mas outros me sacudiam de vergonha, com pensamentos e palavras que me ofendiam e feriam minha triste nudez.

Com o passar do tempo, as carnes foram sendo desgastadas nas atividades de cobaia e somente o esqueleto ficou. Alguns professores e médicos que haviam se afeiçoado ao meu caso particular guardaram-no, por ser original, firme, diferente dos demais. E continuei na minha prisão de ossos.

Quase sempre, novos aprendizes e estudiosos vinham fazer estudos sobre minha carcaça. Mas o pior eram as visitas que eu recebia dos espíritos inferiores: seres satânicos, viciosos e vagabundos que zombavam de mim, rindo às gargalhadas do meu triste estado de prisioneiro.

Vinte e seis anos de sofrimento!

Certo dia, lembrei-me de um médico desencarnado, de nome Mitter. Bastou um pensamento e ele me apareceu sorridente e jovem, como nos tempos da mocidade. Compadecido, ouviu minha horrenda história e conseguiu, por meio de passes, livrar-me dos ossos e me trouxe a esta casa espírita, há alguns dias.

Estais lembrados de mim?

No instrumento mediúnico consegui enfim chorar de verdade e clamar por socorro. Vossas palavras e vossas preces operaram em mim, o desejado milagre.

Vim a saber que, apesar do suicídio, consegui cumprir minha tarefa de amparo aos enfermos durante o tempo previsto! Sim, os anos todos em que servi de cobaia morta foram os anos que deveria ter vivido na Terra - e tendo servido em estudos para possíveis curas de doentes, minha missão foi considerada cumprida!

Naquele dia, depois de sair daqui, voltei ao meu doloroso domicílio de ossos. De regresso, oh, grande felicidade! O Dr. Mitter e eu observamos que, com minha ausência, o pobre esqueleto, sem minha sustentação, caiu no piso da sala fazendo-se em pedaços. Meu coração cantou de alegria porque, naquela hora, finalmente, como passarinho eu estava livre da minha gaiola de ossos!

Naquele momento, um velho professor entrou no recinto; vendo o esqueleto partido mandou que ele fosse queimado.

Desde então, estou livre e calmo.

Hoje vim visitar-vos para exprimir minha gratidão.

Ofereço meu caso, não para que venhamos a rir ou a chorar - mas simplesmente a pensar.

Marina

Não queria viver mais. Viu-se desprezada por Jorge, rapaz a quem amava há dois anos. Esperava casar-se, ter filhos, mas esperança vã! Jorge se aproveitou do seu amor, vindo a abandoná-la em seguida. Mundo desmoronado, solidão, vergonha. A idéia de suicídio a envolveu.

Escreveu bilhetes e engoliu a porção de uma só vez.

Deitou-se e esperou morrer. Ao invés disso, porém, começou a sentir dores. Muitas dores. Dores pavorosas no estômago, nos nervos, no sangue, nos ossos; convulsões se sucediam dobrando-a ao meio, mas a morte não chegava. Dores horríveis e, desde então, Marina sentia-se morrer, sem morrer.

A mãe entrou no quarto, chamou-a, tocou suas mãos e afastou-se horrorizada, gritando como que enlouquecida: “- Morta! Ela está morta!”.

Marina falava com a mãe, dizia que estava ainda viva. De nada adiantou, pois a mãe não a escutava.

Chegou gente; o quarto ficou pequeno com tantas pessoas dentro dele: familiares, vizinhos, desconhecidos, médico. Viu-se carregada para longe de casa e colocada em vasta gaveta.

Marina não apenas chorava. Rugia em contorções, mas ninguém percebia suas dores, ninguém ouvia seus lamentos. Depois, foi atirada sem qualquer consideração sobre uma mesa gelada e deixaram-na sozinha por longo tempo. Pedia socorro, gritava, retorcia-se de dor, queria se levantar e, no entanto, parecia que seus movimentos não serviam de nada, não conseguia ao menos fazer-se ouvir.

Arrependida já estava por haver tomado o veneno. Pensou no desgosto dos pais, se tivesse morrido - e resolveu que não mais tentaria o suicídio. Quando pudesse sair daquela situação, jamais pensaria em se matar. Trabalharia, esqueceria a ingratidão de Jorge, tentaria viver sem ele.

Aqueles homens voltaram e tiraram-lhe a roupa! Marina se alarmou indignada, cheia de vergonha por sua nudez perante estranhos. Um deles tomou o bisturi e abriu-lhe o ventre. E Marina gritava: “- Assassinos!” - mas a operação prosseguia.

“- Bela mulher”- disse um.

Tateando-lhe o busto, o outro continuou: “- Por que matar-se deste modo, lindeza?”

Que fenômeno era aquele? Ela havia tomado veneno sim, mas se sentia dores, era porque estava viva. No entanto, diziam que ela havia morrido! E agora, aqueles homens a tratavam como um cadáver em autópsia!

Autópsia? Finalmente, Marina compreendeu...

E passou à loucura total.

“- Então isso é a morte tão buscada e desejada pelos revoltados e descontentes? Então esta posição angustiada é o que se pode encontrar após o suicídio?”

Estas perguntas fazem a si mesmo todos aqueles que se matam.

Todos os casos, todos os depoimentos são unânimes quanto ao pavor que se apodera do infeliz. Em nenhuma mensagem de suicida - absolutamente nenhuma! - se vê tranquilidade, amenidade, paz. Não importa quem tenha recebido a mensagem, não importa o lugar do mundo onde ela acontece, não importa o gênero de morte escolhido. Os sofrimentos são insuportáveis, os lamentos são horrendos, a decepção é intraduzível, e os remorsos, muito mais.

Assim é o suicídio!

Presídio no local da morte

Outra modalidade de suplício relatada pelos que passaram por ele: o espírito não consegue sair do lugar onde se suicidou e passa a repetir o gesto suicida e a sofrê-lo, indefinidamente. Vamos a alguns casos:

Uma quitandeira

Trabalhava numa quitanda, em Lisboa. O marido era mau, jogador, ébrio, vagabundo, não trabalhava e obrigava-a a sustentá-lo, a sustentar a casa e os filhos. Insultava-a, espancava-a, espancava os filhos.

Num dia, após uma briga em que foi novamente espancada, ela não suportou mais. Como louca correu para a linha do trem de Cascais, no momento exato em que ele passava junto ao cais de Alcântara. Atirou-se sob suas rodas. Ia acabar com tudo, pensou ela.

Sentiu que, em poucos segundos, suas carnes foram dilaceradas. Viu cada parte do corpo sendo separada

do resto, viu fragmentos dos membros rolares com o impulso do choque que os decepara, viu cada pedaço se esparramando ao longo dos trilhos. Viu que suas carnes retalhadas sacudiam-se em contrações palpitan-tes. Viu-se cortada em pedaços; ouvia o crepitar dos ossos, sentia uma dor descomunal composta de muitas dores desiguais, localizadas em cada um dos pedaços de corpo espalhados no solo. Viu que jorrava sangue em contrações nervosas e, coisa horrível! *Sentia que não morria!*

Viu chegar gente gritando. Viu a chegada das autoridades.

Viu que examinavam seus restos. Assisiu quando juntaram seus pedaços e os colocaram num caixote de madeira. Queria afastar-se dali, sair correndo, mas não conseguia. Gritava, mas não a ouviam, não lhe aten-diam. Agarrava-se às pessoas para mostrar que estava ali, viva! Que a levassem para casa!

Mas não percebiam sua presença, ninguém se importava com ela.

Todos se afastaram. A caixa contendo seus restos foi removida, formando um rastilho de sangue pela rua.

Ficou sozinha *sem conseguir se afastar daquele lugar*. Não entendia como se via morta e em pedaços, ao mesmo tempo em que estava viva e a sentir dores, muitas dores em todo o corpo.

E foi então, que seus sofrimentos começaram, de verdade!

Ouviu novamente a chegada do trem - um trem que só existia em sua imaginação - e, sem poder se con-ter, atirou-se à sua frente. Sentiu-se novamente esmagada, ouviu os ossos sendo triturados, as carnes corta-das em dores medonhas.

O trem foi embora, e lá veio ele outra vez! E a mulher sendo esmagada, tudo outra vez, tudo outra vez, milhões de vezes, sempre, sempre, sempre... A cada minuto vinha o monstro de ferro e a cada minuto ela se atirava embaixo dele, repetindo a agonia.

Para ela, tudo era noite escura através da qual via os filhos, tal como os deixara: doentes e com fome.

E, entre um trem imaginário e outro, a mulher via ao redor de si seres hediondos que riam, que a empur-ravam, que zombavam por haver ela fugido da vida. Pareciam demônios e ela se apavorava. Suplicava que a deixassem, mas eles redobravam as gargalhadas e os empurrões. O riso era de endoidecer!

Mas lá vinha o trem e ela se atirava sob suas rodas, sendo esmagada, arrebatada, estraçalhada de novo.

Após a passagem do trem, aqueles demônios repetiam suas atividades aterrorizantes sempre zomban-do, uivando e gargalhando. Vestiam-se todos de negro e tinham ares de sofrimento, desde que eram também suicidas. Alguns estavam estraçalhados como ela própria; outros com o rosto inchado, outros com sangue a correr pelos ouvidos ou à altura do peito. Diziam-lhe que seriam seus eternos companheiros, porque também eles haviam se matado com as próprias mãos.

Aqueles demônios nunca mais a deixaram. Iam uns, vinham outros. E o trem a passar sobre ela. E aqueles seres demoníacos que a perturbavam. E a visão dos filhos a lhe doer na alma. Não parava mais, não parava mais... Quanto tempo durou aquilo? Anos. Longos anos, sem dia, sem noite, sem descanso, sem tréguas - *até que foi esgotado o tempo que ela deveria viver sobre a terra*.

Só então, pôde ser removida para outro lugar, onde passou das dores físicas às dores morais do remorso, do arrependimento - dores mais profundas e dolorosas que as anteriores...

François Simon Louvet

Pobre infeliz que teve na Terra, a prova da miséria. Vencido pelo desgosto, faltou-lhe coragem e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez. Desceu ao último degrau do desespero, pondo fim à vida. Atirou-se da Torre Francisco II, em 22 de julho de 1857.

Era desconhecido por todos os presentes naquela reunião na Sociedade Espírita de Paris, grupo de estu-dos de Allan Kardec, no Havre, a 12 de fevereiro de 1863, quando deu a seguinte mensagem:

Tereis piedade de um pobre miserável que passa, há muito tempo, por cruéis torturas? Oh! O vácuo! O espaço! Caio... Morro... Acudam-me!

Deus, eu tive uma existência tão miserável! Sofri fome na velhice e por isso eu bebia, tinha vergonha e desgosto de tudo. Quis morrer e me atirei! Oh! Meu Deus! Que momento! E para que a vontade de morrer, se o final estava tão próximo? Oraí para que eu não veja incessantemente este vazío debaixo de mim! Vou despedaçar-me de encontro a estas pedras!

Eu suplico a vós, que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a este mundo. Eu sofro! Para que mais dores? Eu sofro muito! Não será isso bastante? Se eu estivesse com fome, com certeza receberia um pedaço de pão de vossas mãos. Pois eu vos peço que oreis por mim!

Não posso ficar mais tempo neste estado!

Perguntai a qualquer desses infelizes que aqui estão e saberão quem fui. Orai por mim!

François Simon Louvet

Nos dias seguintes, os integrantes da Sociedade Espírita de Paris buscaram informes a respeito de François Simon Louvet. Queriam comprovar a veracidade da mensagem recebida e encontraram no *Journal du Havre* de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia:

Ontem, às quatro horas da tarde, os transeuntes do cais foram impressionados por um horrível acidente: um homem atirou-se da torre, vindo a despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastou ao suicídio. Chamava-se François Victor Simon Louvet. O corpo foi trasladado para a casa de uma de suas filhas, à rua de la Corderie. Tinha 67 anos de idade.

Seis anos fazia que esse homem morrera e ele se via ainda cair da torre, despedaçando-se nas pedras. A terra-o o vácuo, horroriza-o a expectativa da queda - e isso há seis anos!

Quanto tempo durará tal estado? Este sofrimento todo não seria o mesmo - ou pior - que um inferno em chamas?

Em busca do ser amado

Há quem busque o suicídio para se *juntar* ao ser amado que morreu. Ah, se soubessem que, assim, *sem fé, sem paciência, sem resignação, sem confiança em Deus*, estão apenas *prolongando, por séculos até*, o tão sonhado reencontro!

Eis, o triste relato de um pai que saiu à procura do filho.

Júlio César Machado

Escritor lusitano. Ele possuía um filho - Julinho - que era toda a sua felicidade.

A criança morreu e o pai suicidou-se, para ir mais depressa ao seu encontro. Eis as palavras do próprio pai, quando conseguiu comunicar-se com a Terra:

Eu vivia feliz a cantar a vida, despreocupado - mas veio a Morte e levou meu filho querido, o enlevo da minha alma, a alegria dos meus dias, a causa do meu viver. E na minha vida se fez um vazio.

Acreditava na Vida Eterna e sabia que meu filho estava vivo em alguma parte. Não podia viver sem ele e saí à sua procura. Era preciso que eu o seguisse, que o encontrasse. Assim pensava eu, assim pensava a mãe e resolvemos iniciar viagem à procura de nosso príncipezinho encantado que nos fora roubado.

Partimos ambos.

Ela, por um milagre, ficou na estação da partida - não pôde morrer. Mas a mim, a Morte me envolveu e me arrastou. Fui levado por um turbilhão.

Às vezes, eu era levado a regiões medonhas. Noutras vezes eu voltava, sem querer, aos lugares terrenos onde quisera fugir, onde tudo me lembrava minha desgraça, não conseguindo a mais leve indicação sobre meu filhinho. E nem tenho esperanças de encontrar meu filho depois da morte porque, para mim, a morte não existe mais. E até hoje corro, até hoje me debato a gritar, a gritar sempre pelo meu adorado filho - e não o vejo nunca.

Eu que me matei porque não podia viver sem ele, tenho de viver sem ele porque me matei!

Não o verei mais? Horror! Horror! Mil vezes horror! Haverá justiça nesta condenação? Quem é o juiz bárbaro que não viu que, se eu buscava a morte era porque minha vida, sem ele, não era vida? Era crime amá-lo tanto? Mas, se o amor a um filho é crime, por que Deus colocou o amor em nosso coração?

Perdoai, Senhor, se blasfemo. Mas, ó Deus! Tu, que és pai, Tu que és bom, por que não me perdoas? Não vês que a tentação armou meu braço? Que a tentação me levou à morte?

Mas se não posso ver meu filho, por que mo deste, Senhor? Se eu tinha de perder a felicidade, por que

ma mostraste? Não sofro pelos tormentos e dores que sofro agora; sofro porque não encontro meu filho!

Se queres dar um castigo à minha desobediência às Tuas leis, aumenta, Senhor, o meu penar! Que eu viva o tormento eterno; que me revolva nas agonias da dor, mas deixa-me ver meu filho! Que o veja uma única vez e Te bendirei o nome!

Olha para a minha alma, meu Deus! Vê se algum sentimento revoltoso me empurrou para a morte. Verás, Senhor, que me matei foi só pela fraqueza de não poder viver sem a vida que meu filho me dava. Tão grave pecado eu fiz para não merecer um só momento de ventura?

Não sei se já me arrependi o bastante para ter a certeza de que não repetiria o mesmo ato, se me encontrasse de novo na Terra sem meu filho! Sei que digo loucuras. É horrível tudo o que estou dizendo. Mas Tu sabes, Senhor, que eu não era um revoltado.

Matei-me? Transgredi a Tua lei? Mas o que fiz foi por ignorância, para continuar a amar aquela criança que me foi arrancada.

Tem piedade de mim! Devolva o meu filho, por um instante que seja e bendirei tudo quanto já sofri; e sorrirei plenamente diante de todos os outros sofrimentos que possam me acompanhar pela eternidade afóra. Tu que és Pai, compadece-te do filho que pecou porque também era pai!"

Nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos presididas por Allan Kardec e sob a coordenação de São Luís (Espírito), vários suicidas foram ouvidos. Eis alguns destes casos:

Sra. M. C. e seu filho Benjamim

Em março de 1865, nos arredores de Paris, um jovem de 21 anos idade, ao prever a morte teve forças para abraçar sua mãe, numa terna despedida. Ela, a mãe, entre lágrimas, disse:

- *"Vai, filho, que eu não tardarei a segui-lo."*

Os presentes a esta cena consideraram tais palavras, simples explosão de dor - mas, morto o doente, a mãe foi encontrada enforcada num celeiro.

O enterro da suicida foi feito juntamente com o do filho.

Muitos dias depois, o espírito do rapaz comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris, ao grupo de estudos de Allan Kardec e lhe foi perguntado sobre sua situação no Além.

A entrevista se deu através de perguntas e respostas entre os membros do grupo de estudos e o rapaz desencarnado:

Evocador: *Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero causado pela vossa perda?*

Resposta: *Sim - e se não fosse o gesto louco de minha mãe, eu seria agora completamente feliz. Pobre mãe! Sem suportar a prova desta aparente separação, quis unir-se a mim e tomou o caminho que nos manterá muito mais separados. E por quanto tempo! Com seu ato, minha mãe retardou indefinidamente uma reunião que teria acontecido muito breve, se sua alma se conformasse às vontades de Deus. Ela deveria ter sido resignada e humilde diante do sofrimento que deveria purificá-la!*

Orai! Orai por ela e, sobretudo, não a imiteis, vós outras mães e pais, que vos comoveis com a narrativa de sua morte. Não acrediteis que ela amasse mais que as outras mães a este filho que era o seu orgulho. Não! É que lhe faltaram a coragem e a resignação.

Mães que me ouvis! Quando a morte se abater sobre o olhar de vossos filhos, lembrai-vos de que, como Jesus, eles sobem ao cume do Calvário, de onde deverão elevar-se à glória de Deus.

Em seguida, a própria mãe se comunicou através do mesmo grupo de estudos e a mensagem foi, como antes, feita através de diálogo entre homens e espírito:

Mãe: *Quero ver meu filho! Tendes o poder de dar-mo? Cruéis! Tomaram-no de mim e me deixaram nas trevas! Quero-o! Quero-o porque me pertence! Nada vale então o amor de mãe? Tê-lo carregado por nove meses, tê-lo amamentado; guiado seus passos; ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência, de virtudes, de amor filial, para perdê-lo quando o futuro brilhante já era visível!*

Não! Deus não é justo! Ele não é o Deus das mães, porque não compreende a dor e os desesperos das mães... E quando me entreguei à morte para não me separar dele, eis que novamente ele me é roubado! Meu filho! Meu filho, onde estás?

Evocador: *Pobre mãe! Compartilhamos sua dor. Buscste, no entanto, um triste recurso para vos reunirdes ao vosso filho: o suicídio. Pois o suicídio é um dos maiores crime e deveis saber que toda infração às leis divinas são punidas. A ausência de seu filho é a vossa punição.*

Mãe: *Não. Eu julgava que Deus fosse melhor que os homens. Não acreditava no seu inferno, mas acreditava na reunião das almas que se amaram como nós nos amávamos. Enganei-me. Deus não é justo nem bom, por isso não compreendeu a grandeza da minha angústia, nem a grandeza do meu amor. Oh! Onde estará meu filho? Será que o perdi para sempre? Piedade! Piedade, Meu Deus!*

Evocador: *Vamos! Acalmai vosso desespero; considerai que, se houver um meio de rever vosso filho, não é blasfemando como estais fazendo. Com isso, em vez de atrairdes a Sua misericórdia, fazeis jus a maior severidade. Quereis falar com maior calma?*

Mãe: *Disseram-me que não mais o tornaria a ver e compreendi que o haviam levado ao paraíso. E eu, estarei por acaso, no inferno? No inferno das mães? Sim, o inferno das mães existe, pois estou dentro dele!*

Evocador: *Vosso filho não está perdido para sempre. É certo que tornareis a vê-lo, mas é preciso merecê-lo pela submissão à vontade de Deus, ao passo que a revolta poderá retardar esse momento.*

Ouvi-me: Deus é infinitamente bom, mas é também infinitamente justo. Assim, ninguém é punido sem causa e, se sobre a Terra Ele vos deu grandes dores, é porque o merecestes. A morte do vosso filho seria uma prova à vossa resignação. Infelizmente, vós sucumbistes a ela e eis que, após a morte, de novo sucumbis.

Como pretendeis que Deus recompense os filhos rebeldes?

A sentença não é eterna e o arrependimento do culpado é sempre acolhido.

Se tivésseis aceitado a provação com humildade; se houvésseis esperado com paciência o momento de vossa desencarnação, ao entrardes no mundo espiritual teríeis imediatamente avistado seu filho, que vos receberia de braços abertos. Depois da ausência, vê-lo-íeis radiante.

Mas o que fizestes e ainda estais fazendo, coloca entre vós e ele, uma barreira. Não o julgueis perdido nas profundezas do Espaço, pois ele está mais perto do que supondes. Acontece que um véu impenetrável não permite que o vejais.

Ele vos vê e ama sempre - e deplora a triste condição em que caíste pela falta de confiança em Deus.

E ele espera ansioso o momento feliz de se apresentar perante vós. Depende apenas de vossa boa vontade abreviar ou retardar esse momento.

Orai a Deus e dizei comigo:

“Meu Deus, perdoai-me por ter duvidado de vossa justiça e bondade; se me punistes, reconheço ter merecido. Aceitai meu arrependimento e submissão à vossa santa vontade.”

Mãe: *Que luz de esperança acabais de fazer despontar em minha alma! É como um relâmpago nesta noite que me cerca. Obrigada. Vou orar... Adeus.*

Negociante de Paris

Analiseemos um suicídio que não foi motivado pelo desespero, nem pela fuga em busca da liberdade. Como tudo é levado em consideração na Contabilidade Divina, há suicídios - bem poucos por sinal - que, apesar de seus autores receberem punição, há certa relevância por haver sido praticado em *benefício de outra pessoa*.

Mas não será por isso que se possa ir se suicidando, alegando ajuda a alguém. Deus, que tudo vê e tudo sabe poderá ver, no fundo do coração, e retirará daí o verdadeiro motivo da morte espontânea. E o suplício será dado de acordo com a verdadeira intenção. *“A cada um de acordo com suas obras.”*

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris tinha um filho que fora sorteado para os

campos de batalha. Impedido de livrá-lo desta responsabilidade, ocorreu-lhe suicidar-se, a fim de isentar o filho, como filho único de mulher viúva.

Um ano mais tarde, este pai foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa amiga, desejosa de certificar-se de seu destino no mundo invisível. Em tal circunstância, o guia espiritual do grupo, S. Luiz, deu a permissão para a evocação, desde que o espírito sentir-se-ia mais aliviado em poder comunicar-se com a Terra. Sob forma de perguntas e respostas, eis seu depoimento:

Evocador: Poderíamos perguntar sobre vossa pessoa?

Resposta: Oh sim! Obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, ele me perdoará.

(O espírito escreve com dificuldade. As letras são irregulares e mal formadas. Depois da palavra **mas**, ele pára e, procurando em vão escrever, apenas consegue alguns traços indecifráveis. É certo que foi a palavra **Deus** que ele não conseguiu escrever.)

Evocador: Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixaste de escrever.

Resposta: Não sou digno de escrevê-la.

Evocador: Disseste que sofreis; mas vos suicidaste para livrar vosso filho de possível morte na guerra. Tal motivo de morte não mereceu qualquer desconto na vossa pena?

Resposta: A punição será mais curta, mas nem por isso a ação deixa de ser má.

Evocador: Podereis descrever-nos essa punição?

Resposta: Sofro duplamente: na alma e no corpo. E sofro no corpo, apesar de não possuir corpo nenhum - sofro as mesmas dores, assim como o operado sofre dores num membro amputado.

Evocador: Vosso suicídio teve por única causa a isenção de vosso filho ou mais alguma causa secreta?

Resposta: Fui levado somente pelo amor paterno. Em atenção a isso, minha pena será abreviada.

Evocador: Há pouco não vos foi possível escrever a palavra Deus e, no entanto, muitos outros espíritos sofredores conseguem fazê-lo. Será isso uma conseqüência da vossa punição?

Resposta: Poderei escrever com grande esforço.

(O espírito escreveu com letras irregulares: "Deus é muito bom.")

Pergunta a S. Luís: Podereis falar-nos a vossa opinião sobre este suicídio?

Resposta: O sofrimento deste espírito é justo porque faltou a ele a confiança em Deus. A punição seria maior e mais longa se não houvesse, como atenuante, o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê no fundo dos corações, não pune senão de acordo com suas obras.

Comentário

À primeira vista, este suicídio poderia ser considerado desculpável - e assim é, mas não de modo absoluto. A esse homem faltou a confiança em Deus. Sua ação impediu a realização do destino do filho! Além disso, não se podia ter certeza de que o filho ia mesmo morrer; e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se. A intenção do pai era boa; isso lhe atenua o mal e merece indulgência, mas o mal é sempre o mal e, não fosse isso, todos os crimes seriam desculpáveis porque, no fundo, o homicida sempre pode ter bom motivo para matar.

O suicídio mais severamente punido é aquele resultante do desespero que visa diminuir os sofrimentos da existência - sofrimentos estes que são, ao mesmo tempo, expiações e provações. Fugir da vida é recuar diante da tarefa aceita e, às vezes, diante de uma missão importante que deveria ser cumprida para o bem de muita gente.

O suicídio não é apenas o ato voluntário que leva à morte instantânea, mas tudo quanto se faça, conscientemente, para apressar a extinção da vida.

Não se pode chamar de suicida aquele que se expõe à morte para salvar um seu semelhante.

Recentemente os jornais noticiaram o seguinte fato:

“Ontem, dia 7 de abril de 1858, pelas sete horas da noite, um homem de cerca de cinqüenta anos, vestido decentemente, apresentou-se no estabelecimento da Samaritana e pediu um banho. O empregado admirou-se de que, após duas horas, o individuo não chamasse; decidiu-se a entrar no banheiro para ver se não se sentia indisposto. Testemunhou, então, um horrível espetáculo: o infeliz havia golpeado a garganta com uma navalha e todo o sangue se havia misturado à água da banheira. Desde que a identidade não pode ser estabelecida, o cadáver foi transportado para o necrotério”.

“Pensamos que seria possível tirar um ensinamento útil à nossa instrução da conversa com o Espírito desse homem. Assim, evocamo-lo a 13 de abril, seis dias, portanto, após a sua morte.”.

1. – Peça a Deus Todo-Poderoso permita ao Espírito do individuo que se suicidou a 7 de abril de 1858, nos banhos da Samaritana, venha comunicar-se conosco.

R. – Espere. (Depois de alguns instantes): Ei-lo.

(Observação: Para compreender esta resposta é preciso que se saiba que, em geral, em todas as reuniões regulares, há um Espírito familiar, do médium ou da família, o que está sempre presente, sem ser preciso chamá-lo. É ele quem faz virem os que são evocados e, conforme seja mais ou menos elevado, serve como mensageiro ou dá ordens aos Espíritos que lhe são inferiores. Quando nossas reuniões têm com interprete a Senhorita Hermance Dufaux, é sempre o Espírito de São Luis que, voluntariamente, toma esse encargo. Foi ele quem deu a resposta acima.)

2. – Onde se acha agora?

R. – Não sei... Dizei-me, onde me encontro?

3. – À Rua Valois, Palais-Royal, nº 35, numa reunião de pessoas que se ocupam de estudos espíritas e que lhe são benevolentes.

R. – Dizei-me se estou vivo... Eu sufoco no caixão.

(...)

5. – Que motivo o levou ao suicídio?

R. – Estou morto? Não... Estou em meu corpo... Não sabeis quanto sofro... Eu sufoco! Que mão piedosa virá pôr-me um fim?

(Observação: Sua alma, embora separada do corpo, ainda está mergulhada naquilo que poderíamos chamar o turbilhão da matéria corpórea; as idéias terrenas ainda se acham vivazes. Não se crê morto.)

6. – Porque não deixou nenhum elemento de identificação?

R. – Estou abandonado: fugi do sofrimento para encontrar a tortura.

7. – Tem ainda os mesmos motivos para ficar incógnito?

R. – Sim. Não coloqueis um ferro em brasa na ferida que sangra.

8. – Poderia dar-nos o seu nome, idade, profissão e domicílio?

R. – Não... A tudo: não!

9. – Tinha família? Mulher e filhos?

R. – Eu estava abandonado; ninguém me amava.

10. – Que fez para não ser amado por ninguém?

R. – Quantos há como eu!... Um homem pode estar abandonado no meio da própria família, quando nenhum coração o ama.

11. – Experimentou alguma hesitação ao realizar o suicídio?

R. – Eu tinha sede de morrer... Esperava o repouso.

12. – Como é que a idéia do futuro não o levou a renunciar àquele desígnio?

R. – Eu não cria mais no futuro: estava sem esperanças. O futuro é a esperança.

13. – Que reflexões você fez ao sentir extinguir-se a vida?

R. – Não refleti: senti... Mas a minha vida não se extinguiu... Minha alma está ligada ao corpo... Não morri... Entretanto sinto que os vermes me roem.

14. – Que sentimento experimentou no momento em que se completou a morte?

R. – E ela se completou?

15. – Foi doloroso o momento em que extinguiu a vida?

R. – Menos doloroso do que depois. Só o corpo sofreu.

Pergunta a São Luis: *Esse estado é o que sempre se segue ao suicídio?*

R. – Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo de sua vida. A morte natural é o enfraquecimento da vida: o suicídio a interrompe bruscamente.

P. – Esse estado será o mesmo em toda morte acidental, independente da vontade e que abrevia a duração natural da vida?

R. – Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só é culpado por suas obras.

(Observação: Havíamos preparado uma serie de perguntas que desejávamos dirigir a esse Espírito, mas diante das respostas, era evidente que ele não tinha nenhuma consciência da situação. A única coisa que nos pode descrever foi o seu sofrimento.)

III - MOTIVOS

QUE LEVAM AO SUICÍDIO

Nas Leis de Deus ninguém paga o que não deve, ninguém paga dívida alheia, ninguém paga mais do que deve, ninguém fica devendo coisa alguma. Deus não bate prego em parede errada.

Tudo o que acontece tem uma causa, nada acontece ao acaso. Sempre que ocorre sofrimento “*sem motivo, sem que se mereça*”, é preciso ir procurar sua causa mais além. Além desta vida.

Para aqueles que não acreditam em reencarnação basta dizer que, até mesmo a prática da regressão de memória através da hipnose por cientistas sérios, já constatou e provou que uma pessoa pode ter tido outras vidas, nas quais contraiu débitos - débitos estes presentes na atual encarnação, para serem sanados. Ora! Uma dívida só é saldada através de trabalhos árduos e sofrimentos.

Vamos tomar conhecimento do que diz **Ramatis** sobre os sofrimentos que apanham as pessoas em plena viagem na vida corpórea - sofrimentos que, às vezes, leva ao suicídio.

Perguntado sobre mortes espontâneas em atos de desagravo a determinadas injustiças cometidas contra sua pátria e seu povo, eis como ele se manifestou:

*Sabeis muito bem que não há efeito sem causa. Se, no vosso mundo, existem leis escritas e penalidades aplicadas a cada caso de delinquência, é óbvio que nas Leis Divinas, muito mais justas que as da Terra, existem penalidades de acordo com o padrão de comportamento de cada espírito em sua faixa evolutiva, com o objetivo de promover-lhes o progresso. Em consequência disso, não existem as “injustiças” em relação ao processo de **ação e reação** ou de **causa e efeito** que, sob a disciplina cármica é da responsabilidade do seu próprio autor, o espírito encarnado.*

*Repito: Não é possível existir injustiça na Lei de Deus, por razão muito simples: não existe **reação** sem ter havido uma **ação** correspondente. Por isso, aquele que recebe dores e torpezas do mundo caídas sobre si ou sobre sua família, sobre seu povo ou sobre sua pátria, encontra-se colhendo o efeito cármico do seu próprio passado - ou seja, sofrendo exatamente os efeitos das causas que as originaram. Se assim não fosse, esse suicida teria nascido noutra família, noutra pátria, ou mesmo em outro planeta cujo carma fosse mais leve.*

*Embora se trate de alma devotada às tarefas do mundo, é possível que tenha sido culpada ou instigadora de iguais desesperos no passado, por cujo motivo veio habitar em meio a condições semelhantes. Quem semear espinhos não se iluda, porque não colherá morangos! Os que se suicidam em desagravo a qualquer violência ou injustiça cometida contra sua raça ou nacionalismo fanático são alunos que ainda não aprenderam a lição e **terão de repetir toda a matéria** numa oportunidade posterior, até que ela esteja bem interiorizada.*

Os espíritos co-autores do “*Evangelho segundo o Espiritismo*”, de **Allan Kardec**, em página intitulada *Causas anteriores das aflições*, dizem:

Por que há males que parecem atingir o homem como por fatalidade, como por exemplo: perda de entes queridos, acidentes, reverses da fortuna, flagelos naturais, enfermidades, deformidades, idiotia e outros que não se podem evitar? Quem passa por enormes sofrimentos sem nada ter feito de mal, por que triste sorte? Por que há seres desgraçados enquanto, ao seu lado, às vezes sob o mesmo teto, outros são favorecidos de todos os modos? Por que há crianças que morrem em tenra idade e só conheceram sofrimentos?

Ora... Os males considerados imerecidos seriam a negação da justiça de Deus, no caso da alma ter sido criada ao mesmo tempo em que o corpo e de ter sua sorte determinada de maneira irreversível logo ao nascer. O que fizeram estas almas que acabam de nascer para merecer recompensa ou castigo, se não puderam ainda fazer o bem e nem o mal?

Todavia, toda consequência tem uma causa e assim, a infelicidade é consequência e há de ter tido uma causa.

Ora, a causa vem sempre antes da consequência e, se tal causa não se encontra na vida atual, encontrar-se-á em tempos anteriores, em vidas já vividas antes desta. Por outro lado, se Deus não pune ninguém pelo mal que não foi feito - e se somos punidos é porque fizemos o mal - e se este mal não foi praticado na presente vida, é porque foi feito noutra.

Além disso, se Deus é justo, há de punir todos os males feitos pelos homens - no entanto, nem sempre se vê os maus sofrendo as conseqüências de seus atos; nem sempre se vê a prosperidade abandonar os homens injustos; nem sempre o infortúnio bate às portas daqueles que espalham sofrimentos a outras pessoas. Difícilmente se vê a justiça sendo feita aos maus, pois, às vezes, a morte lhes chega antes. Então, como fica? Se a vida é curta para o pagamento dos débitos, os maus não terão a punição que lhes é devida? A morte os terá livrado das conseqüências de seus atos? Quando é que sofrerão o que fizeram outros sofrerem?

A justiça de Deus, porém, nunca falha. Homem algum escapará de chorar cada lágrima que fez outros derramarem. Se foi duro e desumano poderá ser, por sua vez, tratado com dureza e desumanidade. Se foi orgulhoso, poderá nascer em situação humilhante. Se foi avaro e egoísta, ou se fez mau uso da riqueza, poderá nascer privado do necessário. Se foi mau filho, sofrerá pelo mau procedimento de seus filhos - e assim por diante. Assim se explicam as anomalias, as venturas e desventuras entre os bons e os maus. Aliás, são anomalias somente na aparência - mas não o serão se forem consideradas as vidas anteriores de cada um. Ali se encontram as causas. A cada um é atribuída a parte que lhe toca porque a justiça de Deus nunca é interrompida.

*Há espíritos penitentes que, desejosos de quitarem rapidamente suas dívidas **escolhem, livremente**, as penas pelas quais passarão no mundo material, sempre de acordo com o tipo de faltas cometidas anteriormente.*

*Nem sempre, porém, o sofrimento suportado teve suas causas em vidas anteriores. Muitas vezes são **provas** buscadas pelo próprio espírito, a fim de **concluir sua depuração e ativar seu progresso**. O espírito pode haver chegado a certo grau de evolução e, para apressar o adiantamento, solicita uma missão, uma tarefa a executar, um trabalho a fazer na Terra, em corpo físico.*

Tendo por apoio as explicações acima, é mais fácil compreender os motivos que levaram à cegueira o escritor Camilo Castelo Branco. É uma história triste, relatada por ele próprio, no livro “*Memórias de um suicida*”. É uma sequência de fatos que abrange não uma só vida, mas quase dois milênios vividos por ele mesmo!

A fim de se lembrar destes fatos, Camilo teve de passar muitos anos de preparo nas Colônias do Espaço, sob o cuidado de Espíritos Protetores. Para ele foi muito angustioso saber seu passado, mas humildemente contou à Terra também esta parte negra da suas encarnações, pois acreditou que estes episódios seriam complementares e necessários à narrativa dos sofrimentos como suicida.

Ele quis deixar claro que seu gesto ao procurar a morte foi injusto, dado o seu passado tenebroso. Quis mostrar que deveria ter arrastado até o final **a sua cegueira, um presente de Deus** para saldar suas inúmeras dívidas para com o mundo. Quis deixar um exemplo aos homens da Terra: **ninguém sofre injustamente**.

Acima de tudo, Camilo demonstra enorme desprendimento ao narrar a sequência de suas vidas anteriores, pois, como seu nome era coberto de glória na Terra, ele poderia muito bem ter se escusado de abrir suas vidas, página a página mostrando seus erros, suas fraquezas. Se ainda lhe perdurasse o orgulho, possivelmente se esquivaria de expor sua história tão abertamente num livro.

Eis, portanto sua história, narrada por ele próprio:

A história de Camilo

Minhas mais distantes recordações chegam ao ano trinta e três da era cristã.

A velha cidade santa dos judeus - Jerusalém - estava agitada naquela manhã de sol quente. Eu estava possuído de uma alegria satânica, indo e vindo pelas ruas apinhadas de forasteiros promovendo arruaças, soprando intrigas, derramando boatos, incentivando desordens, pois estávamos no grande dia do Calvário e sabia-se que certo revolucionário, por nome Jesus de Nazaré, havia sido condenado à morte na cruz, com mais dois outros réus.

Corri ao Pretório sabendo que, dali, sairia para o patíbulo o sentenciado tão odiado pelos judeus.

Eu era um miserável, pobre e mau. Devia favores a muitos judeus de Jerusalém. Comia as sobras das suas mesas, vestia-me dos trapos que me davam e, portanto, ao chegar diante do Pretório, dei vivas à figura de Barrabás, pedindo a execução do carpinteiro de Nazaré. Minha desculpa para este gesto era que eu procurava agradar aos judeus - mas no fundo, eu gostava de assistir a tragédias, embebedar-me no sangue

alheio, ver a desgraça machucando inocentes e indefesos, aos quais eu desprezava. E presenciar aquele jovem delicado, modesto e belo, subindo devagar a encosta pedregosa carregando o madeiro pesado às costas, atingido pelos açoites dos soldados era um espetáculo que caberia bem à minha maldade e que não poderia deixar de assistir.

Rememorando este quadro cruel da sua vida, Camilo sentiu suores de pavor. À sua consciência, já tão suja, foi adicionado mais este peso. Emocionado, gritou:

- Oh! Jesus de Nazareno! Meu Salvador e meu Mestre! Eu estava louco! Perdão! Perdão, Jesus!

E chorou de remorsos - mas o Vigilante que fazia com ele esta leitura do passado confortou-o:

- Avante, alma! Prossegue sem esmorecimento, que a lembrança de teus atos é necessária para que saias convertido ao serviço deste Jesus que ontem apedrejaste...

E prosseguiu a recapitulação deprimente:

Eis-me à frente do Pretório, em atitude hostil. Não houve insulto que eu não tivesse proferido contra o Nazareno. Acompanhei-o na jornada dolorosa gritando, rindo, zombando e só não o agredi com a força do meu braço, por ser severo o policiamento em torno de Jesus.

Acontece que eu me sentia inferior a Ele. Nutria ódio a tudo o que fosse superior a mim, pois eu era feio, pequeno e mutilado, pois me faltava um braço; ambicioso, degenerado, destilava maldade. Eu maldizia e perseguia tudo o que fosse belo e nobre, ciente da minha impossibilidade de me igualar.

Naquele cortejo, desrespeitei com difamações e sarcasmos também Sua Mãe, sofredora e humilde, a mesma Maria, piedosa e consoladora que agora me socorrera através de suas Legiões Benfeitoras naquele maldito Vale dos Suicidas!

Depois daquele dia, continuei no papel de algoz: denunciei cristãos ao Sinédrio, persegui, espionei, flagelei a todos quantos podia, por minha própria conta. Ajudei a apedrejar Estêvão, atraícoei os “Santos do Senhor” pelo simples prazer de fazer o mal, pois nem ao menos eu era um judeu!

Realmente, eu não era filho de Israel. Viera fugido da Gália distante, onde havia sido condenado à morte pelo duplo crime de traição à Pátria e homicídio, tendo chegado à Judéia nos últimos meses de vida de Jesus. Fora-me, pois, concedida a oportunidade máxima de regeneração e eu a rejeitei, voltando-me contra a “Luz que brilhou nas trevas”.

Reencarnações se sucederam através dos séculos... Eu pertencia às trevas e, durante o intervalo entre uma encarnação e outra, preferia permanecer nas camadas inferiores da animalidade! Convites para a regeneração eu recebia, tanto na condição de homem, quanto na condição de espírito, porque nas regiões astrais inferiores também ecoam as doçuras do Evangelho e a figura do Sublime Crucificado é apontada como exemplo a ser imitado. Mas fazia-me surdo pela má vontade.

Na verdade, eu nem percebia direito a diferença existente entre uma encarnação e a estada no Invisível, pois era o meu modo de ser sempre o mesmo: a animalidade, a ignorância, a maldade, os baixos instintos!

Hoje eu sei que a Lei do Progresso me empurrava para novas possibilidades em corpos físicos, fazendo-me renascer a fim de que os sofrimentos pudessem me devolver, aos poucos, a pureza na alma.

Assim, através dos séculos, passei por enormes infortúnios, pois sofria como é natural, o retorno das minhas ações.

Subi, por vezes, às alturas da escala social terrena - mas a ambição vil e degradante levava-me a quedas morais espetaculares, chafurdando-me no pântano dos crimes e criando responsabilidades imensas. No entanto, minhas encarnações aconteceram sempre entre povos cristãos. Nunca saí das Gálias ou da Ibéria.

A idéia de regeneração começou a se insinuar em minha alma como sussurro em meus ouvidos através do tempo, quer me encontrasse como homem em corpo físico, quer me encontrasse nas penumbras espirituais. Aceitei a doutrina cristã de maneira calculada e interesseira, pois, segundo afirmavam, muitos benefícios eram oferecidos a quem se entregasse a ela. Não me passava pela cabeça o alto alcance moral e filosófico de tais convites e conselhos; eu esperava da Grande Doutrina apenas vantagens pessoais, poderes misteriosos que me levassem a conquistar meus caprichos.

No entanto, sempre que ouvia falar sobre o Mestre da Galiléia, certo mal-estar me incomodava, minha consciência parecia ter medo do assunto.

E assim vivi eu - ora vivo, ora morto - até o século XVII quando...

Convém começar pelo princípio...

“As causas da minha cegueira”

Mais ou menos na metade do século XVII, renasci na cidade de Toledo, às margens do Rio Tejo. Por esta época, meu espírito já sentia os primeiros sinais de cansaço quanto aos sofrimentos ocasionados pelas trevas interiores. Era preciso urgente aprendizado que libertasse minha alma confusa. Era necessário que eu me resignasse à pobreza com humildade passiva.

Pertencia eu a uma antiga família de nobres arruinados, perseguidos por rivalidades políticas e religiosas, além de desavenças com o governo.

É preciso ter em mente que, no século XVII, apesar da História registrar que o mundo saíra da Idade das Trevas, ainda o catolicismo ditava leis e reinava com a máxima tirania; estávamos, portanto, em franca Idade da Ignorância, onde a Inquisição - monstro perverso com um milhão de olhos e o mesmo número de tentáculos fabricado pelo catolicismo, perseguia o nascente protestantismo - a Reforma - e seus adeptos.

Ai de quem demonstrasse qualquer ligação com a nova filosofia!

Ai de quem fosse considerado simpatizante da Reforma ou infiel à igreja católica! As fogueiras da Inquisição estavam sempre acesas, as prisões subterrâneas imundas estavam sempre abertas a qualquer cidadão apontado como “herege”, fosse homem do povo, fosse um nobre. O clima era de terror; ninguém poderia considerar-se em segurança, pois a mentira e a intriga eram armas maléficas sempre à mão de quem quisesse vingar-se de algum desafeto, ou de quem quisesse apossar-se dos bens do inimigo. Bastava insinuar que tal pessoa era simpatizante do protestantismo e ela estaria perdida para sempre, assim como seus familiares, inclusive com os bens confiscados. É a esta época que Camilo se reporta quando um padre tinha poderes maiores que um rei - e comprometeu seu futuro.

Nas duras tarefas do campo, eu me tornei jovem e ainda analfabeto. Meu pai, fidalgo provinciano com forte orgulho religioso, caiu em desgraça perante o rei, por infidelidade à fé católica. Agora, era mantido sob vigilância e tal fato o tornava rigoroso no trato com a família e com os servos.

Quanto a mim, o trabalho no campo atiçava certa tristeza, pois dentro da alma se agitavam grandes ambições que não combinavam com a fase penosa de miséria material que atravessava minha família. Sonhava em abandonar o campo, enfrentar o despotismo de meu pai, tornar-me homem culto como os primos residentes em Madrid. Alguns destes primos eram militares cobertos de glória e condecorações; outros eram ilustres representantes da Igreja Católica, que meu pai tanto desprezava. Eu invejava a parentela rica e poderosa sentindo-me capaz dos maiores sacrifícios a fim de atingir posição social igual.

Certo dia, revelei à minha mãe o desejo, que me crescia na alma, tornando-me um insatisfeito e infeliz. A pobre mulher que também sofria nas mãos do meu pai aconselhou-me a moderação, a calma, a paciência, justificando que minha presença era indispensável naquela casa, naqueles campos de lavoura. Mas, como eu insistisse, ela intercedeu junto a meu pai no sentido de permitir-me instrução - e ele me castigou severamente.

Revoltado, cresceu em mim o desejo obsessivo. Recorri ao pároco, que era bastante prestativo. Contei minhas desventuras, falei da vontade que sentia de me alfabetizar e de instruir-me. O bom homem passou a ensinar-me a ler e escrever. Sorvi as lições todas, com aquela ânsia que só pode possuir quem tenha acariciado por longos anos o desejo de aprender. Percebendo tanta boa vontade, o professor se esmerava, encantado com minhas possibilidades.

A meu pedido, minha família não foi informada do que estava acontecendo e minhas idas à casa paroquial passaram a ser interpretada como auxílio à paróquia, no trabalho à lavoura. Este tipo de favor à igreja meu pai não ousava negar, com medo de ser denunciado ao soberano.

Um dia, depois de muito martirizar a mente à procura de solução para o que eu considerava enorme sofrimento, surgiu a idéia de fazer-me sacerdote. Seria este um meio fácil e seguro de chegar aos fins que tanto almejava. Não se tratava, evidentemente, de honrosa vocação para um apostolado, pois, nas idéias religiosas de minha mãe e nas minhas não entravam a verdadeira crença em Deus e Suas Leis.

Contei ao pároco o meu intento e, para surpresa minha, ele aconselhou a evitar o sacrilégio de usar a sombra de Jesus para servir às paixões pessoais que me inquietavam, pois percebeu muito bem que nenhuma verdadeira vocação me induzia a tão elevado ministério. Aconselhou-me a criar um lar, educar os filhos no respeito a Deus, no culto da Justiça, no Amor ao próximo - e a continuar em meio aos animais e plantas, que isso também constitui um trabalho tão agradável a Deus e santificante quanto quaisquer outros considerados como tal.

O conselho do padre me impressionou bastante. A idéia de me casar substituiu rapidamente as aspirações anteriores. No entanto, a situação melindrosa que existia entre meu pai e eu, mais a pobreza que ron-

dava nosso lar me fez manter em segredo o projeto matrimonial que passou a me seduzir.

Fazia tempo que eu admirava uma prima, sem, contudo, ter a coragem de confessar este sentimento nem mesmo a mim próprio. Chamava-se Maria Magda. Era esbelta, bonita, com longas tranças negras que lhe iam até a cintura e um belo par de olhos. Como eu, era filha de nobres arruinados, com a diferença que havia recebido boa instrução social.

Passsei a pensar nela com ardor. Senti-me correspondido sem perceber que, na solidão daquela aldeia isolada nos arredores de Toledo onde faltavam rapazes galantes, eu era uma das poucas opções para moças em idade de se casar.

Amei a jovem Magda com fervor e estava pronto para seguir os conselhos do bom pároco. Secretamente, eu a pedi em casamento; ela aceitou e nos preparamos para o enlace, que aconteceria meses depois.

Neste ritmo de espera, um jovem madrilenho, primo de meu pai, adepto oculto da Reforma visitou nossa humilde mansão, passando conosco longa temporada. Tratava-se de belo jovem militar de vinte e cinco anos, bigode e cabelos bem tratados, bastante aprumado, como verdadeiro cavalheiro da guarda real que era. As luvas de camurça, a espada reluzente, a capa oscilante e cheirosa davam-lhe certos ares de herói! Seu nome era Jacinto de Ornelas y Ruiz e dizia ser conde, herdeiro de muitas terras e boa fortuna.

Entre sua figura elegante com vantagens financeiras e eu, sombra rústica de lavrador pobre, não foi difícil a escolha para uma jovem com menos de vinte anos.

Jacinto de Ornelas y Ruiz não voltou sozinho à sua mansão de Madrid! Maria Magda concordou em ligar seu destino ao dele pelos vínculos do casamento. Deixando a aldeia afastou-se de mim, risonha e feliz - afinal, nosso romance era secreto, não havia compromisso formal algum.

Humilhado, coração a sangrar pelas insuportáveis amarguras sentimentais tive, desde aquele dia, um futuro irremediavelmente comprometido para aquela existência, vindo a falir mais uma vez naquela encarnação. Jurei ódio eterno a ambos. Despeitado e rancoroso, desejei-lhes toda espécie de desgraças, enquanto minha mente maldosa fazia milhares de planos de vingança, tornando minha vida um inferno sem consolo, verdadeiro deserto sem esperanças de futuro.

Minha aldeia tornou-se odiosa. Por onde andasse era como se me deparasse com a imagem graciosa de Magda, com suas tranças negras balançando ao longo do corpo. A saudade sufocava, a humilhação doía, o ódio me fazia louco, o ciúme me machucava, o desprezo fazia sangrar meu coração e, para aumentar minhas mágoas, supunha-me ridicularizado e apontado pelos antigos companheiros, acreditava que meu nome era lembrado em comentários maldosos por aqueles que sabiam do meu amor por Magda.

Perdi a atração pelo trabalho. A lavoura era agora, uma prática intolerável, por me recordar a cada instante a fisionomia abastada do meu rival que levava para longe, todos os sonhos de minha mocidade.

Em vão os companheiros me aconselharam a escolher outra namorada. No entanto, exageradamente sentimental que era, aboli o matrimônio de minhas aspirações, encerrando a alma na saudade de Magda.

Foi então que em minha mente se fez presente outra vez aquela antiga vontade de me fazer padre. Desta vez, acolhi a idéia com alvoroço, disposto a não me deixar levar por ladainhas de quem quer que fosse.

Encontrei grande serenidade no desejo de aumentar minha cultura geral elevando minha condição social, ao mesmo tempo em que poderia servir à Igreja. Não seria difícil. Havia uma quantidade enorme de parentes que me ajudariam a realizar o intento. Escorei-me na esperança de vencer a qualquer custo, desde que ultrapassasse Jacinto na sociedade e no poder, fazendo-o curvar-se diante de mim, ao mesmo tempo em que pudesse humilhar Maria Magda, obrigando-a a se preocupar comigo, nem que fosse para me odiar!

A morte de meu pai simplificou as coisas. Afastei as razões apresentadas por minha mãe, que desejaria me manter na direção da propriedade, substituindo o braço que se fora... E fiz-me sacerdote, com grande facilidade.

A Companhia de Jesus, famosa pelo poder exercido em todas as camadas da sociedade proporcionou-me auxílios e vantagens apreciáveis. Instruí-me brilhantemente. Absorvia as lições com rapidez incrível. Assimilei tudo o que me foi dado a conhecer, aproveitei ao máximo os dons de minha inteligência e memória. Obedecia aos superiores com gratidão e zelo fervoroso, servindo-os a contento, indo sempre ao encontro de seus desejos, sem decepcioná-los jamais. Aprendi a servir ao deveres da Igreja Católica acima de quaisquer outras coisas.

Mas não posso dizer o mesmo em se tratando das causas divinas. Não me interessava por elas. Não aprendi a amar a Deus nem a servir o Mestre Jesus, nem me tornei amigo dos jesuítas que se desdobravam nas causas do Bem; não me interessei pelo apostolado em si, mas nas vantagens que dele poderia tirar. Da poderosa organização religiosa que foi a Companhia de Jesus, eu apenas desejava a posição social que ela poderia me proporcionar. Com isso, sentia-me recompensado pela obscuridade do meu nascimento, pelas

humilhações que passei, pelo desprezo com que fui rejeitado por Magda.

Assim sendo, servi com cuidados frenéticos às leis da Inquisição! Persegui, denunciei, caluniei, intriguei, menti, condenei, torturei, matei! Denunciaria meu próprio pai, se ele já não tivesse se safado do mundo dos vivos, tal a loucura que de mim se apossou; eu o levaria ao tribunal como inimigo da Igreja e membro da Reforma!

Mas tudo o que eu fazia não era com requintes de maldade. Meu intento era servir aos superiores, engrandecer a causa da Companhia, provar dedicação incondicional ao amparo que me haviam proporcionado. Mas fui vítima da mesma Companhia porque os superiores, sabendo da minha obediência cega às suas ordens, incumbiam-me de práticas sujas, crimes abomináveis, certos que eu a tudo cumpriria com o máximo de cuidados.

Se, ao invés de permanecer na Companhia, eu tivesse optado por alguma comunidade franciscana, ter-me-ia educado, transformando-me talvez em alma humilde, incapaz de atos danosos; ter-me-ia habituado à honradez, ao respeito ao nome de Deus, ao interesse pelas desgraças alheias.

Servindo à causa da Companhia de Jesus, desrespeitei o sagrado nome de seu patrono e converti-me num elemento malvado odiado, detestado pela sociedade.

Durante muito tempo deixei esquecidos aqueles dois que me haviam atraído: Maria Magda e Jacinto. Não os procurei, não me importava o destino que houvessem tomado, tão enredado estive com as causas da Igreja. Além disso, eles haviam se mudado para a Holanda, onde Jacinto havia recebido missão militar.

Mas o destino me colocou outra vez na presença deles! Já quinze anos eram passados desde que deixaram a pequena aldeia onde tudo começou. E agora retornavam, gozando de elevado conceito, até mesmo dentro do palácio real, desfrutando invejável posição social.

Ao ver Jacinto de Ornelas y Ruiz frente a frente, numa cerimônia religiosa, ao apertar-lhe a mão, eu o fiz como se não o tivesse reconhecido sentindo, no entanto, o coração agitado no peito. Percebi que o meu amor por Magda não havia esmaecido; que a ferida aberta na alma clamava por desforra e vingança!

Procurei saber da vida de tão odiado homem. Quis saber seus passos como adepto da Reforma, seu passado e seu presente, o que fazia, o que desejava fazer, como vivia, o grau de harmonia existente em seu lar doméstico. E de tudo tomei conhecimento graças ao corpo de espiões que ficava às minhas ordens, pois eu era agente do Santo Ofício.

Em resumo, Jacinto era feliz com a esposa e amavam-se terna e fielmente. Tinham filhos, que eram educados nos preceitos da boa moral. Magda, dama lindíssima, impunha-se à sociedade com a altivez de seus trinta e três anos de idade.

Desorientado e enlouquecido por projetos degradantes, ao vê-la depois de tanto tempo, o amor todo se manifestou com intensidade dobrada. A antiga paixão reprimida pelo tempo rompeu ainda mais ardente desde que comecei a vê-la todas as semanas praticando ofícios religiosos na igreja, como boa católica que desejava parecer, a fim de ocultar as verdadeiras inclinações pela Reforma que animava a família inteira.

Desejei atraí-la para mim e, sob tal desejo, eu a visitei oferecendo meus préstimos e amabilidades. Não consegui. No entanto, minhas visitas se sucederam. Tentei cativá-la ternamente, demonstrando mil atitudes servis, apaixonadas, humilhantes. Ela me resistiu com dignidade, provando absoluto desinteresse pelo afeto que lhe trazia aos pés, como também pelas vantagens sociais que agora eu lhe poderia oferecer como membro de uma das mais importantes organizações nacionais, maior até mesmo que o poder do próprio rei. Experimentei suborná-la levando-a a compreender a força do hábito que vestia, o acervo de favores que poderia proporcionar ao marido e até mesmo garantias para exercer sua fé religiosa, pois que todos sabíamos, ela era uma católica fingida, preferindo as idéias protestantes ao catolicismo.

Repeliu-me, porém, sem compaixão e sem temor, demonstrando a mais santificante fidelidade conjugal.

Jacinto de Ornelas y Ruiz, que há muitos anos era conhecedor do meu amor por Magda, tinha consciência de ter sido, ele mesmo, o causador do desmoronamento dos meus sonhos. Vendo-me agora, tão presente em seu lar com atitudes humildes e prestativas, percebeu a natureza das minhas intenções - intenções que, aliás, eu não procurava disfarçar. Ao contrário, agia às claras, de modo malévolos, com o propósito de ofender desde que, a pessoa de um jesuíta, um oficial do Santo Ofício era intocável, inviolável para um leigo.

Sabendo, através da esposa, de tudo quanto ocorria, Jacinto encheu-se de temor, pois sabia de sobra que minha posição de religioso era muito mais cômoda que a dele. Enfrentar a um agente do Santo Ofício equivaleria, no mínimo, à prisão nas masmorras. Assim, ele se preparou para deixar Madrid com a família, buscando refúgio no estrangeiro.

Descobri a tempo. Viver sem Magda seria insuportável!

Quisera ser odiado com todas as forças que a ela fossem possíveis, mas que estivesse ao alcance dos meus olhos.

Desesperado, denunciei Jacinto como protestante ao Tribunal do Santo Ofício. Pensava livrar-me dele para apossar-me da esposa! Provei com fatos a denúncia: livros heréticos, farta correspondência com os luteranos da Alemanha, ligações com adeptos da Reforma espalhados pelo país inteiro, sua ausência do confessionário, os próprios nomes dos filhos que lembravam a Alemanha e a Inglaterra - mas não nossa Espanha. Tudo provei, não por amor à fé católica, mas por vingança.

Depois de preso e processado, Jacinto de Ornelas y Ruiz foi entregue a mim, por ordem de meus superiores, os quais não me negaram o primeiro pedido que lhes fazia, tendo em vista os bons serviços que prestei à Igreja.

Conservei-o, desde então, no segredo de masmorra - prisão subterrânea isolada, sombria, triste, infecta, podre, pestilenta, que exalava mau cheiro, onde o desgraçado passou a suportar privações martirizantes, angústias, sofrimentos difíceis de serem descritos. Meu despeito incontrolável e o ciúme doentio que me alucinavam desde tantos anos inspiravam-me gêneros de torturas animais, as quais eram aplicadas sob minha supervisão pessoal, possuído de demoníaco prazer! Aquelas tranças ondulantes, aqueles olhos deliciosamente belos de Magda pertenciam a ele - e não a mim! Cobrei, na sala de torturas do Tribunal de Inquisição, em Madrid, todos os beijos que ele me roubara da pessoa que eu amava até ao desespero!

Fiz com que lhe queimassem a sola dos pés até que se tornassem feridas inchadas e sanguinolentas - tudo isso lentamente, pacientemente, com lâminas aquecidas sobre brasas. Fiz que lhe arrancassem as unhas e os dentes; que lhe fraturassem os dedos e deslocassem os pulsos; que lhe açoitassem as carnes, retalhando-as, e tudo isso com a desculpa de salvá-lo do inferno, pois havia conspirado contra a Igreja.

Até que num dia, cheia de inquietações, Magda me procurou. Suplicou-me, entre lágrimas, trégua e compaixão! Falou que, tanto ela quanto o marido, eram parentes meus; lembrou os dias da nossa infância, vividos na doçura da aldeia...

Cínico e cruel, interroguei se ela havia pensado naqueles detalhes de nossa juventude quando me infligiu o maior dos sofrimentos: o abandono.

Falou dos filhos que ficariam para sempre marcados pela sociedade, tendo o pai acusado pelo Santo Ofício; e, ainda mais, se ele viesse a morrer no cárcere! Pediu-me, suplicou-me em prantos, a vida e a liberdade do marido, como também minha proteção para se refugiarem na Inglaterra.

As minhas palavras foram duríssimas:

- Terás teu marido, Maria Magda... Mas sob uma condição, da qual não abrirei mão: entrega-te a mim! Sê minha! Consente em juntar tua existência à minha, ainda que em segredo - e eu o devolverei sem mais incomodá-lo...

Relutou a coitada, ainda alguns dias, fiel aos deveres de esposa - mas eu me fizera irredutível e bárbaro. Levantaram-se em mim, das profundezas do meu ser, as tendências maléficas que, em Jerusalém, no ano trinta e três, me levaram a condenar Jesus de Nazaré, em benefício de Barrabás! Existia muito de capricho e vaidade nos motivos que me levavam a desejar a ruína de Magda e, enquanto ela sofria, eu me rejubilava com a satisfação de vencê-la, despedaçando-lhe a felicidade que incomodava meu orgulho ferido!

Observando que sua relutância ameaçava prolongar-se, eu a levei à sala de torturas, a título de visitar o marido. Ao contemplar o espectro a que se reduzira seu belo oficial, não mais se demorou em atender aos meus caprichos. Para suavizar os sofrimentos do esposo e salvar aquela vida tão preciosa para ela, a pobrezinha curvou-se; imolou-se para que seu sacrifício resultasse na libertação do pai de seus filhos.

No entanto, meu despeito cresceu com o triunfo, pois, mais do que nunca, me reconheci detestado. Eu queria convencer Magda a ligar-se para sempre ao meu destino, embora devolvendo-lhe o esposo. Ela, porém, que se sacrificou às minhas exigências em benefício do marido, não escondia o desprezo, o ódio, a repugnância que minha presença lhe inspirava. Tal estado de coisas me cansou e mais me revoltou.

Parei de lutar por um bem inatingível; renunciei aos planos que me faziam feliz e procurei um meio de vingar-me de vez, das humilhações e sofrimentos pelos quais passara.

Magda pedira-me a vida e a liberdade do marido e comprometi-me a lhe satisfazer a vontade. Ela esqueceu, porém, de pedir que o devolvesse intacto, sem mutilações!

Então, fiz com que lhe vazassem os olhos, perfurando-os com ferro em brasa, desgraçando-o, lançando-o para sempre, nas trevas da cegueira!

Não sabia então, que havia um Deus Todo Poderoso a contemplar o meu ato abominável e que exigiria de mim, idêntico resgate desta dívida, através dos séculos!

Oh! Ainda hoje, três séculos depois, sinto a alma ferida com a lembrança da desgraçada esposa. Lindo receber o companheiro no pátio da prisão, ao constatar o tamanho da minha perversidade, nada mais fez que olhar-me surpreendida para, depois, ajoelhar-se em prantos diante do marido cego, abraçando-lhe as

pernas, beijando-lhe as mãos com intensa ternura, recebendo-o maltratado e inválido com indescritível amor, enquanto entre risos maldosos, eu disse:

- Concedi a ele a vida e a liberdade, de acordo com nosso ajuste, Magda. Não podereis negar minha generosidade, pois, podendo tê-lo matado, coloco-o de volta nos teus braços!

E Magda continuou seu calvário áspero naquela existência. Jacinto não desejando tornar-se peso morto à amada companheira, suicidou-se dois meses depois, auxiliado pelo próprio filho mais novo que, na inocência dos cinco anos, entregou ao pai o punhal por este solicitado - e com ele cortou a garganta, pondo fim a uma existência promissora, mas que, devido à minha maldade, foi transformada em sangue, lágrimas e morte!

Quanto à Maria Magda, foi abandonada pelos amigos que temiam as suspeitas do mesmo tribunal que julgara seu marido. Esquecida até mesmo por mim, que me desinteressara de sua posse, voltou à aldeia natal com os filhos, desolada, solitária, infeliz e sem recursos.

Nunca mais, até o momento em que esboço estas páginas, pude vê-la ou dela obter notícias.

E já se passaram trezentos anos, meu Deus!

Minha regeneração começou no momento justo em que, entregando Jacinto à sua mulher, vi-a prostrar-se diante dele, cobrindo-lhe as mãos de beijos e de lágrimas como a testemunhar, no mais alto cume do sofrimento, não sei que sentimento de amor e compaixão, que eu não estava à altura de compreender. Eu nunca seria amado daquela maneira!

Deste momento em diante, procurei evitar cumprir as ordens tenebrosas de meus superiores, o que me fez cair do pedestal em que até então vivi - e mais tarde acabei, eu mesmo, encerrado em prisão perpétua!

Da segunda metade do século XVII, entrei a pagar os crimes e as perversidades cometidas sob a bandeira do Santo Ofício. Narrar o que têm sido minhas lutas até hoje seria tarefa cansativa, à qual não me exporei. Necessários seriam, aliás, mais alguns volumes especiais para cada etapa...

Na metade do século XIX, eu me preparei - só duzentos anos depois - para a última fase das expiações: a cegueira! Eu tinha, de qualquer modo, de perder a visão impossibilitando-me, por esta forma, de garantir a subsistência própria, privar-me do trabalho honroso a fim de aceitar auxílio vexatório e humilhante demais para meu orgulho. Eu tinha de aceitar a escuridão dos meus olhos apagados; e teria de fazê-lo resignadamente, para saldar aquela dívida para com Jacinto de Ornelas y Ruiz.

E todos vós sabeis da fraqueza que me atingiu ao reconhecer-me cego! Não tive, absolutamente, forças para o terrível acerto de contas com o Alto! O mesmo horror que Jacinto sentiu pela cegueira senti eu também, tanto tempo depois, ao perder a luz dos olhos! As mesmas angústias que levaram aquele desgraçado ao suicídio, eu as senti - e lhe imitei o gesto tornando-me, tanto tempo depois, suicida como ele o fora através das minhas mãos!

Isso tudo foi acontecido assim. Certo ou errado, foi desta maneira que aconteceu... E tal como ocorreu é meu dever relatar.

A Suprema Lei me imporia a cegueira, se eu não a tivesse merecido?

Absolutamente não!

O que se passou comigo foi o efeito de uma causa criada por mim mesmo! Tudo o que plantei, tinha de ser colhido.

Que tu me acredites ou não, amigo leitor, não destruirás as linhas da verdade expostas nestas páginas; a triste história da Humanidade aí está diariamente afirmando com exemplos idênticos ao que acabo de apresentar.

IV - OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Ramatis - espírito desencarnado na Índia, no século X, autor de várias obras mediúnicas psicografadas por **Hercílio Maes**, deixou também suas considerações sobre o suicídio, feitas através de perguntas e respostas. Vejamos o que diz Ramatis sobre suicídio:

Pergunta: *Qual a diferença de sofrimentos, no Astral, entre suicidas intelectualizados e os suicidas anônimos?*

Resposta: *A Lei Cármica não se modifica diante de nomes. A cada um ela dá o que merece segundo suas intenções. Aliás, o intelectualizado sofre ainda mais os quadros torturantes, porque sua sensibilidade é mais aguda. Todos os suicidas se apavoram e se arrependem diante da loucura praticada quando se descobrem vivos e em pior situação que a anterior. O sofrimento de um é tão intenso quanto o dos demais.*

No homem culto, no entanto, as dores são acrescidas por remorso mais agudo devido à vergonha de haver se apegado tão somente aos valores do intelecto e desprezado os divinos.

O padecimento não tem atenuante nenhum, a não ser o consolo da própria humildade e aceitação da própria dor.

Pergunta: *Poderíeis nos informar sobre os motivos de algumas crianças se suicidarem em tenra idade?*

Resposta: *Muitos dos que se matam em criança já são suicidas de encarnação passada. Em sua memória astral há lembrança do ato extremo praticado e estes ecos enfermicos são estímulos perigosos que buscam a mais ligeira invigilância espiritual para se infiltrarem em seu psiquismo e o desequilibrar.*

Há suicidas no Além que, ao receberem a graça do socorro após o tempo necessário para o equilíbrio, em vez da ociosidade ou rebeldia, aceitam serviços sacrificais e cooperam em favor de outrem. Estes espíritos, ao reencarnar, ficam mais ou menos imunizados contra os estímulos suicidas devido o bem que praticaram ainda antes de renascer.

Outros, mesmo não sendo suicidas em vida passada, renascem com pesada carga de expiação devido aos débitos anteriores. Geralmente nascem em famílias onde já se encontra um adversário do passado na pessoa do pai, da mãe, ou de outro membro da família, com o qual é preciso conviver para o necessário desagravo de culpas e reconciliação. Além disso, inimigos de outras vidas, desencarnados, conseguem agir com certa liberdade obsidiando a criança, caso a família terrena não busque proteção religiosa. Assim, o espírito da criança “adivinha” as provas futuras e entra em melancolia; não tendo forças para reagir aos inimigos encarnados e aos desencarnados, sucumbe à carga de estímulos.

Apesar de tudo, a criança não está assim tão desprotegida; há grandes cuidados espirituais sobre si e são poucas aquelas que procuram a morte.

Pergunta: *E no caso de alguns sexagenários e até octogenários que nem possuem motivo sólido para tal tragédia?*

Resposta: *É preciso não esquecer o problema das obsessões, quando o homem é perseguido pelos antigos adversários desencarnados com o objetivo de expulsar-lhes o espírito do corpo. O corpo físico é uma armadura contra inimigos das trevas e estes procuram, com tenacidade, arrancar tal proteção para melhor atormentar o espírito. Cada ponto fraco do homem é analisado pelos obsessores que, quando encontram um ponto fraco é sobre ele que atuam com os recursos mais vis e implacáveis, a fim de levá-lo ao suicídio.*

Em virtude de o suicídio ser dos crimes mais condenáveis pela consciência espiritual, os infelizes obsessores buscam estimular em suas vítimas: a vaidade, o orgulho, o egoísmo, o ciúme e o amor próprio daquele em que percebem qualquer ponto fraco que possa induzi-lo à morte espontânea. Desta maneira, a insistência e a crueldade obsessora tanto podem levar ao suicídio uma criança cujo espírito esteja em dívida com o passado, como pode levar um velho imprudente, descuidado com a parte espiritual.

Por isso, a mais importante atitude que auxilia a permanência do espírito na matéria é ainda aquela máxima de Jesus: “Orai e vigiai.”. A oração é divino multiplicador de frequência vibratória e estabelece defesas em torno da alma, suavizando-lhe as emoções e cerrando as portas às sugestões dos irmãos trevosos.

Pergunta: *Qual é vossa opinião sobre o fato de muitos milionários se matarem? Se a fortuna lhes proporciona completa segurança econômica e a satisfação de todos os desejos materiais, isso não deveria servir-lhes de motivo para continuarem vivos e desfrutando de sua situação?*

Resposta: *O homem mais rico não é aquele que tem mais dinheiro - mas o que menos necessita dele.*

A fortuna não é um cinto de segurança para aqueles que causaram desgraças e infelicidades no passa-

do, pois o dinheiro não pode livrar o homem da perseguição dos seus desafetos em liberdade no Espaço.

O milionário que esquece Deus vive em perigosa companhia dos espíritos das trevas que o excitam para a satisfação dos prazeres e vícios mundanos. Assim, ele se atrofia nos sentimentos e se impermeabiliza contra as sugestões espirituais superiores, restando-lhe como conselheiros, os obsessores, que podem levá-lo ao suicídio - recurso estúpido e de pavorosas conseqüências.

Não é estranho que os fatos do mundo fujam da vida, enquanto os miseráveis continuam heroicamente a viver?

E há aqueles que se matam aos poucos, junto às mesas de jogo, junto aos copos de bebida, nos banquetes opíparos, nas alcovas luxuosas, nas doses de drogas. Este tipo de morte não é considerado suicídio pelos homens da Terra - mas é suicídio aos olhos de Deus!

Quando seus corpos baixarem à sepultura, estes suicidas terão de se explicar junto aos mentores espirituais que lhes confiaram os valores da fortuna e referidos valores se perderam em tolos concursos de beleza para cães, cavalos e mulheres, enquanto que os hospitais, os asilos e as creches vivem abarrotados de enfermos esfomeados e estropiados! Terão de dizer por qual motivo cultuaram a ridícula posição de anfitriões, glorificando-se na apresentação de cardápios preparados com as mais caras iguarias importadas, enquanto que a poucos passos as crianças gemiam de fome.

Pergunta: *Existem pessoas religiosas e que se entregam ao suicídio. Por quê?*

Resposta: *A prova de que não são religiosas está em que se matam! O homem elevado espiritualmente não procura o suicídio, pois, além de já estar condenado à morte pela própria natureza sabe que, com a morte voluntária, se lança num cenário de piores e sofrimentos dantescos.*

Pergunta: *Perante a Lei Divina não haverá justificativa para um bom rei, imperador ou presidente haver se suicidado como protesto a alguma afronta feita à sua terra, preferindo matar-se a desencadear uma violência fratricida? Não seria o amor à sua gente que o leva à morte?*

Resposta: *A própria idéia de um protesto suicida contra as leis ou injustiças sofridas no mundo já revela um egoísmo oculto, apesar de sublimado num pretenso desagravo pátrio. Nesse caso, o suicida acredita, ingenuamente, que o problema de sua raça deva ser considerado de importância mundial. Ainda aí, a vaidade se manifesta, pois o suicida pretendia transformar um fato de interesse regional num drama que exija a contemplação do mundo!*

Mais grave se torna esse tipo de suicídio, pois, justamente os reis, os imperadores e os presidentes, em lugar de sobreviverem para solucionar os problemas dos compatriotas, se põem em fuga covarde pelas portas da morte, abandonando o cenário agitado sem liderança.

Em qualquer caso, o suicídio sempre tem por fundo a vaidade e o amor-próprio. Os patriotas de verdade continuam sacrificialmente vivos, a servir a coletividade. A esses sim, se deveria aplicar a classificação honrosa de heróis!

Pergunta: *O que dizer das pessoas religiosas que se desfazem da vida diante de altares da igreja ou de santos a que se devotavam?*

Resposta: *São criaturas que, ainda não satisfeitas por extinguirem a vida física, praticam suicídio teatral e dramático para efeito público, como afrontosa demonstração de vingança contra o santo que havia nomeado como procurador nas tricas da vida humana. Inconformadas com as próprias frustrações, sem lhes buscar as origens egoístas, cometem o sacrilégio de atribuir ao seu protetor ou espírito benfeitor, a culpa das próprias fraquezas. Muitos ainda confundem assistência espiritual superior com a obrigação incondicional de serem assistidos em suas teimosias mais ridículas.*

Toda criatura humana possui uma entidade amiga que se esforça para guiá-la rumo ao progresso espiritual - mas é preciso não supor que um santo ou guia seja “pau pra toda obra” como diz o vulgo...

Antonio de Pádua, uma das mais elevadas almas a pisar neste orbe, nada mais significa para muitas moças, do que um arranizador de marido...

São Cristóvão é patrono daquele motorista imprudente que não respeita sinais de trânsito e que pode fazer toda espécie de extravagância, desde que está protegido pelo santo, que têm a obrigação de livrá-lo dos acidentes só porque sua imagem está grudada no painel do veículo...

Em algumas pessoas ainda persiste a crença antiga do “corpo fechado”, segundo a qual, determinadas orações têm o poder de imunizar até o facínora criminoso contra os perseguidores das leis terrenas.

Os homens deste século ainda imitam os antigos pagãos que tinham deuses para cada atividade. E quando o guia ou santo não satisfaz a cada capricho, tem de ouvir toda espécie de blasfêmias. Algumas pessoas se suicidam diante do altar atribuindo, maquiavelmente ao santo, o motivo da sua morte.

Muitas mocinhas tolas e históricas também se matam como protesto contra qualquer advertência do pai

que lhe proíba a paixão perigosa. Na realidade, esta impiedosa vingança revela uma alma cruel e egocêntrica que, não satisfeita em destruir seu valioso patrimônio carnal, ainda empurra sobre os ombros alheios toda a culpa de sua maldade.

Voltaremos a outras considerações de Ramatis, sob outros ângulos do suicídio. Passemos agora ao “Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, o livro mais lido, estudado e discutido nos meios espíritas.

Pergunta 944: O homem tem o direito de dispor da sua vida?

Resposta: Não. Só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão desta lei

Pergunta 945: Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?

Resposta: Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada.

Pergunta 946: E o que pensar do suicídio, cujo fim é fugir das misérias e das decepções do mundo?

Resposta: Pobres espíritos! Não têm a coragem de suportar as misérias da existência! As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados!

a): Aquela outra pessoa que levou o desgraçado ao suicídio sofrerá as consequências pelo que fez?

Resposta: Oh! Esse! Ai dele! Responderá como por um assassinato!

Pergunta 948: O suicídio de quem quer escapar da vergonha por ter feito má ação é ato tão reprovável quanto os demais?

Resposta: O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve coragem de fazer o mal, é preciso ter coragem para sofrer as consequências.

Deus pode, conforme a causa, abrandar os rigores da sua justiça. Aquele que tira a vida de si mesmo para fugir à vergonha de uma má ação prova que dá maior valor à estima dos homens do que à de Deus, desde que chega à vida espiritual carregando maiores fardos. O suicídio nada conserta.

Pergunta 949: É desculpável o suicídio, quando o motivo for evitar que a vergonha caia sobre os filhos ou a família?

Resposta: O que assim age não faz bem - mas como acredita que o faz, Deus leva isso em conta, pois é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe diminui a falta que, nem por isso, deixa de ser falta.

Pergunta 951: Seria meritório o suicídio quando feito para salvar a vida de outra pessoa ou ser útil aos semelhantes?

Resposta: Isso é sublime, conforme a intenção e, em tal caso, o sacrifício da vida **não** constitui suicídio. Mas Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não vê com bons olhos se este sacrifício for feito com orgulho.

Só o desinteresse torna meritória qualquer renúncia - mas, geralmente, quem faz alguma renúncia em favor de outrem guarda oculto um pensamento vaidoso, que faz com que o ato seja diminuído aos olhos de Deus.

Todo sacrifício feito à custa da própria felicidade é uma prática meritória, porque não deixa de ser uma caridade. Ora, a vida é o maior tesouro de um homem e renunciar a ela em favor de outra pessoa é um sacrifício e não poderá ser considerado suicídio. Antes, porém de se consumir tal prática é preciso refletir se sua vida não será mais útil que a sua morte.

Pergunta 952: Comete suicídio o homem que morre devido aos vícios e paixões que lhe apressariam o fim e que, mesmo sabendo disso, continua no erro, já que seu organismo se habituou e transformou aquela atividade em verdadeira necessidade física?

Resposta: Este é um suicídio moral onde o homem é duplamente culpado.

a): Este tipo de suicídio não será mais desculpável do aquele que tira a própria vida por desespero?

Resposta: É mais culpado ainda porque o homem tem tempo de refletir sobre ele. Quando se pratica o suicídio instantaneamente há, muitas vezes, alguma coisa de loucura naquele ato extremo. O homem que apressa sua morte devido a vícios e paixões será muito mais punido porque houve maior consciência da falta e maior tempo para reflexão.

Pergunta 953: Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar alguns instantes os sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

Resposta: É culpado aquele que não aguarda o tempo que Deus lhe marcou para a existência. Além disso, quem poderá afirmar que o socorro não venha no último momento?

a:) É aceita a idéia que, em circunstâncias normais o suicídio seja condenável - mas estamos nos referindo a casos em que a morte é inevitável e em que a vida só seja encurtada de alguns instantes.

Resposta: *É sempre falta de resignação e de submissão à vontade de Deus.*

b:) Quais, neste caso, as consequências de tal ato?

Resposta: *Uma expiação proporcionada à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.*

Pergunta 954: *Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?*

Resposta: *Não há culpabilidade se não houver intenção.*

Pergunta 955: *Sofrem consequências as mulheres que, em certos países, se queimam sobre os corpos dos maridos? Tal ato é considerado suicídio?*

Resposta: *Elas obedecem apenas a um procedimento e, muitas vezes, mais por força externa do que por vontade. Julgam cumprir um dever - e o dever não é o caráter do suicídio. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com o advento da civilização.*

Pergunta 956: *Aqueles que não se conformam com a perda de entes queridos e se matam na esperança de se juntar a eles, alcançam este objetivo?*

Resposta: *Muito diferente do que se pensa é o resultado que colhem. Em vez de se reunirem à pessoa amada, dela se afastam por longo tempo, pois Deus não recompensa esse ato de covardia e insubmissão. Quem assim age paga o instante de loucura com aflições maiores e não terão, para recompensá-las, a satisfação que esperavam.*

(Nota de Allan Kardec: “A perda de pessoas queridas atinge a todos; representa uma prova, uma expiação. Tendes, porém, a consolação de poderdes comunicar-vos com elas pelos meios ao vosso alcance, enquanto não dispodes de meios mais diretos e mais acessíveis. Não há profanação nas comunicações com o além túmulo quando a evocação for feita com respeito e convenientemente. Os espíritos sentem-se felizes por vos lembrardes deles.”)

Pergunta 957: *Quais são, em geral, as consequências do suicídio em relação ao estado do espírito?*

Resposta: *As consequências do suicídio são muito diversas. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Uma consequência comum a todos é o desapontamento em se verem vivos e sofrendo após o ato que objetivava justamente o fim da dor. Mas a sorte não é a mesma para todos; depende, repito, das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente; outros, em nova existência, que será muito pior do que aquela que foi interrompida.*

V - SUICÍDIOS INVOLUNTÁRIOS

Não poderíamos deixar de incluir neste volume outra modalidade de suicídio bastante mais comum do que se pensa e que carrega para as regiões abismais um número considerável de pessoas, sem que elas o queiram e sem que elas próprias o saibam: trata-se do o *suicídio involuntário*.

É *suicídio* porque a criatura o promove a própria morte.

E é *involuntário* porque acontece contra sua vontade.

Para entrarmos no assunto, daremos uma outra olhada lá atrás, num ponto que talvez tenha passado despercebido. Na fala de **Ramatis** há a seguinte consideração:

“E há aqueles que se matam aos poucos junto às mesas de jogo, junto aos copos de bebida, nos banquetes opíparos, nas alcovas luxuosas, nas doses de drogas. Este tipo de morte não é considerado suicídio pelos homens da Terra - mas é suicídio aos olhos de Deus.”

A mesma fala é reproduzida, em outras palavras, pelos mentores do grupo de estudos de **Allan Kardec**, no *“Livro dos Espíritos”*. Esta pergunta já foi incluída anteriormente, mas ei-la, outra vez para reflexão, desde que, igualmente, possa ter passado despercebida:

Pergunta 952: *Comete suicídio o homem que morre devido aos vícios e paixões que lhe apressariam o fim e que, mesmo sabendo disso, continua no erro, já que seu organismo se habituou e transformou aquela atividade em verdadeira necessidade física?*

Resposta: *Este é um suicídio moral onde o homem é duplamente culpado.*

a): *Este tipo de suicídio não será mais desculpável do aquele que tira a própria vida por desespero?*

Resposta: *É mais culpado ainda porque o homem tem tempo de refletir sobre ele. Quando se pratica o suicídio instantaneamente há, muitas vezes, alguma coisa de loucura naquele ato extremo. O homem que apressa sua morte devido a vícios e paixões será muito mais punido porque houve maior consciência da falta cometida e maior tempo para reflexão.*

Portanto, mesmo contrariando a vontade do indivíduo, há certas práticas consideradas suicidas: a bebida, o jogo, o cigarro, as drogas, a alimentação forte, o sexo desregrado e o aborto provocado que abrevia a vida da mulher, incluídas entre as atividades danosas e que, como consequência, o desencarne poderá ocorrer antes da data prevista. Tal morte é levada em conta de suicídio - *“não aos homens da Terra, mas aos olhos de Deus”*, como se expressou Ramatis.

André Luiz

Analisemos um exemplo de suicídio involuntário.

Trata-se do espírito **André Luiz**, que escreveu o livro *“Nosso lar”* através de **Chico Xavier**.

André Luiz não usa no Espaço o verdadeiro nome usado na Terra. Desejando fechar a cortina sobre o pretérito para não ferir corações queridos ainda encarnados e não perturbá-los no próprio progresso, preferiu o anonimato de um pseudônimo. O que sabemos dele é que foi um excelente médico.

Isto posto, passemos a palavra a André Luiz:

Em verdade, eu não havia sido um criminoso no meu próprio conceito.

Filho de pais muito generosos, conquistei meus títulos universitários sem grandes sacrifícios. Compartilhei os vícios da mocidade do meu tempo, organizei um lar, consegui filhos, consegui situação econômica estável. Morei na Terra, aproveitei dela o que havia de bom, mas não dei um único centil em troca dos benefícios recebidos. Tive pais maravilhosos, cujos sacrifícios por mim jamais avaliei. Tive esposa e filhos, a quem eu preendi ferozmente nas teias do egoísmo.

Tive um lar que fechei a todos os necessitados, surdo aos menores deveres de fraternidade.

Enfim, como flor de estufa, não me preparei para os assuntos da Vida Eterna, nem me preocupei com e-

les. Sufoquei os germes divinos que habitam em cada alma, no desejo incontido do conforto e bem estar.

Era justo, pois, que acordasse na morte da maneira lamentável como acordei.

Quando me desprendi dos últimos laços físicos, já dentro da sepultura, levantei-me e saí sem rumo, sem saber o que fazer em seguida. O medo do desconhecido e o pavor da treva não me deixavam raciocinar.

Sabia que não pertencia mais ao mundo dos vivos e, no entanto, continuava respirando! Sentia-me vivo, mas como que em estado de choque, cabelos eriçados, coração aos saltos, um medo terrível e incontrolável me envolvendo.

A paisagem, quando não totalmente escura, parecia mergulhada em luz opaca como neblina espessa distante dos raios do sol. Eu gritava, implorava por socorro; mas só o silêncio me respondia ou então - pior ainda! - gargalhadas sinistras eram os sons que eu ouvia em resposta. Formas diabólicas, rostos sem carne, expressões animalescas me surgiam! Muitas vezes tive de me ocultar dos enormes bandos de seres animalizados que passavam quais feras insaciáveis. Eram quadros de estarrecer!

A quem pedir socorro? Eu me encontrava inteiramente abandonado. Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Cresceu-me a barba, a roupa se rasgava com os esforços para resistir na região desconhecida; mas o pior era a presença sem descanso daquelas sombras perversas que me apareciam à frente nos caminhos solitários e escuros. Elas me irritavam, me aniquilavam, não me permitiam encadear as idéias. Eu queria equilibrar a situação e dar novas direções ao pensamento, mas aquelas vozes e os lamentos misturados às acusações me deixavam completamente desnordeado:

- Suicida! Suicida! Criminoso! Infame! - gritos assim me cercavam de todos os lados. Onde estavam os donos daquelas vozes? Às vezes eu os enxergava de relance, mas eles eram escorregadios na treva espessa. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos enquanto os vultos negros desapareciam na sombra.

- O que buscas, infeliz? Aonde vais, suicida?

Tais palavras, repetidas sem parar me confundiam ainda mais. Infeliz, sim; mas suicida? Nunca! Estas acusações, a meu ver, eram infundadas; eram mentirosas.

Eu havia deixado o corpo físico a contragosto. Recordava-me o duelo contra a morte. Parecia-me ainda ouvir as opiniões dos médicos naquela Casa de Saúde. Lembrava a cirurgia dos intestinos e os curativos doloridos. Sentia ainda o contato gelado do termômetro, as picadas desagradáveis das agulhas de injeções e por fim, a última cena antes do grande sono: minha esposa e os três filhos me olhando com tristeza pela eterna separação. Depois o despertar na paisagem úmida e escura, a caminhada que parecia sem fim.

Então por que me chamavam de suicida? Foi doença a causa da minha morte; abandonei sem querer a casa e o doce aconchego da família.

André Luiz morreu de câncer nos intestinos.

Lutou até o fim contra a morte, recebeu todos os cuidados médicos. Queria viver. No entanto, suas primeiras palavras fazem-nos recordar as regiões tenebrosas das descrições de Camilo Castelo Branco: as vozes horrendas, os obsessores, a região escura como que envolta em neblina - e o chamavam de suicida. Considerando estes fatores, concluímos que André Luiz cortou também, o fio da vida antes da hora determinada.

Mas, pelo que nos conta, André Luiz não chegou a conhecer o Vale dos Suicidas descrito por Camilo, pois não fala em haver sido prisioneiro de um local pavoroso composto por cavernas, nem narra os tormentos de repetir o gesto derradeiro, nem as cenas finais reproduzidas pelos demais suicidas as quais, todos os demais assistiam em conjunto.

André Luiz não se matou e, no entanto, o chamavam de suicida. Por quê? Nem ele mesmo entendia.

Vamos adiante na sua narração, quando já socorrido e aos cuidados de Equipe Benfeitora do Espaço:

Quando a porta se abriu, vi entrar Clarêncio acompanhado por Henrique de Luna. Cumprimentaram-me atenciosos. Henrique examinou-me cuidadosa e demoradamente, ao mesmo tempo em que comentou:

- É de lamentar que tenha vindo pelo suicídio.

Suicídio? E lembrei as acusações daqueles seres perversos, os obsessores das sombras. E, indignado, respondi:

- Creio haja engano. Meu regresso do mundo não teve essa causa. Lutei mais de quarenta dias na Casa de Saúde, sofri duas cirurgias graves...

- Sim, mas foi tudo causado por suas leviandades. A moléstia talvez não assumisse características tão graves, se seu procedimento mental no planeta estivesse de acordo com os princípios da bondade e do equilíbrio. Seu modo de conviver, exasperado e sombrio, esparramava energias de revolta naqueles que o cercavam. Nunca imaginou que a cólera fosse uma fonte de forças negativas? A ausência de autodomínio, a rudeza no trato com os semelhantes ofendendo-os até sem querer, agravou em muito o seu estado físico.

Enquanto continuava a examinar meu corpo espiritual, Henrique foi explicando:

- Seu fígado foi maltratado pela **bebida**. O aparelho gástrico foi inteiro destruído pela **alimentação pesada** e ingestão de **álcool**. Por fim, a **sífilis** devorou-lhe o resto das energias. Como vê, o suicídio é incontestável. Tua posição é de suicida inconsciente - mas diariamente, centenas de pessoas na Terra deixam a vida nas mesmas condições.”

André Luiz foi, pois, *suicida involuntário*. Bebidas, comidas, exaltação, raiva, nervosismo, grosseria no trato com os demais. Foram estas as armas empunhadas por ele, contra o próprio corpo. E ficou por **oito anos** nas regiões inferiores do espaço até poder receber socorro. Significa que deveria ter vivido ainda mais oito anos antes de completar sua estada na Terra.

E quantos baixam à sepultura, todos os dias, sem que a causa da morte haja sido suicídio - mas que, na verdade, o é?

Quantos exemplos de morte por overdose! Todos jovens!

E quantos morrem vitimados por bebidas alcoólicas?

Devido o uso do cigarro?

Por estresse pelas às noites passadas numa mesa de jogo?

Por ataque cardíaco em hipertensos?

Por aborto provocado que abrevia os dias da mulher?

Segundo explicações dos Espíritos, estes são suicidas sim, e pagam o preço justo pela vida que foi cortada antes da hora.

VI - CONSEQUÊNCIAS DO SUICÍDIO:

1 - Consequências imediatas:

Vamos a um resumo do “*Livro dos Espíritos*”, que possui quase todas as respostas às nossas necessidades e curiosidades sobre a *vida do lado de lá*.

A observação mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, que são comuns a todos: a persistência prolongada do laço que une o espírito ao corpo por haver provocado seu rompimento na plenitude da sua força, ao passo que na morte natural este laço se enfraquece aos poucos e, às vezes se rompe antes que a vida se acabe.

As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual.

Em alguns suicidas, a ligação que há entre o espírito e o corpo produz uma espécie de repercussão, sendo que o espírito, de onde estiver, passa a sentir todos os efeitos da decomposição do cadáver, resultando numa sensação dolorosa, angustiada e horripilante. E este estado pode durar pelo tempo que devia durar a vida que foi interrompida. Não é geral este efeito - mas em nenhum caso o suicida fica livre das conseqüências pela falta de coragem e sempre vem a sofrer, de um modo ou de outro, a falta que praticou.

Noutros casos, acontece espécie de ligação ao cadáver do qual o espírito, presidiário na sepultura procura, inutilmente, se desembaraçar e voar para locais melhores - mas estes locais melhores mantêm suas portas fechadas para ele.

Os suicidas sofrem por constatar haver feito coisa inútil e sem volta, pois só decepções encontram.

A **primeira** conseqüência do suicídio é **imediate** - isto é, é percebida, imediatamente após o espírito a-portar do lado de lá. Como vimos, nenhum dos que se mataram se disse feliz; nenhum encontrou a paz, o alívio para os sofrimentos, o nada. Ao contrário, todos eles se confessaram arrependidos por se encontrar em situação pavorosa, lugares medonhos, sofrendo dores insuportáveis, remorsos indescritíveis - tudo isso com acréscimo da presença dos irmãos das trevas em zombarias e atos imorais indescritíveis.

Agora, uma passada no que diz **Yvonne A. Pereira**, autora física de “*Memórias de um suicida*”:

*Após a morte (qualquer tipo de morte), antes que o espírito se oriente e siga em busca do verdadeiro “lar espiritual” que lhe cabe, às vezes passa por certo estágio numa antecâmara; região que os católicos dão o nome de **purgatório** e os espíritas, de **umbral**: região cuja densidade e visões amedrontadoras correspondem ao baixo nível do recém desencarnado.*

*A obrigatoriedade deste estágio depende do **caráter**, do **gênero de vida** e **gênero de morte** que teve aquele espírito. Em referido local, ele se detém até que seja desanimalizado, até que se livre de todos os maus fluidos e forças vitais.*

A permanência nestes lugares de correção espiritual é passageira, às vezes bastante rápida, mas muito penosa. Existem os que ali se demoram por poucas horas. Outros levam meses, anos... E muitos acabam reencarnando sem terem conhecido outras regiões da Espiritualidade.

*Mas quando se trata de suicidas, o caso assume proporções especiais, bem mais dolorosas e complexas. Estes se demoram nestas regiões tétricas, geralmente, o tempo que ainda lhes restava para a conclusão da existência que cortaram antes da hora marcada. Trazendo ainda grande quantidade de energias do corpo físico eliminado às vezes, com bastante saúde; trazendo também a bagagem dos atos criminosos e mais a desorganização mental completa, é fácil saber qual será a situação desses infelizes para quem só um calmante existe: a **prece** das almas caridosas da Terra!*

*Se o tempo a ser passado nestas regiões tenebrosas tiver de ser muito, muito longo, passando das medidas consideradas normais, a terapêutica mais usada é de uma **reencarnação imediata** - esta será por demais dolorosa que, no entanto, é preferível a muitos anos na situação desgraçada do umbral.*

E nesta nova encarnação feita de sofrimentos, o espírito permanece o número de anos que lhe faltava para completar a existência da qual fugiu pelo suicídio.

Sobre esta última colocação, encontramos no livro: *Sublimação* de Yvonne Almeida Pereira, ditado pelo espírito Léon Tolstoi no episódio Amor imortal, a seguinte fala:

... pois fui, ou sou um suicida que resgata a falta. Não poderei avançar nas linhas do progresso sem que retorne à Terra para cobrir o tempo que me faltava viver com aquele corpo que voluntariamente destruí, o que quer dizer que, uma vez reencarnado, terei vida breve e abandonarei o corpo em plena mocidade.

2 - Conseqüências a médio prazo:

As angústias pela morte procurada voluntariamente não se esgotam na situação de terror em que o espírito se vê mergulhado logo após o suicídio. Elas continuam repercutindo, pois as dívidas contraídas terão de ser liquidadas a qualquer custo. Após o tempo necessário no Espaço para que o espírito se refaça do drama e conserte os danos maiores provocados no perispírito, ele enceta *nova viagem à Terra em novo corpo, em nova encarnação*. Nesta nova encarnação os sofrimentos serão ainda mais pesados que os da vida anterior, pois foi **acumulada carga dupla** a ser resgatada:

- a carga da encarnação interrompida pelo suicídio,

- mais os danos físicos provocados pela lesão do perispírito, por ocasião da morte provocada.

Esta é, portanto, a **segunda** consequência que um autócida enfrenta; **nova vida sobrecarregada de sofrimentos**.

Do livro *Sublimação*, de Yvonne Almeida Pereira, encontramos a este respeito, um ditado de Léon Tolstóin, no episódio Karla Alexeievna:

Nós nos amávamos ternamente, mas o meu querido Ygos Fiedorovitch morreu numa guerra, no tempo de Pedro, o Grande. Desesperada, desiludida, descri de Deus e deixei-me precipitar do terceiro andar onde residia, caindo sobre as pedras do pátio. Meu corpo, maltratado pela queda, fraturado, contundido, deslocado, sucumbiu três dias depois, fazendo-me sofrer intensamente. Mas sem o meu corpo senti-me viva, mas sofrendo as mesmas angústias da perda do meu Ygor sem poder vê-lo, sem saber notícias dele, longe de todos os que me amavam e aos quais ofendi com o suicídio e, coisa acerba! Sofria também as dores dos ossos fraturados, apesar de estar desligada do corpo. Senti-me aleijada, deformada e feia além de dolorida e mais desesperada do que nunca. Não podia me afastar da cena da minha queda do sobrado. Via minha queda e sofria ao mesmo tempo, como se de momento a momento, eu me atirasse outra vez para sofrer eternamente. Assim me demorei não sei por quanto tempo perdida nas trevas daquela angústia, presa de um pesadelo sem poder acordar.

Num dia adormeci e, ao despertar, compreendi que matara apenas o corpo, mas a alma sobrevivera e ali estava eu agora arrependida, sofredora, envergonhada do meu crime. Lembrei de Deus e orei pedindo perdão. Amigos e assistentes se aproximaram para me ajudar. Disseram-me que o meu crime era gravíssimo e que um século seria pouco para eu poder repará-lo.

Foi-me dado, por caridade, o poder de escolher o tipo de provação que pudesse desagrar minha consciência e me reabilitar da morte espontânea. Concluí que me competia viver na Terra sem o meu Ygor. Meu pedido foi aceito, mas eu ainda não me havia libertado das deformações provocadas em meu corpo ao me atirar das alturas. Sentia-me às vezes, ainda com os ossos fraturados, sentia-me aleijada e sabia que esta sensação implicava na constituição do meu futuro corpo. Era o reflexo do suicídio que me acompanharia à reencarnação. Seria duplamente penosa minha estada na carne: apartada de Ygor e com um triste fardo físico, um corpo aleijado para carregar por uma encarnação inteira.

Obs.: Ela reencarnou em família abastada; cresceu linda e perfeita. No entanto, numa queda do cavalo, sofreu várias fraturas. O tratamento foi longo, as quebras foram graves e a cirurgia, à época, era incapaz de milagres de ortopedia. O aleijão se impôs; os ossos se solidificaram fora dos lugares apropriados. Uma perna tornou-se mais curta, sem movimento, balouçando-se no ar. A omoplata, desviada, alterou as linhas do dorso e uma saliência se apresentou, deixando um ombro mais alto que o outro. Depois de seis meses conseguiu se levantar, mas só com a ajuda de muletas conseguia andar. Assim passou uma existência inteira. E ela termina sua mensagem à Terra afirmando:

“Eis a explicação daquele aleijão que incomodava a tanta gente. Foi ele a minha redenção.”

O “*Livro dos Espíritos*” trata da nova encarnação dos suicidas de modo sucinto:

*Certos espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado em existência anterior e se submetido, por vontade própria, a **novas provas** para tentarem suportá-las com mais resignação.*

Do livro: *Sublimação* – Yvonne Almeida Pereira - pelo espírito Charles:

O suicídio é um abismo que atormenta sua vítima durante etapas seculares. É um crime que retarda por séculos o equilíbrio mental daquele que o pratica.

O que veremos agora é assunto bastante interessante. Trata-se da **reencarnação dos suicidas**.

Sabendo que o suicida precisa reencarnar e que, nesta nova vida, seus sofrimentos serão em dose dupla, as perguntas mais comuns que fazemos a nós mesmos, são as seguintes:

Como renasce quem procura morrer de modo espontâneo?

Como será a lesão física que o atormentará?

O que acontece a quem se mata esfacelando o cérebro?

E aquele que perfurou o coração com tiro ou punhal?
 Como renasce quem ateou fogo sobre o próprio corpo?
 E os enforcados, de qual modo resgatam sua culpa?
 O que acontece com quem se atira sob um trem?
 Aquele que se atira de grande altura, como renascerá?
 E quem se mata por envenenamento?

Tais esclarecimentos nos são apresentados por **Ramatis**, através da psicografia de **Ercílio Maes**.
 Ramatis dá os detalhes sobre a *reencarnação dos suicidas*, sempre em forma de perguntas e respostas.
 Olhemos um resumo do que ele diz aos homens da Terra:

Pergunta: *Podeis falar sobre as consequências do suicídio?*

Resposta: *As piores consequências não são aqueles sofrimentos em que o espírito se vê mergulhado logo após o suicídio, pois estas dores têm tempo determinado para seu término, extinguindo-se quando atinge o limite que restava para viver na Terra.*

O pior vem, em nova existência carnal, pois o espírito culpado não pode escapar aos efeitos daninhos e enfermidades que ainda se prolongarão. Para cada modalidade de suicídio há uma modalidade de resgate.

Tomemos como exemplo, os que se matam ingerindo veneno, corrosivo violento que ataca as contrapartes etéricas do corpo físico. Por absurdo que pareça, os venenos atacam e depredam não apenas o corpo material, mas também o perispírito produzindo lesões idênticas às provocadas no corpo físico e que se prolongam pelas encarnações seguintes, causando enfermidades dolorosas.

O corrosivo continua a circular pelo perispírito por muito tempo após a morte atingindo, às vezes, mais de uma encarnação. O fenômeno é explicável, pois se trata dos restos da substância utilizada, que se espalha e adere à delicada fisiologia do perispírito, nas regiões onde fisicamente produziu maior dano.

Então a Lei Cármica providencia para que, noutra encarnação, o tóxico se condense no corpo material e depois seja drenado para a terra, quando o cadáver desta nova encarnação se desmanchar no sepulcro.

Daí o fato de, em posterior existência, serem muitos ex-suicidas portadores de organismos enfermos e lesados, principalmente, no sistema nervoso e circulatório ou nos principais órgãos atingidos como a laringe, a faringe, o esôfago ou estômago. Inúmeros epiléticos, parkinsonianos, coréicos ou neuróticos são suicidas vitimados por tóxicos e corrosivos.

O corpo da nova existência funciona como que um pano de chão, enxugando o corrosivo ingerido. Durante esta fase de enxugamento produzem-se no indivíduo as doenças e, depois da morte, fica o veneno dissolvido na terra do túmulo, onde o cadáver consome todo o tóxico enxugado nesta nova encarnação.

Pergunta: *Diante destas explicações ficamos convictos de que as doenças nervosas e circulatórias se derivam de suicídio em vida anterior. É assim?*

Resposta: *Nem sempre; felizmente, nem todos os doentes de hoje são suicidas de ontem. Mas se os suicidas em potencial pudessem entrever, por um único minuto, o panorama e a situação pavorosa que os aguarda após fuga covarde acabaria neles, definitivamente, qualquer traço de rebeldia. O suicida é um rebelde que se compromete para o futuro, após haver **escolhido**, em sã consciência, o corpo e as provas que considerou serem as melhores para sua passagem pela Terra.*

Pergunta: *Se cada modalidade de suicídio acarreta uma deformidade orgânica no novo corpo físico, quais são as consequências das demais formas de suicídio?*

Resposta: *Aqueles que rompem o cérebro com uma bala no ouvido ou na boca também deformam o duplo-etéreo astral, ou seja, o cérebro do perispírito, que é o molde exato do cérebro do organismo de carne.*

Quando, na encarnação seguinte, as moléculas e fibras neurocerebrais se juntarem para a formação de outro corpo de carne, nas regiões a aglutinação se processa na forma de deformações. As superposições dos átomos se perturbam e perturbam a harmonia do pavilhão auricular e da região da glote, ligados para o equilíbrio entre as faculdades do ouvir e do falar. São estas contrapartes etéricas que mais sofrem diante dos impactos arrasadores do suicídio que destrói a região cerebral, pois se tornam incapazes de organizar a perfeita conexão molecular entre os órgãos auditivos e o aparelho de fonação. Assim, a criança nasce muda e surda, em face ao desarranjo do cérebro perispiritual.

Pergunta: *Quais alguns outros tipos de suicídios e suas consequências?*

Resposta: *Aqueles que se enforcam ou se afogam também fotografam na memória do perispírito, todos os*

esgares, os repuxos, as aflições e os sufocamentos da hora extrema, criando então os estigmas perispirituais deformativos que são ainda acrescentados dos sofrimentos pela mente revoltada. Tais infelizes podem renascer corcundas, atrofiados e mesmo terrivelmente asfixiados pelo bronquite asmático.

Os que escolhem morrer através de quedas e se arrebentam no solo ou que se atiram sob as rodas dos veículos, geralmente retornam vitimados por dolorosas enfermidades situadas na patologia dos artritis e reumatismos deformantes, sofrendo as dores dos ossos que estalam, nervos que se rompem, músculos que se rasgam. Alguns se arrastam penosamente desde o berço, com os músculos torcidos em corpos aleijados.

Como conseqüência do número crescente de suicídios, o mundo material se povoa de criaturas torturadas que desde o berço arrastam suas deformidades ou gemem sob as dores de moléstias incuráveis.

Pergunta: Como fica a situação de quem atea fogo sobre o próprio corpo?

Resposta: Estes, os incendiados, quase sempre retornam à vida reproduzindo em si mesmos a terrível moléstia conhecida popularmente por fogo selvagem (pênfigo foliáceo). Estes infelizes renascem e sofrem durante uma vida inteira, as dores com a sensação atroz do fogo destruidor que ainda parece queimar-lhes as carnes.

O fogo selvagem apresenta toda semelhança com queimaduras graves. Manifesta-se por dermatose caracterizada por bolhas avermelhadas com serosidade, idênticas às bexigas consequentes das grandes queimaduras. Estas bolhas se abrem, transformando-se em feridas que exalam mau cheiro, deixando a criatura em carne viva, com dores atrozes.

Comumente, os flagelados por este mal morrem com o corpo em tamanho reduzido, com características semelhantes às das pessoas que hajam sido carbonizadas.

Pergunta: Como é a expiação de quem atinge o coração no ato suicida?

Resposta: O punhal ou o tiro que dilacera o coração deixa sua marca para nova encarnação: lesão cardíaca a torturar cada novo dia do infeliz que fugiu da vida com o coração estraçalhado. O chacra cardíaco não se desenvolve a contento, obrigando seu dono ao mínimo de atividades físicas, somente as mais necessárias para sua sobrevivência.

Neste estado precário de saúde, os doentes envidam os maiores esforços e cuidados para sobreviverem na terra. Esta ansiedade de viver gera no subconsciente o desejo que substitui os estímulos negativos da mente enfermiça do passado.

Atravessam a nova existência agarrados ao fio da vida, economizando energias e evitando violências mentais a fim de não alterar ainda mais os distúrbios físicos.

Raramente se suicidam aqueles que nascem aleijados ou os enfermos de nascença - aliás, são os que manifestam o mais ardoroso desejo de viver! Os que possuem o corpo sadio são os que mais se matam. Aliás, no mais profundo da alma dos ex-suicidas perdura ainda o eco pavoroso dos tormentos pelos quais passou no Além e, de uma forma ou de outra, seu subconsciente faz com que novas idéias suicidas sejam afastadas.

Pergunta: Não vos parece que a Lei Cármica é bastante implacável com os que tiram a vida a si mesmos? Não é violenta demais a desforra levando em consideração que o suicida, num único momento de alienação terá de padecer os frutos do seu ato por séculos até?

Resposta: A Lei Cármica não se desforra; ela reajusta, ela retifica num processo severo e disciplinado visando a felicidade do espírito.

Quem se mata o faz por livre vontade e lavra sua sentença perfeitamente ciente de que, se o ato não é certo perante os homens, quanto mais perante Deus! O homem é o agente único da sua felicidade ou desventura, devendo sofrer exatamente conforme o modo que se puser a agir.

Para um corpo sadio, outro corpo sadio; para um queimado, outro corpo em bolhas. A criatura encontra-se diante da própria obra.

O processo de reajustamento no suicídio é doloroso, porque corresponde milimetricamente a cada átomo que tenha sido lesado.

Pergunta: Os suicidas do passado conseguem lembrar seu ato de morte voluntária na presente encarnação?

Resposta: Não de modo claro, pois são poucos os que conseguem erguer o véu e saber o que fizeram em vidas anteriores. A lembrança dos atos errôneos serviria somente para desequilibrar mais ainda as almas imaturas, que sofreriam graves perturbações se pudessem rever os quadros da própria vida passada.

Aquele que renasce depois de um suicídio é justamente o que menos pode recordar o que fez. Entretanto, a alma guarda no subconsciente uma invencível aversão por atos e coisas capazes de associá-lo ao motivo

principal que lhe provocou o gesto suicida no passado. Como exemplo, tomemos as pessoas que se mataram devido à perda dos bens no jogo de cartas. Na encarnação seguinte, sem saber o porquê, elas se tornam adversárias hostis a tais vícios.

Pergunta: *Um suicida pode repetir o mesmo gesto tresloucado noutra encarnação?*

Resposta: *Sem dúvida! Tudo depende do seu grau de resistência espiritual. Na encarnação seguinte, o espírito torna a sentir os estímulos suicidas, principalmente quando atinge a idade que coincide com a idade em que noutra vida se suicidou. Em encarnação futura, se ele não estiver revigorado no entendimento espiritual, é certo que poderá fracassar novamente.*

Uma outra olhadinha no que diz **Yvonne A. Pereira**, em rodapé de “*Memórias de um suicida*”:

Certa vez, há mais ou menos vinte anos, Charles - um dos meus educadores espirituais - levou-me a um cemitério do Rio de Janeiro, a fim de visitarmos um suicida que rondava o próprio cadáver apodrecido.

Desnecessário dizer que esta visita foi realizada no corpo astral, enquanto meu corpo dormia.

O perispírito (fantasma) do referido suicida, horroroso igual demônio, deixou-me cheia de pavor e repugnância. Apresentava-se completamente desfigurado, coberto de cicatrizes - o mesmo tanto de cicatrizes quantos haviam sido os pedaços a que ficara reduzido o seu corpo, pois havia se atirado embaixo de um trem de ferro, ficando estilhaçado.

Não há descrição possível para o estado de sofrimento deste espírito! Estava enlouquecido, atordoado, furioso, sem poder se acalmar para raciocinar. Tentamos conversar com ele, mas não nos ouvia! E Charles, tristemente, disse:- “Aqui, só a oração poderá se impor. Será o único bálsamo que poderemos oferecer para aliviá-lo”.

E eu perguntei impressionada: - “E estas cicatrizes?”.

- “Estas cicatrizes - respondeu Charles - desaparecerão depois da expiação do erro, da reparação em existências amargas de lágrimas em cima de lágrimas - o que não levará menos de um século, geralmente bem mais. Que Deus tenha piedade dele até lá.”.

Durante anos orei por aquele infeliz, em minhas preces diárias.

3 - Conseqüências planetárias

Para melhor explicar o que vem a ser o subtítulo acima, a presente exposição será em forma de exemplos, em casos colhidos da vida real:

I

Marta, casada, mãe de duas meninas, apaixonou-se por outro homem e passou a manter com ele, um caso extraconjugal. A partir de então, a vida familiar virou um inferno, tendo em vista que ela não suportava mais a presença do marido. Brigas, acusações, ofensas por tudo e por nada.

Quando Marta pensou em se separar do marido para viver com o amante, este rompeu com ela, porquanto não estava à procura de algo sério e sim, de um passatempo.

Não suportando o desprezo do amante e, para vingar-se dele, Marta envenenou-se e, para o cúmulo da crueldade, deixou um bilhete onde culpava o *marido* por maus tratos!

Desta forma, conseguiu encobrir suas relações ilícitas, além de isentar-se aos olhos da sociedade, pelo suicídio.

O mundo se condeou. O velório foi regado de palavras de simpatia para com a morta e de olhares acusadores, palavras ásperas, gestos de desprezo para com Wilson, o marido.

Wilson conseguiu reagir. Ele sabia que não era culpado, apesar de ignorar os verdadeiros motivos da esposa. Não sentiu a consciência pesar, não via porque martirizar-se com o ocorrido. Sabia ter sido bom esposo, honesto, carinhoso, trabalhador, bom pai. Seguiu a vida e, quatro anos após, voltou a se casar com uma antiga namorada.

Mais alguns anos foram passados da morte de Marta. Sua filha mais velha, já com dezessete anos, teve

alguns contratempos sentimentais e, sem ter o ombro da mãe onde chorar, seguiu-lhe os passos. Morreu ingerindo veneno idêntico!

Mais três anos e a filha caçula também tentou morrer - ingeriu o mesmo veneno, mas, por Deus, foi socorrida a tempo. Salvou-se, porém não está livre de nova tentativa, tendo em vista que se sente invadida, cada vez mais, pela solidão, pela saudade da mãe, pela nostalgia, pelo desejo de abandonar a vida. Desta maneira, já reuniu junto a si muitos obsessores que, por qualquer motivo, incutem-lhe idéias de suicídio.

Marta, herdeira de grande fortuna, deixou as filhas em situação financeira invejável. Wilson, o marido, era empresário bem sucedido. Dinheiro não faltava naquela casa; carros do ano à porta, residência luxuosa em bairro nobre, conforto que só a riqueza pode oferecer - mas o que faltou às filhas foi o amor, o carinho da mãe, sua presença, sua companhia, seus abraços, sua voz, seu amparo amigo, as conversas de mãe para filha, que tesouro nenhum do mundo pode substituir.

Aí está a conseqüência de seu ato, Dona Marta!

Com orgulho tolo perante o desprezo do amante você abandonou as meninas, preferindo a auréola de esposa martirizada - auréola que recebeu do mundo, é verdade - mas veja só o rastro de sofrimentos que deixou atrás de si!

Além da traição conjugal, criou a mentira sórdida sobre os ombros do marido para justificar-se perante a sociedade.

E acima de tudo, deixou exemplo sinistro às filhas. Uma delas acompanhou-lhe os passos. Você conseguiu arrastar para o sepulcro outro espírito que tinha a própria tarefa a cumprir! Conseguiu cortar os fios deste outro destino, para o qual havia toda uma programação em andamento.

A segunda filha não conseguiu morrer, mas não tardará a tentar de novo; e ambas, com o mesmo veneno.

Significa que lhe seguiram o exemplo, considerando-a heroína.

É claro! O mundo só teve elogios para você!

E veja só como foi inútil o seu "martírio": O amante, que você queria atingir com remorsos, continuou a vida procurando novos passatempos, indiferente em relação a você.

O marido, a quem você tentou manchar com mentiras, casou-se outra vez e viveria bem, se não fosse a preocupação com as filhas.

E justamente estas, que você julgou a salvo, é que foram atingidas! A única coisa que conseguiu foram maiores e mais graves delitos sobre os próprios ombros.

Sim, Marta! Você terá de prestar contas de seus atos!

II

Élida casou-se com Nélio, contra a vontade do pai.

O tempo passou, Élida teve dois filhos - mas Francisco, o pai, não conseguia perdô-la e, a cada vez que se encontravam entravam em discussão tendo sempre como causa, o casamento da moça com Nélio.

Num destes desentendimentos, Élida resolveu vingar-se deixando o pai com remorsos, por todo o restante da vida - e vingou-se da maneira mais cruel que poderia ter criado um cérebro desequilibrado: estourou os miolos com um tiro, à frente do próprio pai, dentro do escritório deste.

Ela atingiu o objetivo, porque os remorsos de Francisco não conheceram limites. Suas noites eram angustiadas, em insônia ou pesadelos pavorosos, em lágrimas queimantes. Seus dias eram cinzentos, sem mais vontade de trabalhar. Seu tempo era passado em idas e vindas entre o cemitério e sua casa; sem sossego, sem tranquilidade, silencioso sempre, remoendo a culpa.

Não mais voltou a pisar no escritório onde ocorreu a tragédia, não mais deu continuidade aos negócios da família e, mesmo que o quisesse fazer, a mente entrou em desaceleração, as idéias se misturavam, não raciocinava com clareza.

Assim, acabou com suas economias. Sem poder concentrar-se no trabalho foi vendendo seus bens a qualquer preço até que, em poucos anos, viu-se com dívidas, com a esposa doente - e com remorsos sempre, lamentos da alma sem trégua, noite e dia.

Para acréscimo de seus sofreres, foi-lhe negada a permissão para ver os netos, filhos de Élida. Nélio mudou-se com as crianças para cidade distante e proibiu a presença dos avós em sua casa, assim como proibiu que os meninos fossem levados à sua presença.

Tão acerbos foram os sofrimentos de Francisco, que também ele sucumbiu ao suicídio! Ateou fogo sobre o próprio corpo, como se procurasse queimar, definitivamente, as angústias.

Seguiu Francisco para as regiões tenebrosas das dores.

E ficou sozinha D. Clotilde, a esposa, sem apoio na velhice, sem dinheiro, sem saúde, sem companhia. Entregou casa e mobília aos credores. Num asilo acabou seus dias como indigente, em meio aos mais negros desgostos, a braços com a mais dolorosa saudade, a mais impiedosa solidão.

Quanto a Nélio, voltou a se casar e a nova esposa não quis assumir seus filhos. Estes foram criados, ora em casa de uns parentes, ora em casa de outros, sendo que ninguém se importou por seu futuro, ninguém lhes ensinou o caminho do Bem.

Sem vigilância, sem bons exemplos, órfãos de afeto e, em más companhias, foram arrastados para os caminhos do vício, da criminalidade, da marginalidade.

E aí, Élide? Ficou satisfeita? O que você conseguiu com sua vingança tão revestida de maldade?

Conseguiu que sua mãe, a quem você não quisera atingir, viesse a viver e a morrer na miséria, indigente num asilo, completamente abandonada, sem nunca mais ter tido a felicidade de ver e abraçar os netinhos a quem amava.

Conseguiu carregar consigo, para os umbrais pavorosos, o próprio pai, que... Sim, talvez ele tenha exagerado, na dose do rancor. Mas, se ele foi cruel, não era você quem tinha o direito de fazê-lo sofrer! Se seu pai passara dos limites, era a Deus que ele tinha de prestar contas - e não a você!

Você é culpada muitas vezes e terá de responder por dois suicídios! Terá de responder pelo mal que fez à sua mãe! E terá de responder pelo abandono em que deixou os filhos, que tinham brilhantes tarefas a cumprir e, por sua culpa, acabaram em nada. Em pior que nada!

Pobre Élide!

Terá futuro sombrio a resgatar - sabe Deus como! - até a última gota de sangue derramado, até o último sofrimento provocado! Élide pagará, de modo muito amargo, todos os desencontros que desencadeou, por ter interferido tão malignamente nos planos cósmicos.

O prazer da vingança não valia tanto assim...

III

Mais uma situação onde o suicida prejudica, não apenas a si mesmo e a outrem, mas, principalmente, aos planos cuidadosamente elaborados pelo Alto:

Para cada criança que nasce é feito todo um minucioso trabalho pelos Técnicos Espirituais Responsáveis pelos Nascimentos, os quais se incumbem de juntar, na Terra, os afetos e os desafetos do reencarnante, prever os acontecimentos de maior importância e as datas em que eles ocorrerão.

É previsto o local do mundo em que a criança deverá nascer, o meio físico, o meio sócio-econômico e o meio familiar em que necessita viver, tendo em vista seu próprio progresso.

É estabelecido o tipo físico que este novo ser terá e, para isso, nada é deixado de fora: constituição genética dos futuros pais, grupo sanguíneo, fator RH, mapa cromossômico... Tudo!

Planeja-se, de antemão, a profissão ou atividade a ser exercida pelo o reencarnante; as expiações, as provações, as tarefas ou missões a cumprir sobre a Terra.

Ainda antes do nascimento, o espírito é notificado sobre quem será seu cônjuge, quem serão os espíritos que terá como filhos e os motivos que o levarão a conviver com aquelas determinadas almas sob o mesmo teto, no núcleo familiar.

São previstos ainda: número de anos a viver, data e tipo de morte que levará aquela alma de volta ao mundo espiritual.

Outros detalhes são planejados, mas vamos ficar por aqui, simplificando para o bom entendimento.

Partindo deste quadro, passemos a criar uma situação que bem poderia ser real:

Suponhamos que, no mundo espiritual, haja um grupo de espíritos à espera da encarnação. Eles formarão uma família sanguínea que terá como chefe o *Valério*, que vai nascer, dentro de dois meses, numa cidade interiorana do estado paulista.

Ele terá certa missão a cumprir na Terra: aos quarenta e dois anos desenvolverá, em laboratório, uma substância que eliminará as pragas todas da lavoura de café.

Valério deverá enfrentar situações angustiosas, pois é um espírito bastante endividado na Contabilidade Superior uma vez que, em vida passada apossou-se, ilegalmente, de grande quantia de *Juliano*, seu sócio, que não suportando o golpe, veio a morrer ainda jovem, na miséria, deixando ao desamparo esposa e filhos.

Depois de dois anos nascerá *Marisa*, que será esposa de Valério.

Marisa será o elemento de equilíbrio para o marido; será quem o ajudará a passar pelas amarguras, doenças, desânimos, frustrações, penúrias. O espírito Marisa também tem débitos a serem resgatados na Terra e estes débitos são diretamente relacionados a Valério, de quem foi amante no passado. Como amante, usufruiu tão somente das riquezas, do conforto, dos prazeres sensuais e o abandonou ao vê-lo doente. Agora, para a própria reabilitação, dedicará a ele toda uma vida anônima de trabalhos, sacrifícios e renúncias.

Da união entre Valério e Marisa nascerão três crianças:

O mais velho será *Juliano*, aquele mesmo que, em vida anterior, fora sócio de Valério. Lesado até o último centavo, Juliano nunca o perdoou. Mesmo após a morte continuou odiando Valério e, nesta próxima encarnação deverão estar juntos como pai e filho, encetando esforços para se reconciliar e promover o perdão entre si.

Juliano sofrerá bastante em companhia de Valério, a quem ainda dedica ódio mortal. Na verdade, não se reconhecerão, não se lembrarão do passado, pois estarão, ambos, em corpos diferentes e o véu do esquecimento cairá sobre o pretérito. Mas haverá discórdia entre eles porque o espírito encarnado, mesmo esquecido do passado conserva, nas profundezas do ser, a lembrança de tudo quanto fez e de tudo o que lhe fizeram em existências anteriores. Ao rever alguém que lhe foi inimigo em outras vidas, a lembrança sideral parece vir à tona e acontece certa aversão por esta pessoa, mesmo sem ter motivos plausíveis aparentes.

Quantas vezes, nós próprios, sentimos alguma antipatia por alguém que nos é apresentado? De onde vem este sentimento contrário ao Amor, se estamos vendo tal indivíduo pela primeira vez? Acontece que nosso espírito reconhece aquele outro espírito e pressente nele, um desafeto de outras vidas.

O espírito encarnado, portanto, sente certa aversão, certo ressentimento em relação aos inimigos de tempos idos, como se adivinhasse que, sob outra roupagem física, ali se encontra quem o feriu profundamente. (*Quantos filhos sentem tal aversão pelos pais - e vice-versa? "Um dos dois foi culpado."*)

Como se percebe, não será fácil a convivência entre Valério e Juliano, mas Marisa, como elemento de conciliação, empreenderá esforços para que vivam em relativa harmonia até que aconteça o perdão e prevaleça o amor.

Ângela virá como filha. Ela é um espírito que também nutre ódio a Valério, devido à desonestidade com que ele conduziu seus negócios. *Ângela* era a esposa de Juliano na última vida e passou por todos os tormentos da miséria e da viuvez precoce, sofrimentos estes ocasionados por Valério.

Virão agora, *Ângela* e Juliano como irmãos, filhos de Valério, o mesmo homem que fez sua ruína financeira no passado. Estarão ambos na posição de antagonistas em relação ao pai, a exigir dele os cuidados, o amor, o carinho e a estabilidade financeira que lhes é devida. Ambos vão ralar seu ódio até que ele se transforme em perdão e amor.

Ângela será médium de curas e, assim, através do exercício da caridade, será mais fácil perdoar Valério.

O terceiro filho do casal será *Alexandre*. Este, por ser um espírito já de nível mediano, virá com suas próprias provações e uma tarefa: auxiliar a mãe no papel conciliatório entre os irmãos e o pai, colaborar com *Ângela* nos serviços mediúnicos e apoiar Valério nas pesquisas científicas.

Como se viu, há toda uma trama que antecede o nascimento de cada criança. Tudo é estudado minuciosamente para que todo espírito possa sair desta nova vida com menores dívidas do que quando nela entrou.

Muito bem! Com a trama alinhavada, vejamos o que pode ocorrer a este grupo de espíritos - culpados, arrependidos, à procura de perdão, à procura de harmonia, procurando equilíbrio emocional. E todos eles envidados, necessitando de ajustes.

Nasceu Valério numa fazenda de propriedade do novo pai carnal, nos arredores de pequena cidade. Inteligente, dominou as primeiras letras do alfabeto muito antes de entrar para a escola.

Ainda criança, gostava de colaborar nos serviços da fazenda; apreciava as plantações, ajudava a plantar, estercar, colher. Dizia que, quando crescesse, seria agrônomo para continuar em meio ao verde da horta, do jardim, das lavouras.

Aos vinte anos seguiu para cidade maior, a fim de estudar.

Prestou vestibular, passou e começou a rotina estudantil.

Aos vinte e um, conheceu Marisa por quem se apaixonou.

Aos vinte e dois, se matou...

E aí, como é que fica?

E os planos espirituais, tão bem montados?

E Marisa? Ficará no papel de viúva solteira ou se casar com outro?

E Juliano, Ângela e Alexandre, que seriam recebidos como filhos, cujas dvidas a serem resgatadas envolviam diretamente a pessoa de Valério? Nascero de outros pais?

Mesmo que Marisa vier a se casar com outro e receber como filhos os três espíritos acima mencionados, não será a mesma coisa, pois, com exceção de Alexandre, os demais precisavam da presença de Valério para se equilibrar perante a Lei Cármica.

Mas, se Marisa se casar com outro - este outro não terá também seus próprios filhos, com os quais, da mesma forma, tem dvidas a saldar? E Marisa, casando-se com outro, irá participar dos débitos crmicos de outro grupo de espíritos?

E a tarefa de Valério? Aquela tarefa que seria um avanço para a agricultura: desenvolver uma substância que eliminaria as pragas do café, como é que fica? A descoberta desta prática poderia ser feita por outra pessoa, mas demandaria muito tempo até preparar outro espírito para ela, enquanto que Valério já havia recebido, no Espaço, preparo suficiente com vistas a esta missão...

É verdade que se trata apenas de um exemplo - mas este exemplo pode ser estendido a outras situações.

Com o suicídio de Valério, os efeitos serão:

- Não quitar seus débitos com Juliano e Ângela. Continuará com esta dvida até que - sabe Deus quando - terá nova oportunidade de vir a reencarnar entre eles.
- Não dará chance para que Juliano e Ângela venham a perdo-lo e o perdão terá de acontecer, cedo ou tarde.
- Não dará oportunidade para que Marisa, a amante do passado, venha a queimar suas culpas em sua companhia.
- E, por último, promover uma estagnao no progresso planetário, desde que a descoberta científica que estava a seu cargo, demorará muito para que venha a acontecer.

Assim, os resultados de um suicídio, semelhantes a efeito domin, alastram-se em todas as direções e demoram longo tempo para que tudo entre nos eixos novamente.

As conseqüências deste tipo de morte, portanto, não se detm na pessoa do suicida. Envolvem outras e outras criaturas, favorecem novas situações inesperadamente desagradáveis, arrastam familiares a imprevistos que os distanciam, por tempo indeterminado, do objetivo a alcançar: a purificao, a elevao, a ascensão, o crescimento espiritual.

Como bomba atmica, os efeitos do suicídio não cessam com o estouro, nem com a fumaça - mas se alastram em cadeia, prosseguem sua marcha de destruio e sofrimento por caminhos inimagináveis, por tempo incalculável.

Segundo Chico Xavier, um suicídio desestrutura o destino daquele que se mata e também de tantas outras pessoas - nascidas e por nascer - que demora, às vezes, mais de um milnio para que tudo se normalize!

E ai de quem provoque um dano no progresso planetário!

As missões são tarefas que os espíritos recebem ao nascer.

Alguns recebem grandes missões, outros recebem tarefas menores, sempre de acordo com suas possibilidades, virtudes e conhecimentos adquiridos.

Ter filhos e criá-los, por exemplo, é uma das maiores tarefas que uma alma pode receber.

Mas há missões que beneficiam o planeta inteiro e são executadas por espíritos longamente preparados para elas.

E se, como Valério, que traria uma descoberta importante para o mundo, todos os demais missionários se matassem antes de cumprida sua tarefa?

O mundo estaria ainda na Idade da Pedra!

Sim, porque muitos dos espíritos que encarnaram na Terra, desde os homens das cavernas, trouxeram algum benefício. E estes benefícios, estas descobertas, estas invenções foram se juntando numa somatória até chegarmos ao mundo de hoje, bem diferente da Pr- História, em todos os segmentos.

Repito a pergunta:

E, se todos os que vieram à Terra para trazer alguma benfeitoria tivessem se matado antes de cumprir sua tarefa?

E repito a resposta:

Estaríamos ainda na Idade da Pedra!

Como seria o mundo, se Allan Kardec tivesse se matado aos quarenta anos de idade, antes, portanto, de cumprir sua missão para com o mundo? E se Martinho Lutero e Calvino tivessem fugido pelas portas do suicídio, sem cumprir sua tarefa reformista?

O que seria da Índia sem Ghandi? O que seriam dos transportes terrestres sem Henry Ford? O que seria da América sem Colombo? O que teria sido da Ciência se Thomás Edson, Sabin, Galileu e muitos outros, se tivessem optado pela covardia da morte espontânea?

Como seria o mundo, se Bill Gates tivesse se matado antes de criar melhorias ao mundo da informática?

O que seria de nós, se Chico Xavier tivesse fugido da vida ainda menino? O que teria sido sem Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles?

O que teria sido o mundo se Jesus tivesse se matado?

Sem Anchieta, sem Nóbrega, o que teria sido do Brasil? E sem Juscelino, sem D. Pedro II, sem a Princesa Isabel, sem Tiradentes, sem Aleijadinho, sem... Meu Deus! Quanta, quanta gente teve missões a cumprir!

Nasceram, cresceram, fizeram-se homens sem saber que tinham obrigações para com o planeta - e só no momento exato, na hora prevista desde muitos anos antes, estas missões foram cumpridas.

Santos Dumont suicidou-se. Você sabia disso?

Muita gente não sabe, porque seus biógrafos, como que num pacto de silêncio, escondem esta verdade. Talvez para que a figura deste grande homem não seja manchada. Mas, felizmente para o mundo, ele só procurou a morte após ter cumprido a maior parte da sua tarefa: inventar o avião.

E, felizmente para ele próprio, suicidou-se por desgosto; não desgosto pela vida, pelos prováveis sofrimentos. Ele se matou por desgosto, ao ver que sua invenção, que deveria dar grande impulso positivo nos transportes aéreos, serviu também para o mal, na guerra, onde o avião teve papel repugnante: lançar bombas, terror e morte sobre o mundo! Santos Dumont não suportou saber que ele criara máquina tão infernal!

De qualquer forma, são milhões de homens anônimos que tiveram alguma pequena missão e que ajudaram a dar impulso ao progresso da humanidade! E se eles tivessem se suicidado por causa de algum desgostinho da vida?

Aliás, a vida de um missionário é regada de lágrimas, do berço ao túmulo.

Falando nisso... Não será você, leitor, um missionário?

Não terá, no futuro, alguma tarefa a cumprir que dê enorme impulso ao desenvolvimento do nosso planeta?

"- Ah! - dirá você - Eu? Imagine! Pobre, humilde, morando nesta cidadezinha escondida e com tantos problemas!"

E eu respondo: 90% dos grandes feitos da Humanidade vieram de gente que nasceu pobre, em cidadezinha do interior, em família numerosa, lutou bastante, teve muitas decepções.

O sofrimento e a pobreza são a forja do missionário.

Mas, como saber se você tem uma missão a ser desenvolvida, se não espera pra ver?

Alguém disse certa vez:

"Eis um teste para saber se sua tarefa, no mundo, está acabada: Se você estiver vivo, ela não acabou."

Muitos dos grandes nomes mundiais só iniciaram sua verdadeira tarefa em benefício do planeta, depois dos quarenta anos de idade. E pensar que poderiam ter se matado antes!

É difícil crer que haja quem defenda o suicídio, justificando que cada pessoa é dona de seu corpo e, sendo sua propriedade, poderá fazer com ele, o que bem quiser!

Um ser terá o direito de prejudicar o andamento das Leis Planetárias? Terá o direito de, por orgulho, por vaidade, por vingança... Deus meu, por vingança! Intrometer-se nas leis divinas e safar-se do mundo deixando, atrás de si, situação de penúria? Deixando filhos órfãos de afeto? Deixando pais no desespero? Desequilibrando os planejamentos cósmicos?

Não será merecida toda e qualquer punição aplicável a um suicida?

VII - PRECES AOS SUICIDAS

Aqui, uma palavra aos familiares e amigos dos suicidas.

Como se viu, eles *não* estão perdidos para sempre, nem no fogo do inferno, como sempre se supôs. Eles *continuam a existir* - em sofrimento, mas continuam vivos - e serão socorridos, porque suas penas não são eternas.

E é só por meio da oração que se pode aliviar suas dores.

A oração a Deus, em louvor do suicida, faz com que ele se sinta aliviado, sem sofrimentos, em paz, podendo até mesmo pensar em Deus e rezar também.

As preces freqüentes pelos suicidas os ajudam a passar por aqueles anos todos que têm pela frente. E, de acordo com depoimentos de muitos suicidas, as orações intercedem em seu favor, fazendo com que os Espíritos Protetores os retirem do alcance dos irmãos das trevas, cujos ataques podem ter conseqüências funestas.

A prece é, portanto, uma porta que Deus deixou aberta para contato com nossos mortos queridos, suicidas ou não.

Vejamos dois escritos onde entra a oração, como fator de ajuda aos suicidas:

Maura Araújo Javarini

Para entender o presente caso, é preciso explicar que, antigamente o morto passava primeiro pela igreja, antes de seguir para o cemitério. Na igreja, o padre benzia o corpo, encomendava a alma, espargia água benta sobre o caixão.

Mais tarde surgiu a missa de corpo presente.

Hoje, o padre ou seu representante é quem se desloca até o velório para as mesmas práticas e orações habituais.

O caso que vamos relatar aconteceu em duas épocas: em 1932, quando o costume ainda era conduzir o falecido à igreja, para ser bento - e, o restante ocorreu em 1961.

Sabemos todos que o suicídio é um dos piores crimes a ser cometido. Mas o catolicismo exagerava neste saber e proibia a entrada de um suicida na igreja, devido à crença de que o suicida é amaldiçoado por Deus e não alcança a salvação. Neste caso, era pura perda de tempo quaisquer orações em seu favor.

Partindo desta introdução, vamos ao nosso relato:

Maura Araújo Javarini suicidou-se em 11 de maio, 1932, na cidade de São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo. Sua morte foi por envenenamento.

Como não era permitida a entrada de suicidas na igreja, o cortejo seguiu direto de sua casa para o cemitério, sem direito às orações fúnebres.

Quando o caixão e o acompanhamento desciam pela Rua Bernardino de Campos para virar, passar de frente a igreja, seguir e entrar na Avenida da Saudade, dois homens, Antonio Marino e Farid Mussi, membros do Círculo Esotérico, conversavam em frente a uma farmácia.

Vendo o cortejo, um deles falou: *“Aí vai a mulher do padeiro, sem a bênção da igreja, pois é suicida. Vamos nós, rezar por ela.”* Tiraram o chapéu da cabeça e fizeram, ali mesmo, à passagem do caixão, uma oração ardente em seu benefício.

Depois de muitos anos, a 24 de agosto de 1960 aconteceu também em S. José do Rio Preto, a tragédia que, neste país, fez o maior número de vítimas num acidente terrestre: um ônibus lotado com jovens estudantes que compunham a fanfarra da Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, caiu no Rio Turvo e pereceram afogados, 59 deles! Saíram vivos somente o motorista e o estudante Alcindo Rodrigues, o Nino. *(Esta autora conheceu pessoalmente a quase todos eles, desde que estudara naquela escola até o ano anterior.)*

Familiares dos rapazes mortos procuraram o Chico Xavier, em busca de notícias do parente desencarnado no acidente.

O Professor e Advogado, Dr. Waldemiro Naffah e a esposa Mafalda, ambos católicos, também se dirigiram a Uberaba, com o mesmo propósito: saber notícias do filho. Chico lhes disse que o rapaz não estava em

condições de comunicar-se, mas que, ali ao lado, naquele momento, o espírito de uma mulher tinha algo a relatar.

E Chico foi repetindo o que referida mulher lhe dizia: Ela estivera presente na hora do acidente, em companhia de outros espíritos socorristas e que trabalhara no amparo aos espíritos dos jovens afogados recém saídos do corpo. E disse que um dos quais ela socorreu foi justamente o filho daquele casal, o Waldemiro Naffah Júnior!

O espírito da mulher que dava tais informes disse haver morado em S. J. do Rio Preto, disse haver se suicidado em 11 de maio de 32 e seu nome era *Maura Araújo Javarini!*

Sim, aquela mesma suicida a quem a igreja recusara receber, pela impossibilidade de salvação!

Meses mais tarde, em 1961, a mesma Maura Araújo Javarini mandou uma mensagem - desta vez, psicografada, e não apenas falada - às famílias riopretenses que haviam perdido seus filhos nas águas do Rio Turvo. Depois de palavras de consolo e exortação à oração em benefício daqueles estudantes, ela passou a falar um pouco sobre si mesma - e é muito interessante o seguinte trecho, para o assunto em pauta:

“De mim própria, também voltei ao mundo espiritual em situação dolorosa. Foram as preces de meu pobre João (marido) e dos nossos irmãos Antonio Marino e Farid Mussi, que me levantaram...”

Leitor, você está lembrado daqueles dois senhores que fizeram uma oração, em plena rua, em favor desta suicida? Pois vejam bem: ela recebeu as orações e, depois de 29 anos, ela os agradeceu *nominalmente!!!*

Camilo Castelo Branco

Voltemos ao livro "*Memórias de um Suicida*", à narração de Camilo. Nesta parte da sua história, ele já havia saído do Vale dos Suicidas e se encontrava num Hospital do Espaço, recuperando-se. Ele escreve:

Existia permissão para nos científicarmos das orações e votos de paz e felicidade provindos da Terra. Recebíamos as preces, os votos de melhoras e pensamentos de paz que nos vinham dos entes queridos deixados na Terra e de quem se interessava por nosso restabelecimento. Desde que estas orações fossem feitas com desejo sincero, elas nos eram transmitidas por um meio bastante interessante:

Havia em cada dormitório, um aparelho muito parecido aos aparelhos de televisão, que transmitia em sua tela, todas as imagens e sons que nos eram dirigidos em preces.

Quando, na Terra, alguém se lembrava de orar por nós, sua imagem aparecia na tela e ouvíamos o som de suas orações, pedindo a Deus que nos iluminasse os caminhos, dando-nos calma e paciência para suportarmos as dores. Muitas vezes, apareciam na tela criaturas que nem foram muito ligadas a nós, mas que oravam fervorosamente em nosso benefício - enquanto que outras pessoas, a quem devotamos grande estima, nunca - ou raramente - apareciam, para aliviar as asperezas de nossos infortúnios...

Infelizmente, estas orações, que tanto nos ajudariam na solidão dos nossos tormentos, eram raríssimas, porque o aparelho só conseguia captar as invocações sinceras, aquelas sublimadas no momento da prece. - e tão dificilmente as pessoas rezam com o coração!

Através destes dois testemunhos: de Maura e de Camilo, ficamos sabendo dois pormenores importantes:

1- O suicida sabe quem está lhe enviando preces.

No caso de *Maura Javarini*, ela agradece *nominalmente* aos Srs. Antonio Marino e Farid Mussi, justamente aqueles que lhe enviaram preces no dia do enterro!

Ora, como ela soube que aqueles dois homens, praticamente dois estranhos, oraram por ela se, na época, eles próprios não comentaram o fato com ninguém?

Somente quando, 29 anos depois de sua morte, ao receber a mensagem de Maura, foi que o Dr. Waldemiro Naffah, para ter certeza de não estar sendo enganado pela mediunidade do Chico, procurou saber:

Primeiro:

- * Quem seria Maura Araújo Javarini? Teria existido mesmo?
- * Teria morado e morrido em S. José do Rio Preto?

- * Em caso positivo, teria sido suicida?
- * Se assim fosse, teria se matado em 11 de maio de 1932?

Para ter estas respostas, o Dr. Waldemiro Naffah dirigiu-se ao Ofício de Registro Civil de S. José do Rio Preto, onde ele próprio pôde ler, no livro nº C 16, página 140, sob o nº 1801, o registro de morte de Maura Araújo Javarini, em 11 de maio de 1932, às 18,30 horas, tendo como causa da morte, suicídio por envenenamento, através de lisol!

Segundo:

- * Quem seriam: Antonio Marino e Farid Mussi, mencionados por Maura Javarini?
- * Se existiram, teriam mesmo orado em favor dela?

Este fato foi confirmado pelo próprio Farid Mussi, que ainda se encontrava vivo. Aliás, ele mesmo ficou surpreso, pois pouco se lembrava daquele distante 1932 em que orou, junto ao amigo Antonio Marino, em benefício da mulher do padeiro, que seguia ao cemitério sem as bênçãos da igreja!

Incrível como duas orações solitárias, feitas em plena rua puderam ajudar tanto a um espírito sofredor, recém saído do corpo! E incrível também como, depois de 29 anos, Dona Maura ainda se recordava com gratidão e carinho das únicas criaturas que se lembraram dela em suas preces!

E que vergonha terão sentido outras pessoas, amigos e parentes, ao lerem sua mensagem, sabendo que jamais se lembraram dela numa oração!

Quanto ao relatado por Camilo, é muito revelador:

Há como que uma tela de televisão, muito grande, que mostra a **imagem** no tamanho natural **da pessoa que está orando** em benefício do desencarnado, de modo que este possa ver a pessoa e ouvir, as preces em seu favor!

2- As orações os auxiliam muito

Colaboram com o *adiantamento* e *alívio* do desencarnado.

Quando nossas orações são enviadas a DEUS, em benefício deles, há como que uma pausa em suas agônias; conseguem uma atmosfera de paz em torno de si, conseguem se lembrar de Deus e orar. Ao orar, o suicida atrai para junto de si os Espíritos Protetores que os aliviam.

O único momento em que os suicidas têm tréguas é quando alguém daqui da Terra lhes envia orações e pensamentos de paz.

Não há necessidade de longas rezas, nem de palavras especiais. Basta um Pai Nosso dirigido a Deus, em intenção àquele espírito. Bastam algumas palavras de carinho, palavras de apoio para serem levadas àquele que se matou. Ele as receberá como se fosse um remédio gratificante, como se fosse um anestésico para tantas dores, como se fosse um copo de cristal contendo água fresca para sua sede.

Que pena que haja ainda quem acredite que, para o suicida, só existam as penas eternas do inferno! Quem assim crê não ora para o irmão, o pai, o familiar, o amigo, o conhecido que se foi através do suicídio.

E este irmão, este pai, este amigo, este suicida, qualquer que seja ele, está tão necessitado!

Quando você, leitor, souber de alguém que se matou,

Não importa quem seja; não importa se for um desconhecido;

Não importa que haja sido um malfeitor, não importa que haja sido seu inimigo;

Não importa quanto tempo faz que ele se matou,

Não importa o nome, nem a posição social, nem os motivos que o levaram ao ato extremo.

Não importa se você soube da notícia através do jornal, da televisão, ou através de outra pessoa.

Reze por ele!

E quanto a você,

Fechas as portas ao mal!

Nunca pense no suicídio como a solução para os problemas. Como foi visto, o maior de todos os sofrimentos está a um milímetro após a porta da morte espontânea!

E aqui vai, fechando esta obra, a **Prece aos Suicidas**, da coletânea de preces do “*Evangelho segundo o Es-*

piritismo”:

PRECE POR UM SUICIDA

Sabemos, ó meu Deus, qual a sorte que espera os que violam a tua lei, abreviando seus dias; mas também sabemos que infinita é a Tua misericórdia.

Digna-te, pois, de estendê-la sobre a alma de (*nome*).

Possam as nossas preces e a tua piedade abrandar os sofrimentos pelos quais ele está passando por não haver tido a coragem de esperar o fim de suas provas.

Bom Espírito, que tendes por missão auxiliar os desgraçados, tome-o sob vossa proteção; inspirai-lhe o remorso pela falta que cometeu. Que a vossa ajuda lhe dê forças para suportar com calma as novas provas pelas quais há de passar.

Afastem dele os maus espíritos, capazes de o levarem novamente ao mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras expiações.

A ti, (*nome*), cuja desgraça motiva as nossas preces, nos dirigimos também, para te dizer que o desejamos que nossa oração te diminua o amargor e te faça nascer no íntimo, a esperança de melhor futuro. Nas tuas mãos está este futuro.

Confia na bondade de Deus, que acolhe a todos os arrependimentos e só se conserva fechado aos corações endurecidos.

Você que me lê, também é responsável!

Você é responsável pela vida de seus filhos, demais familiares, vizinhos, amigos.

Como o futuro suicida pode não aparentar nenhuma tendência para este tipo de ato, o melhor seria que todos fossem atingidos pelo presente livro.

Salve uma vida!

Dê, de presente, um exemplar desta obra a quem você ama.

Se não puder dar um livro, empreste o seu!

Faça uma fotocópia dele e passe entre seus conhecidos.

Peça que seja lida e passada adiante.

E converse com todos, dê atenção, faça um carinho, fale uma palavra de conforto a quem acredita que a vida não vale a pena. Conte o que acaba de ler. Conte como é o futuro dos que se matam.

Onde houver gente sofrendo e se lamentando; onde houver gente feliz e sorridente; onde houver gente solitária ou acompanhada, pode estar também um futuro suicida.

Não cruze os braços.

Faça a sua parte!

Arranque pessoas do suicídio e sua recompensa será bem maior do que imagina.

Vamos, você e eu, numa corrente de **amor ao próximo**, trabalhar em conjunto para diminuir o número de suicídios.

Somos todos responsáveis!

Cleunice

Livros consultados:

A vida escreve - Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira
Do país da Luz - Fernando de Lacerda
Estante da Vida — Francisco Cândido Xavier
Instruções psicofônicas - Francisco Cândido Xavier
Memórias de um Suicida — Yvonne A. Pereira
Nosso Lar - Francisco Cândido Xavier (*André Luiz*)
O céu e o inferno - Allan Kardec
O Evangelho segundo o espiritismo - Allan Kardec
O livro dos Espíritos - Allan Kardec
Os Martírios dos Suicidas — Almerindo Martins de Castro
Sobrevivência do espírito - Ramatis (*por Ercílio Maes*)
Vida no além - Francisco Cândido Xavier (*Caio Ramacciotti*)
Vozes do Grande Além — Francisco Cândido Xavier

SOBRE A AUTORA

CLEUNICE ORLANDI DE LIMA,

Nascimento aos 17 de janeiro de 1943 em Junqueira, município de Monte Aprazível - SP.
 Professora I, II e III, aposentada em 31 de janeiro de 1991.

Casada desde 1965 com Otávio Batista de Lima

Cinco filhos: Fernando (in memorian), Nicinha, Otavinho, Adolfo e Sônia.

Quatro netos: Otavinho III, Maria Luísa, Emmanuel e Lucius.

FORMAÇÃO:

• **Graduação:**

- **Pedagogia** na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. José do Rio Preto;
- **Estudos Sociais I** na Faculdade de Educação de Monte Aprazível;
- **Estudos Sociais II** na Faculdade Riopretense de Filosofia em S. José do Rio Preto;
- **Geografia** -Licenciatura Plena - na Faculdade de Filosofia de Catanduva;
- **Orientação Educacional**, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. José do Rio Preto;
- **Supervisão Escolar para Escolas e 1º e 2º Graus**, na Faculdade de Filosofia de Votuporanga;
- **Administração Escolar de 1º e 2º Graus**, na Faculdade de Educação de Monte Aprazível.

• **Especialização:**

- **Ensino das Disciplinas e Atividades Práticas dos Cursos Normais:** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto;

- **Aperfeiçoamento** no Colégio Estadual e Escola Normal Anísio José Moreira, em Mirassol, **obtendo medalha de ouro “Honra ao Mérito”** através da Fundação Cândido Brasil Estrela: **a melhor nota do Brasil: 9,9** fazendo jus ao prêmio estadual “Cadeira Prêmio”, que naquele ano (1965), deixou de existir.

HABILITAÇÕES:

- **Geografia,**
- **Psicologia da Aprendizagem,**
- **Didática do Ensino,**
- **Filosofia do Ensino,**
- **OSPB (Organização Social e Política Brasileira),**
- **EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros),**
- **Educação Moral e Cívica.**

ATIVIDADES PROFISSIONAIS NO EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO

- **Diretora de Escola e Vice Diretora de Escola**
- **Professora Efetiva I, II e III.** Aposentada desde 31 de janeiro de 1991.
- **Professora Polivalente**
- **Substituta na Rede Estadual, na Escola Edmur Neves, em Mirassol;**
- **Professora de Artes no Colégio São Paulo, em Mirassol;**
- **Professora de Redação na Escola Lucy Sicard Neves, em Mirassol.**
- **Professora de Geografia, OSPB e Estudos Sociais** na Escola Anísio José Moreira, em Mirassol.;

OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- **Bibliotecária** na Escola Estadual Prof. José Felício Miziara, em São José do Rio Preto.
- **Balconista**
“Loja Roupadada” em SJRPreto, “Loja Roupadada” em Votuporanga, “Bomboniere Cida”, “Empório Petrocelli”, “Cacareco Bar”, “Loja São José” e Floricultura “Tutti Fiori”;
- **Catadeira de café** em várias Máquinas de Café, em Mirassol;
- **Operária:** “Fábrica de Balas Joanida”, em Mirassol;
- **Recepcionista** e depois **enfermeira** na “Casa de Saúde São José”;
- **Agricultora:** Viveiro de Plantas Ornamentais, Horticultura e Cultura de Pimentas
- **Empresária:** Sócia Fundadora da Escola de Computação “Siga Informática”, Mirassol;
- **Pintora de óleo sobre tela,** com exposições locais e regionais.

PUBLICAÇÕES

Autora dos seguintes Livros

- **Título: “Depois do suicídio..”,** DPL Editora e Distribuidora de Livros Ltda - São Paulo
- **Título: “Depois do aborto..”,** DPL Editor e Distribuidora de Livros Ltda - São Paulo
- **Título do livro paradidático “O guarda – noturno”,** Editora do Brasil – São Paulo

Autora dos Livros Didáticos:

- **Título: “Professora de Papel – Histórias para Alfabetizar” -**
Trata-se de método independente criado dentro de sala de aula, atendendo profundamente nossas crianças, pois conhece suas necessidades e deficiências. Alcança alfabetizar dentro de **um só** ano letivo, **sem deixar resíduos de aprendizagem** para os anos posteriores. **É o único idealizado para crianças com deficiência de aprendizagem** Em uso em Clínicas de Fonoaudiologia, em Escolas de Educação Especial para Deficientes Auditivos, em classes para Deficientes Men-

tais, em escolas de todos os estados do Brasil. Encontra-se em uso também fora do país: Japão, Itália, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos.

(Descrição no site: www.professoradepapel.com.br)

- **Título: “Festa na Escola”** - obra para comemorações de eventos cívicos escolares

Outras publicações

- **Título: *Depois do suicídio...***, folheto de 20 páginas com distribuição gratuita a nível nacional e internacional. Republicado por CVVs, Polícia Militar de S.Paulo, Centros Espíritas e particulares, sempre com o propósito de salvar pessoas da morte voluntária. Há 18 anos, vem fazendo campanha contra o suicídio **editando e distribuindo gratuitamente** folheto de esclarecimento sobre as conseqüências deste ato.
- **Título: *Nos caminhos da Mata Uma – Mirassol – 100 anos de Histórias*** – No prelo – livro com 998 páginas elaborado a pedido da Prefeitura Municipal de Mirassol

Co-autora

- Participação, com o conto “*A última viagem*”, no livro “*19 Contos*”, antologia da Editora Verso, organizada pelo SENAC e lançado durante a Bienal do Livro em S. J. do Rio Preto, em 87.

Artigos em Jornais:

- **Título: “*Quem matou Tuca?*”**, que motivou um programa de televisão: Globo Repórter: “Ditadura da Balança”, em julho de 77.
- **Título: “*Carta Aberta ao Governador*”** ao então Governador Paulista Paulo Salin Maluf, no jornal Folha de S.Paulo em 79; republicada em jornais de todo o Brasil, lida e comentada em programas de rádio e TV, entre estes: Hebe Camargo e Flávio Cavalcanti.
- **Título: “*Faltas abonadas*”**, publicada pela Folha de S.Paulo, que levou a uma série de artigos dirigidos ao então Governador Paulo Salin Maluf e que motivou o fim dos atestados médicos nas faltas abonáveis dos professores de escolas estaduais, na década de 80.
- **Título: “*Causas da Decadência da Educação*”**, série de 11 artigos no “*Jornal dos Professores*” após pesquisa de 3 anos realizada entre alunos, pais, professores, diretores e pessoas ligadas à Educação.

Artigo em Revista Internacional

- **Título: “*Oração do Ciclista*”** – na Revista Seleções do Reader’s Digest, em dezembro de 77, sendo a **primeira mulher brasileira** a publicar nesta revista americana, **para 84 países, em 13 idiomas**.

PALESTRAS:

- **Título: “*Aborto não!*”** em escolas de Segundo Grau, clubes de jovens e Centros Espíritas.
- **Título: “*O que é o suicídio!*”** em Centros Espíritas e clubes de jovens.

- **Título: *Alfabetização e Fonética***

Para Professores e Especialistas de Educação:

de Escolas comuns Públicas e Particulares

Para professores de classes especiais:

Deficientes Auditivos e Deficientes Mentais

Para estudantes:

Faculdades de Pedagogia e Cursos de Magistério.

Secretaria Estadual de Educação nos Estados de Sergipe e Mato Grosso.

- **Já atendeu** a mais de 450 convites para cursos e palestras em 210 cidades de 9 estados: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Sergipe.

INSERÇÃO EM PROGRAMAS DE TV:

- Entrevistas jornalísticas nos programas:

- “*Momento do voto*”, TV Globo em 88, devido ao Movimento Moralizador da Política por ela criado, objetivando esclarecer a população sobre a importância do voto.
- “*Ditadura da Balança*” TV Globo em 77, sobre os regimes de emagrecimento que levam à morte.

OUTROS

- Promotora, em 83, na **FLE** (*Fundação para o Livro Escolar*), de encontros com escritores, proprietários e representantes de editoras do livro didático, onde expôs suas insatisfações quanto à qualidade do livro didático.

MEMBRO DE ENTIDADES E ORGANIZAÇÕES

- Membro da **UBE**: União Brasileira de Escritores.

HOMENAGENS:

Título *Honra ao Mestre*, pelas Escolas Porfírio Pimentel e Cons. Rodrigues Alves, em Macaúbal.

Homenageada “*Professora do Ano*” pelo CPP mirassolense, em 96.

Laureada: 1º troféu “*Mérito Cultural*” em 96, pelo Rotary Club e Fundação Cândido Brasil Estrela.

Homenageada pelo Rotary Club 8 de Setembro, em julho de 98, pelo *Dia do Escritor*.

Homenageada “*Escritora Mirassolense*” pela Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Mirassol.

Homenageada “*Escritora de Destaque*”, na Noite de Homenagens em 98.

Homenagem na Câmara Municipal de Mirassol, pelo *Dia da Mulher*, em 8 de março de 2006.

Homenagem pelo Rotary Club, pelo *Dia da Alfabetizadora* em 8 de Setembro, em setembro de 2006.

Homenagem no Clube da Terceira Idade Encontro com a Felicidade em 2007, pelo trabalho de alfabetização de idosos que vem realizando voluntariamente em Mirassol, desde 2003.

Homenageada pela Câmara Municipal de Mirassol com o título “*Cidadã Mirassolense*” no dia 13 de dezembro de 2008, por indicação do vereador Bill Guarnieri.

PLANTANDO ESCOLAS

Em 2003, aos 60 anos, Cleunice começou a plantar escolas para Alfabetização de Idosos, em projeto criado por ela: *Projeto PLIM – Primeiras Letras na Idade Madura*.

São salas de aula nos diferentes bairros para ensinar Leitura e Escrita à Terceira Idade, cujas professoras dão aula voluntariamente sob orientação da Professora Cleunice.

Foram criados 11 Núcleos de alfabetização de idosos em bairros diferentes, levando a escola até o aluno e não ficando imóvel e indiferente à espera dos alunos.

Destas 11 classes, a maioria deixou de funcionar por falta de apoio governamental.

O Projeto PLIM trabalha em benefício da velhice e velhinhos anônimos que nunca se sentaram numa cadeira escolar e cujo maior sonho é aprender a ler.

ATUALMENTE

Vem compondo, escrevendo e aplicando o Método de Alfabetização para Adultos e Idosos, sob o título: “Alfabetizando Gente Grande”.

Referido material é composto a partir das necessidades de seus próprios alunos, que escreve e aplica, num processo dinâmico de elaboração, experimentação, observação, correção, reaplicação dos conteúdos e observação dos resultados até que haja perfeito encontro de circunstâncias entre o criar e o aprender, de forma a se tornar trabalho científico, uma vez que são observados todos os passos da Ciência.

